

OLAIA E JÚLIO, OU A PERIQUITA:
novela nacional – edição e estudo

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Norma Leles Amaral Pereira

OLAIA E JÚLIO, OU A PERIQUITA:
novela nacional – edição e estudo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010

Agradecimentos

O esforço que se imagina grande possui variadas representações no diminuto universo humano: notável para alguns, necessário, simplesmente, para outros. Assim se constitui este trabalho: de natureza grandiosa para a autora e de caráter modesto, porém colaborador, para o estudo de nossas letras.

Recebam meus sinceros e eternos agradecimentos:

a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde concluí duas graduações e que atendeu prontamente a todas as minhas solicitações para a compra dos arquivos necessários ao desenvolvimento desta dissertação;

os professores desta Faculdade, que sempre se dispuseram a contribuir favoravelmente para meu crescimento intelectual e se tornaram, portanto, parte de minhas realizações acadêmicas;

a Professora e amiga Beatriz Vaz Leão, que me apresentou de maneira definitiva à língua francesa;

meus alunos, com quem partilho bons momentos do dia-a-dia em nossas aulas de francês e que se interessam com carinho pela minha pesquisa;

os colegas Eliana Petrillo Januzzi, Gilson José dos Santos e Harrison Martins, do grupo de estudos em Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, LIBRA, pela amizade e colaboração; em especial, o grande amigo Nilton de Paiva Pinto, pelo companheirismo desde os anos da graduação;

meus pais e familiares, que se comprazem generosamente com minhas conquistas; Egnaldo, parceiro e amigo de sempre; meus filhos Emile, Vinícius e Vanessa, que, sem muita alegria porém com grande compreensão, amenizaram o pop e o rock nos finais de semana para que eu pudesse estudar...

Ao Professor José Américo de Miranda Barros, minha gratidão e estima: por me iniciar na pesquisa acadêmica ainda no curso da graduação; pelas inúmeras horas de seu tempo dedicadas pacientemente à orientação de meu trabalho, inclusive em manhãs de domingo. Obrigada pelas aulas, e pela confiança desta tarefa.

Aos meus filhos e ao meu Amor, luzes na minha vida!

Afortunados os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos intransitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina. Tudo lhes é novo e no entanto familiar, aventuroso e no entanto próprio. O mundo é vasto, e no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas; distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um ao outro, pois o fogo é a alma de toda luz e de luz veste-se todo fogo. Todo ato da alma torna-se, pois, significativo e integrado nessa dualidade: perfeito no sentido e perfeito para os sentidos; integrado, porque a alma repousa em si durante a ação; integrado, porque seu ato desprende-se dela e, tornado si mesmo, encontra um centro próprio e traça a seu redor uma circunferência fechada.

(Luκάς)

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Introdução.....	8
Capítulo I	
O romance de folhetim e suas origens.....	15
Capítulo II	
O romance de folhetim no Brasil: primeiros passos.....	39
Capítulo III	
Romance: arte e realidade.....	71
Capítulo IV	
Critérios desta edição.....	94
Capítulo V	
<i>Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional – texto editado.....</i>	101
Conclusão.....	134
Referências bibliográficas.....	137
Anexo: fac-símile da edição príncipe.....	141

Resumo

Este estudo trata da edição do romance de folhetim *Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional*, publicado no periódico *O Beija-Flor*, no ano de 1830, e considerado o primeiro do gênero no Brasil. O trabalho se desdobra na investigação das origens do romance de folhetim, na França e no Brasil, e na análise da novela no contexto literário brasileiro, evidenciando a importância da obra na gênese do romance na Literatura Brasileira.

Palavras-chave:

Literatura Brasileira – Romance de folhetim – Romantismo – Século XIX

Résumé

Cette étude s'agit de l'édition du roman-feuilleton *Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional*, publié au périodique *O Beija-Flor*, en 1830, considéré le premier du genre au Brésil. Le travail se développe dans la recherche des origines du roman-feuilleton, en France et au Brésil, et dans l'analyse de ce roman au contexte littéraire brésilien, en mettant en évidence l'importance de l'oeuvre pour la genèse du roman dans la Littérature Brésilienne.

Mots-clés:

Littérature Brésilienne – Roman-feuilleton – Romantisme – XIX siècle

Introdução

On sait que la passion vit d'obstacles, naturels ou sacrés, coutumiers ou légaux; qu'elle s'en nourrit et même les invente au besoin. Sans les obstacles accumulés entre les amants légendaires il n'y aurait pas de roman...

La passion se faire rare de nos jours, s'il faut en croire nos romanciers. Ils savent bien que le roman véritable n'est jamais qu'une version renouvelée de l'archétype de Tristan et Iseut. Ils cherchent donc partout l'obstacle qui résiste, et n'en trouvent guère... Que deviendront nos romanciers? Il leur reste le réalisme, le regard pseudo-scientifique détaillant des objets communs ou des fichiers de cartes perforées...

(Denis de Rougemont, Préface de Tristan et Iseut)

Nos anos de 1830 e 1831, circulava na cidade do Rio de Janeiro a revista *O Beija-Flor – Annaes Brasileiros*. O periódico, como outros dessa época, propunha a discussão de assuntos como Política, Economia, Ciência e Arte. Com a diversificação do conteúdo dos periódicos que passaram a circular a partir da criação da imprensa régia, em 1808, surgem, nas páginas de cada número de jornal ou revista, os espaços destinados ao texto literário. A regularidade na divulgação desses impressos favoreceria a publicação de histórias em capítulos, prática importada da França, cuja influência nos costumes, na cultura e na arte do Brasil foi de notada importância no século XIX.

A novidade na forma de veicular o texto escrito contribuiu decisivamente também para o surgimento de um novo gênero na Literatura Brasileira, o romance de folhetim, que desempenhou uma função preponderante na gênese do nosso romance. Os episódios publicados em capítulos sucessivos nos jornais e revistas da época obtiveram imediatamente uma receptividade favorável por parte do público leitor, assim como ocorria na Europa.

Nos números 4, 5 e 6 de *O Beija-Flor*, foi publicada uma novela¹ intitulada *Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional*. Este teria sido o primeiro romance de folhetim da Literatura Brasileira e, também, o primeiro exemplar de ficção regionalista², nordestina no caso. A primeira informação que tivemos desse texto, a colhemos na obra de José Ramos

¹ Empregarei os termos “novela” ou “romance” para me referir ao texto *Olaia e Júlio, ou A Periquita*, objeto principal da pesquisa. Como explica a teoria da literatura, é tênue a diferença entre os gêneros *novela*, *conto* e *romance* (Cf. Afrânio Coutinho, 2001, p. 1168).

² Neste estudo não desenvolverei com detalhamento o conceito do termo “ficção regionalista”. Destinou-se maior tempo ao trabalho da edição propriamente dito.

Tinhorão³; nela, o autor registra *Olaia e Júlio* como a primeira da lista de romances de folhetim publicados no Brasil. Em sua enumeração, Tinhorão atribui a notícia ao artigo de Marlyse Meyer⁴, que, por sua vez, tinha se deparado com a informação da novela em Barbosa Lima Sobrinho⁵.

A partir de nosso interesse pelo trabalho de edição do texto, a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais adquiriu, da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, o microfilme contendo a cópia do periódico *O Beija-Flor*, e, nele, a edição príncipe do romance. De posse do texto, começamos a primeira etapa do trabalho: a transcrição de *Olaia e Júlio*, e o início das intervenções; essa etapa aconteceu ainda no curso de Graduação em Letras. O desenvolvimento da edição e a preparação dos capítulos da dissertação ocorreram efetivamente ao longo do Mestrado, nos dois anos seguintes.

O tipo de edição adotado foi a que Antônio Houaiss⁶ descreveu como “edição fidedigna”, que se destina aos textos modernos e justifica-se pela a viabilidade do trabalho em intervalo de tempo relativamente breve e sem o comprometimento da qualidade final do texto. Segundo o autor, para textos posteriores ao século XVI, a proposta mais adequada de edição “em que a totalidade das normas ecdóticas não seja observada” – “sem que, contudo, cesse a validade científica do trabalho” – é a que privilegia a “fidedignidade da publicação” (Cf. HOUAISS, 1967: 274). Uma “edição fidedigna” se justifica por razões de “economia” e “urgência”, e “estabelece um texto idôneo, fidedigno; porém, sem a totalidade do rigor ecdótico”, o que se aplica bem ao contexto brasileiro, pois o exercício de crítica textual, cujo objetivo é o estabelecimento crítico do texto, “além do rigor científico com que é de se presumir seja feito, é trabalhoso, moroso e, pois, dispendioso.”(Cf. HOUAISS, 1967: 274)

Nossa edição fidedigna, preparada, então, nos moldes propostos por Antônio Houaiss, está centrada nos princípios da metodologia científica que caracteriza um trabalho acadêmico; seu desenvolvimento se deu a partir dos seguintes procedimentos: 1. consulta a

³ *Os romances em folhetins no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 49-52.

⁴ “Uma novela brasileira de 1830” In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Nº 2, Universidade de São Paulo, 1967, p. 125-130. Este artigo também está publicado, com pequenas modificações, como, por exemplo, a tradução de trechos em francês na primeira publicação para o português, sob o título de “Uma novela franco-brasileira”, no livro de Marlyse Meyer *As mil faces de um herói canalha*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998, p. 333-345.

⁵ *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 11.

⁶ *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1967, p. 274.

um único exemplar-fonte, a cópia microfilmada; 2. indicação prévia de todos os critérios utilizados na edição; 3. registro rigoroso de todas as intervenções feitas no texto.

Ao longo dos semestres de pesquisa, deparamo-nos com uma nova referência à existência da novela *Olaia e Júlio*: trata-se da tese de doutorado, intitulada *A revista no Brasil, o século XIX*, de Carlos Roberto da Costa⁷. Em seu trabalho, comenta o autor, com propriedade, a importância da novela no contexto literário brasileiro e a dimensão da prática folhetinesca no século XIX entre nós. Além de citar e comentar o romance, o autor fez a transcrição do texto a partir da consulta ao periódico *O Beija-Flor* (segundo ele, também em cópia microfilmada). No entanto, ao transcrever os capítulos, publicados em números diferentes da revista, COSTA comete a distração de omitir a segunda parte da novela, afirmando, equivocadamente, ter ela apenas duas partes, publicadas somente nos números 5 e 6 de *O Beija-Flor* (Cf. COSTA, 2007: 78). Parece ter sido mesmo distração do autor porque é justamente no número 5 (citado por ele) que se encontra o capítulo suprimido de sua transcrição, ao passo que a primeira parte, transcrita na tese, está originalmente no número 4 do periódico (não citado por ele); ou seja, ele transcreve a parte de um número omitido e omite uma parte de um número citado. De fato, o primeiro capítulo encontra-se no número 4 dos *Annaes*, da página 108 à 129, totalizando 24 parágrafos; o segundo capítulo – o que não consta na transcrição incluída na tese de COSTA – está publicado no número 5, da página 145 à 158, e possui 21 parágrafos; o terceiro e último capítulo vem no número 6, da página 170 à 184, com 18 parágrafos.

Paralelo ao trabalho de edição, elaborou-se um estudo da gênese do romance de folhetim na Europa e no Brasil, e uma análise da novela *Olaia e Júlio*. Os primeiros capítulos da dissertação, destinados à investigação da origem do gênero folhetinesco, não apontam nenhuma novidade para os estudos literários, justamente por tratar de um assunto de ampla abordagem – tanto no que se refere à literatura francesa quanto à literatura brasileira – e, por isso, houve maior segurança ao elaborá-los. Já o capítulo que trata do romance propriamente dito propõe uma análise que tenta apreciar a articulação da estrutura do texto, em seus aspectos internos, com a função de construir a identidade nacional pela literatura. Pelo fato de não existir ainda uma fortuna crítica do texto, a abordagem feita nesta dissertação lidou apenas com aspectos básicos da estrutura da narrativa.

⁷ Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação; Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação; Linha de pesquisa: Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação, da **Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**, em São Paulo, 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes.

Nossa análise seguiu na direção da prioridade da “física das formas” (BOECHAT, 2003: 54), das “especificidades” do texto literário (TODOROV, 2006: 81), contemplando, no que se julgou necessário para a interpretação, aspectos contextuais relacionados à obra (CANDIDO, 2006: 13), como episódios históricos, políticos e sociais relevantes para o momento em que foi escrito o romance *Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional*. Pretendeu-se identificar, na novela, os elementos constitutivos do romance moderno, como *tempo, espaço, personagens e foco narrativo*. Dessa forma, a “dissonância”, por assim dizer, entre a “prioridade” dada aos aspectos formais e a consideração dos aspectos contextuais não compromete a análise do texto.

Com efeito, em que consiste exatamente o valor estético da novela? Que elementos caracterizam o exercício literário pré-romântico em *Olaia e Júlio*? E quais legitimariam o subtítulo *nacional*? Quanto à estrutura, como se apresenta o texto em sua organização formal? O narrador é bem sucedido em sua empresa romanesca? Caso haja problemas, quais são eles? Por que ocorrem? Quais os recursos literários utilizados para a elaboração da novela?

O enredo sentimental não interfere na atividade do narrador de fornecer minuciosas observações quanto às particularidades do ambiente nordestino, informando ao leitor pequenos detalhes do cotidiano sertanejo. O narrador da novela, ao adentrar numa fazenda no interior do Ceará para esconder-se de uma tempestade, conhece os donos da suntuosa propriedade – Júlio e Olaia – e, ao indagar sobre uma periquita empalhada na sala, recebe do proprietário Júlio um manuscrito em que estão relatadas as desventuras do jovem casal cearense: nascido numa família pobre, Júlio é lançado à própria sorte com a morte dos pais e de seu protetor, o padre local; perseguido por um bando de garotos, a criança se vê numa situação de desespero e é salva por uma garota rica, Olaia, cujo irmão liderava o grupo perseguidor. Comovida com a condição miserável do menino, Olaia dá a ele abrigo, alimento e uma periquita e recebe em troca um cordelzinho feito com os fios de cabelo da mãe de Júlio. Logo depois de encontrar uma expedição estrangeira que rumava para o norte do país, Júlio torna-se protegido do médico naturalista alemão que lidera o grupo e é levado a Hamburgo, para se tratar das sequelas da fome e da doença e estudar; durante a longa viagem de travessia do Atlântico, a periquita não resiste e morre, sendo, então, empalhada pelo médico. Apesar do amparo e do privilégio concedidos a ele, Júlio não se adapta ao clima europeu e sofre intensamente da saudade do Brasil. Beneficiado com grande quantia em dinheiro e conhecedor das necessidades da expedição alemã, Júlio se torna colaborador do dr. Williams,

prestando-lhe serviços aqui no Brasil. De volta a Pernambuco, ele aguarda ansiosamente a oportunidade de regressar ao Ceará, onde espera rever Olaia. Desta vez ele a encontra em situação de infortúnio, oposta àquela em que a encontrara no início da história. Assim, os dois se reencontram e, evidentemente, se casam, contemplando a expectativa de enredo melodramático característica da época. Sensibilizado com a história do casal, o narrador publica o relato em *O Beija-Flor*, em três episódios, prometendo fazer o mesmo com supostas correspondências trocadas entre ele e os recém-amigos, caso seja de interesse do público.

Essa novela traz algo de importante, considerado-se o cenário de 1830: além de ser o primeiro romance de folhetim de que se tem notícia em nossa literatura, ela traz por subtítulo a expressão *novela nacional*. Sabemos que a configuração da prosa de ficção no Brasil data do período romântico, no início dos anos de 1840 – de forma que *Olaia e Júlio, ou A periquita* surge como um romance que precede a fase romântica e possui, antecipadamente, um apelo nacionalista, que estaria tão em voga nos anos que se seguiram.

É preciso, entretanto, cautela na consideração da obra na série literária – para não atribuí-la exclusivamente ao “gênio” de seu autor: as possíveis inovações que ela traz podem ser explicadas por sua situação temporal, que a situa numa série, em que se pode encontrar, para ela, uma explicação e uma justificação. A ânsia de nacionalização que nela se manifesta no plano ficcional já estava produzindo outras manifestações no campo literário, como, por exemplo, o *Parnaso brasileiro*, de Januário da Cunha Barbosa, publicado pela Tipografia Imperial e Nacional, entre 1829 e 1832. Na ficção em prosa anterior, a paisagem e a ambientação eram estranhas à realidade nacional: em *Statira e Zoroastes* (1826), de Lucas José de Alvarenga, a ação se passa no Oriente; em *Aventuras de Diófanes* (1750), de Teresa Margarida da Orta e Silva, a ação, do mesmo modo, se passa em terras estranhas; e em *O predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1684), de Alexandre de Gusmão, a situação não é diferente. Talvez a única exceção ilustre seja *O Peregrino da América* (1730), de Nuno Marques Pereira.

Como nos explica BUENO, é necessário, então, atentar para o risco de não isolar obras ou intelectuais *idealizando-os* como empenhados, geniais ou extraordinários. Considerados “à frente de seu tempo”, estariam, então, fora da série literária e seriam, portanto, exceções dentro da própria expectativa histórica, demonstrando, assim, a ausência de sensibilidade à tradição: “Não. São intelectuais assumidamente de seu tempo” (BUENO, 2006: 16). O que se pretendeu neste estudo foi a recuperação da novela *Olaia e Júlio, ou A periquita*, através do trabalho de edição, de maneira a situá-la na perspectiva natural da

tradição literária brasileira sem nenhuma pretensão de caracterizá-la melhor ou pior que outras da mesma época. Ainda sobre o equívoco das idealizações de gênios dentro da sequência natural das histórias das literaturas⁸, BUENO afirma:

A questão a se colocar é se de fato esses escritores [os considerados *melhores*] têm a força de, para além de tirar do nada suas obras, conseguir legitimá-las num ambiente literário totalmente estranho a elas, ou se, ao contrário, a leitura que se faz da tradição da prosa brasileira de ficção não tem deixado de lado experiências importantes, de forma a dar a falsa impressão de que Guimarães Rosa e Clarice Lispector [por exemplo] são casos absolutamente isolados, verdadeiros meteoros caídos sobre nós para extinguir velhos dinossauros e iniciar uma era povoada de outros animais. (BUENO, 2006: 18)

Nota-se que nos primeiros jornais que circularam no Brasil – por exemplo, em *O Patriota*, de 1813 – existe a preocupação dos intelectuais luso-brasileiros com a atividade literária e, por consequência, com a própria constituição da identidade da Literatura Brasileira. Em correspondência ao redator, o colaborador de *O Patriota*, Domingos Borges de Barros, explicita a intenção de “tirar do caos” sua ode ao enviá-la ao primeiro número do periódico. Como bem observa AMARAL a propósito do sentido de identidade na época:

(...) É difícil entender, com precisão, o que significava em cada uma de suas múltiplas ocorrências esta palavra que eles tinham sempre na ponta da língua: “pátria”. E muitas vezes eles próprios parecem mal saber do que estão falando: do Império que lhes dava a identidade de “portugueses”? Do Brasil que recortava essa identidade no hemisfério sul, como “ultramarinos”? Ou da Bahia e de outras partes da América portuguesa onde terão nascido? Fossem quais fossem as pátrias, a contribuição deles como homens de letras, artes e ciências, segundo aspiravam, deveria correr no sentido de tirá-la do estado de indefinição em que caíra, com a acelerada mudança dos tempos. (Sérgio Alcides Pereira do Amaral, 2007: 103)

Compreender em que consistiria a ideia de identidade brasileira, de *pátria*, para quem vivia no Brasil de 1813 parece-nos tarefa delicada. Ainda em estado de indefinição, não obstante a independência política em 1822, encontramos a mesma situação literária em 1830, momento da publicação do nosso romance de folhetim.

A figura do sertanejo surge aí pela primeira vez. Heróis modernos, Olaia e Júlio aparecem num contexto em que o bem supera o mal, a força supera a fraqueza. Eles são

⁸ Luís Bueno, na introdução de *Uma história do romance de 30*, refere-se, evidentemente, à Literatura Brasileira ao tratar dos gêneros de análises literárias, como os de Silvano Santiago e Flora Süssekind, que restringem favoravelmente certos autores à categoria de *melhores*; considero que esta é uma noção que se aplica também às literaturas de diferentes nacionalidades.

conduzidos, por seus méritos, sua moral, sua honradez e sua dignidade, a um desfecho afortunado.

Capítulo I

O romance de folhetim e suas origens

Je vous le dis, monsieur, c'est la fin du monde. On n'a jamais vu pareils débordements de l'écolerie. Ce sont les maudites inventions du siècle qui perdent tout. Les artilleries, les serpentines, les bombardés, et surtout l'impression, cette autre peste d'Allemagne. Plus de manuscrits, plus de livres! L'impression tue la librairie. C'est la fin du monde qui vient.

*(Victor Hugo, **Notre-Dame de Paris**)*

Na arte não há (pelo menos no sentido científico) iniciador ou precursor. Tudo [está] no indivíduo, cada indivíduo recomeça, por sua conta, a tentativa artística ou literária; e as obras dos predecessores não constituem, como na ciência, uma verdade adquirida, da qual aproveita-se aquele que vem em seguida. Um escritor de talento hoje tem tudo por fazer. Ele não está mais avançado que Homero.

*(Proust, **Contre Sainte-Beuve**)*

O surgimento do romance folhetim, subgênero do romance, está diretamente ligado à democratização do jornal na França dos séculos XVIII e XIX: considerando-se a ampliação dos meios de comunicação da época e a diversificação da oferta no mercado literário, criou-se a necessidade de atender a demandas do novo público – a classe burguesa. Com a crise do Antigo Regime e o evento da Revolução Francesa, a sociedade ganha novo formato, e as novas exigências ultrapassam os domínios político e econômico; trata-se de uma profunda transformação do pensamento, uma nova maneira de refletir e enxergar o mundo. Embora a mudança de mentalidade tenha sido uma realidade da época para todo o ocidente, é a França a fonte das inovações político-ideológicas para outros territórios. Nas palavras de HOBBSAWM, um dos maiores historiadores do século XX:

A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas socioeconômicas tradicionais do mundo não-europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas idéias, a ponto de bandeiras tricolores de um tipo ou de outro terem-se tornado o emblema de praticamente todas as nações emergentes, e as políticas européias (ou mesmo mundiais), entre 1789 e 1917, foram em grande parte lutas a favor e contra os princípios de 1789, ou os ainda mais incendiários de 1793. A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário de nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A Ideologia do mundo moderno atingiu, pela influência francesa, as antigas

civilizações que até então resistiam às idéias européias. (...) O resultado da Revolução Francesa foi o de que a era de Balzac substituiu a era de Mme. Dubarry. (HOBSBAWM, 2002: 7)

Não poderia ter sido diferente nas manifestações artísticas, entre os intelectuais da época, que constituíam a minoria de prestígio pela proximidade com a corte. De acesso restrito e privilegiado, o livro, por exemplo, destinava-se, até a primeira metade do século XIX, à elite da sociedade. Somente pessoas cultas e socialmente prestigiadas compunham o público leitor de livros impressos – com baixa tiragem, raros volumes e altos preços.

Antes de 1830, pode-se falar de um Antigo Regime do livro. Os livros são raros e caros. As bibliotecas particulares são o privilégio das classes cultas. As modestas bibliotecas comportam apenas clássicos dos séculos XVII e XVIII (as *Fábulas* de La Fontaine, o *Telêmaco* de Fénelon e o *Catecismo histórico* de Fleury) e alguns livros de história e de viagem. O crescimento da produção desde a Restauração, graças à estereotipia, beneficia sobretudo a reimpressão de obras antigas. Muito raras são as grandes tiragens.⁹ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 340)

As mudanças profundas pelas quais passaram a França e outros povos do mundo ocidental, inclusive colônias americanas que se tornaram nações no século XIX, foram determinantes para que uma parte considerável das populações passasse a ter acesso à produção literária da época. Alteraram-se, assim, os temas abordados, os gêneros mais divulgados, a relação do leitor com a obra e, sobretudo, o meio de circulação disponível: era a chegada do romance moderno, mais especificamente, do romance romântico. A crise do sujeito, acentuada no período pós-revolucionário, faz do XIX “um século de invenção do *eu* e do mundo”, é o momento em que o sentimento de nacionalidade opera em todas as esferas sociais. As condições históricas favorecem o surgimento de uma nova mentalidade: urbanização, “igualdade” civil que emancipa os indivíduos, maior perspectiva de vida; abre-se na literatura espaço aos “tormentos do indivíduo”, à “expansão do individualismo” (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 308):

A escrita se oferece então como o barômetro espiritual (Baudelaire, *Poema do haschich*) que permite ao indivíduo isolado não se perder. A literatura visa menos à representação que à expressão de si, menos à mimesis que à significação. (...) Antes do século XIX, um escritor não se pensa como um escritor francês; Descartes, que morre na Suécia depois de ter passado o

⁹ “Avant 1830, on peut parler d’un Ancien Régime du livre. Les livres sont rares et chers. Les bibliothèques privées restent le privilège des classes cultivées. Les bibliothèques modestes ne comportent guère que des classiques du XVIIe. et du XVIIIe. siècle (les *Fables* de La Fontaine, le *Télémaque* de Fénelon et le *Catéchisme historique* de Fleury) et quelques livres d’histoire et de voyage. L’accroissement de la production dès la Restauration, grâce à la stéréotypie, profite surtout à la réimpression d’ouvrages anciens. Très rares sont les gros tirages.” (tradução minha)

essencial de sua vida na Holanda, não se glorificava de ser o pai do espírito cartesiano francês, mas o filósofo de um método universal.¹⁰ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 308)

Podemos pensar na novidade do jornal, fruto da industrialização, o principal recurso de divulgação de ideias no século XIX. Por meio desse veículo, os leitores passavam a partilhar um senso de identidade comum. Os fatores políticos, econômicos e sociais que atuavam interna e externamente na França colaboraram para uma circulação dinâmica e diversificada de informações, reduzindo os custos e facilitando a distribuição dos impressos que se tornariam veículos de divulgação de novidades, fossem elas de natureza política, científica, comercial ou artística.

O registro dos primeiros jornais franceses data ainda do final do século XVII e nos informa que tais periódicos destinavam-se apenas à atividade informativa, inicialmente voltados para as questões científicas e relatos de viagem. Dentre esses impressos citamos *Le Journal de Sçavants*, de 5 de janeiro de 1665: fundador da imprensa científica; o *Mercur Galant*, 1672-1723, que se torna *Mercur de France*, 1724-1832: periódico de variedades; o *Journal de Paris*, primeiro diário do país impresso de 1777 a 1840. Com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 28 de agosto de 1789, cresce a liberdade da imprensa e aumentam as publicações neste período. Diz o artigo 11 da Declaração: “a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do Homem...”. Inúmeros periódicos de curta duração surgem na última década do século XVIII, evidenciando um momento político instável:

Liberdade total da imprensa (1789-1792), depois mais restrita (1793-1799), período conturbado que conhecerá uma imprensa muito abundante: entre maio de 1789 e dezembro de 1799, mais de 1500 periódicos de todas as formas e tendências aparecerão: *L’Ami du peuple ou Le Publiciste parisien*, redigido por Marat (setembro/1789-julho/1793) é o mais célebre; ele terá mais de 50 falsificações em Paris e no interior.¹¹ (DELAUNAY, 2009, BPI)

¹⁰ “L’écriture s’offre alors comme le *baromètre spirituel* (Baudelaire, *Poème du haschich*) qui permet à l’individu isolé de ne pas se perdre. La littérature vise moins à la représentation qu’à l’expression de soi, moins à la mimésis qu’à la signification. (...) Avant le XIXe. siècle, un écrivain ne se pense pas comme un écrivain *français*; Descartes, qui meurt en Suède après avoir passé l’essentiel de sa vie en Hollande, ne se glorifiait pas d’être le père de l’esprit cartésien *français* mais le philosophe d’une méthode universelle.” (tradução minha)

¹¹ “Liberté totale de la presse (1789-1792) puis plus restreinte (1793-1799), période troublée qui connaîtra une presse très abondante: entre mai 1789 et décembre 1799, plus de 1500 périodiques de toutes formes et tendances paraîtront. *L’Ami du peuple ou le Publiciste parisien* rédigé par Marat (sept. 1789-juil. 1793) est le plus célèbre; il connaîtra plus de 50 contrefaçons à Paris et en province.” (tradução minha)

O regime do império coibiu duramente a circulação de informações e, com isso, reduziu a publicação legal na França no início do século XIX, ficando cada vez mais limitada a liberdade de expressão. Em 1811, por exemplo, apenas 4 jornais têm autorização para circular em Paris e 1 em cada departamento no interior, dentre eles a *Gazette de France* e o *Moniteur universel*. Graças ao contexto sócio-econômico da época, a imprensa vai se desenvolver ao longo do século XIX antes de atingir seu apogeu na Terceira República.

A invenção do livro de bolso também contribuiu, com a redução considerável do preço do material impresso, para a democratização da leitura e do acesso ao livro.

Os anos 1830 inauguram o novo regime que permitirá passar rapidamente do livro raro a uma acumulação de livros, e favorecer o desenvolvimento do romance. “Este matará aquele. O livro matará o edifício” escreve Hugo em *Notre-Dame de Paris*. É na França que são inventadas as coleções em formato de bolso. Desde a Revolução, circulavam pequenos volumes baratos in-12 de textos dramáticos. Em 1811, introduzem-se, de todo, pequenos livros in-32, que têm o mérito de enganar a fiscalização da polícia ou da aduana: sob o Segundo Império, este formato será utilizado para os livros destinados aos viajantes de trem ou para os livros proibidos na França, como *Napoléon le petit*, de Victor Hugo. Mas a modernidade passa pelo in-18 (18,5 por 11,5 centímetros), introduzido em 1838 por Charpentier para a publicação da *Physiologie du goût*, de Brillat-Savarin; cada volume pode conter o dobro de texto de um in-8 pela metade do preço.¹² (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 341)

Desses inúmeros livrinhos que surgiam no mercado, gabinetes de leitura foram formados e se transformaram em espaços de acesso aos romances de gosto popular. Embora promovessem a socialização da cultura entre os indivíduos de diferentes classes e democratizassem o acesso à literatura, os gabinetes ainda possuíam um certo caráter seletivo, pois tinham o requisito da assinatura. O esforço para atender aos muitos leitores interessados em adquirir os volumes levou alguns impressores à prática da “pirataria”:

Aristocráticos, burgueses e domésticos se apertam nos gabinetes de leituras cujos romances formam frequentemente 80 e 100% do acervo, e lhes permitem ler uma publicação vendida até então exclusivamente por assinatura. Aos que querem possuir seus livros, oferecem-se as falsificações

¹² “Les années 1830 inaugurent le nouveau régime de l’imprimé qui va permettre de passer rapidement du livre rare à une accumulation de livres, et favoriser l’essor du roman. ‘Ceci tuera cela. Le livre tuera l’édifice’ écrit Hugo dans *Notre-Dame de Paris*. C’est en France que sont inventées les collections en format de poche. Depuis la Révolution circulaient de petits volumes bon marché in-12 de textes dramatiques. En 1811, on introduit de tout petits livres in-32 qui ont le mérite de tromper la surveillance de la police ou de la douane: sous le Second Empire, ce format sera utilisé pour les livres destinés aux voyageurs en chemins de fer ou pour les livres interdits en France, comme *Napoléon le Petit* de Victor Hugo. Mais la modernité passe par l’in-18 (18,5 sur 11,5 centimètres) introduit en 1838 par Charpentier pour la publication de la *Physiologie du goût* de Brillat-Savarin; chaque volume peut contenir le double de texte d’un in-8 pour un prix moitié.” (tradução minha)

fabricadas na Bélgica, numerosas nos anos de 1830-1840, que difundem, sem pagar direitos aos autores, textos franceses em pequeno formato.¹³ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 341)

Esses gabinetes se espalharam de tal forma na Europa, que passaram a ser uma ameaça ao poder constituído. O perigo estaria na aglomeração de pessoas num ambiente de interação, o que eventualmente poderia colocar em risco a ordem pública. Para Roger Chartier esse novo hábito foi

(...) como um perigo para a ordem pública, como um narcótico ou como um desregramento da imaginação e de sentidos, esse ‘furor de ler’ choca os observadores contemporâneos. Ele tem, sem dúvida alguma, um papel essencial nos distanciamentos críticos que, em toda parte na Europa, e especialmente na França, afasta os súditos de seu príncipe e os cristãos de suas igrejas.¹⁴

As palavras do historiador revelam bem como a burguesia ainda não tinha se consolidado, e seu fortalecimento representava temores e incertezas para as classes privilegiadas do Antigo Regime.

A ilustração e a fotografia são também elementos que participam da nova modalidade da chamada *grande presse*. Gustave Doré, por exemplo, foi criador de mais de 10.000 ilustrações em jornais e livros da época. Entre as mais célebres, estão as que ilustram as *fábulas* de La Fontaine, vários *contos* de Charles Perrault e obras como *A divina comédia*, *A Bíblia de Jerusalém*, *Dom Quixote*, *Gargantua e Pantagruel*, *Notre-Dame de Paris* e *Le nouveau Paris*, de Émile de Labédollière. Esta última obra narra, de maneira pitoresca e bem humorada, a história dos 20 *arrondissements* de Paris, completamente “restaurados” pelo então prefeito Barão Haussmann. Logo nas primeiras páginas do livro de Labédollière fica clara a intenção de Doré ao retratar em suas imagens o contraste entre a realidade do operário, que fora “empurrado” para a periferia em condições desumanas, e o glamour da cidade. Nessas imagens ficaram registradas demolições e transporte de entulho durante a reforma, reuniões de burgueses na bolsa de valores, comércio no mercado de jornais da rua

¹³ “Aristocrates, bourgeois et domestiques se pressent dans les cabinets de lectures dont les romans forment le plus souvent entre 80 et 100% des fonds et qui leur permettent de lire une presse vendue exclusivement par abonnement. Ceux qui veulent posséder leurs livres s’offrent les contrefaçons fabriquées en Belgique, nombreuses dans les années 1830-1840, qui diffusent, sans payer des droits aux auteurs, des textes français en petit format.” (tradução minha)

¹⁴ CHARTIER apud GOMES, Daniel Saturno, ano, página. Transcrevi esta citação de um trabalho de mestrado encontrado na internet, da autoria de Daniel Saturno Gomes, que se apresenta como mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A referência do autor é CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994, p. 100.

Montmartre, apresentação de palhaços do *Circo Napoleão*, cotidiano de um convento de crianças na rua da Roquette, agitação do cabaré *Le petit-Ramponneau*, reclamação no tribunal contra um cocheiro – todas as cenas retratadas com um senso de realidade impressionante. O contraste entre a miséria e o luxo é o ponto central das gravuras; elas denunciam a falta de consciência social do poder instituído, que decidiu “limpar” a cidade, expulsando de suas regiões centrais os pobres. O poema de Baudelaire *Les yeux des pauvres* é também um exemplo de como a reforma de Paris pelo Barão Haussmann massacrou a classe operária nos subúrbios da cidade, a proposta era de “embelezar” e “sanear” a capital francesa, mesmo que a grande parte da população fosse duramente penalizada.

Gustave Doré foi o criador do maior número de ilustrações do século XIX, o que o torna responsável por um dos mais importantes repertórios iconográficos da época. Além da importância que sua obra tem pela extensão, a qualidade artística irrefutável de seu trabalho sensibiliza ainda hoje os leitores.



Ilustração de Gustave Doré: frontispício de *Le Nouveau Paris*.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Doré)



Le départ pour Belleville.

Ilustração de Doré em *Le Nouveau Paris*: *Le départ pour Belleville*, 1860.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Doré)



Une réclamation contre un cocher.

Ilustração de Doré em *Le Nouveau Paris: Reclamação contra um cocheiro*, 1860.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Doré)



Le public de Champ de Mars les jours de revue.

Ilustração de Doré em *Le Nouveau Paris: O público do Champs de Mars em dias de revista*, 1860.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Doré)



Ilustração de Doré em *Chapeuzinho Vermelho*, dos Irmãos Grimm.

(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Doré)

O emprego de imagens no texto literário foi uma prática corrente como recurso para tornar atraentes os impressos (livros, jornais e revistas) destinados ao agora grande público leitor; tal artifício colaborou diretamente na disseminação do texto, que incluía, então, escrita e imagem. No Brasil, esse recurso se efetivaria somente no final do século XIX.

A ilustração ampliou também o acesso do público à literatura. Ou, para retomar um trocadilho do tempo, é Victor Hugo ilustrado que torna Victor Hugo ilustre. A idade de ouro da ilustração – entre 1830 e 1840 – é também a idade de ouro do romantismo e da alfabetização. Mesmo a palavra “ilustração” toma, somente por volta de 1830, seu sentido moderno de imagem associada a um texto impresso. A invenção da litografia no início do século tinha permitido produzir ilustrações melhores que as gravuras da técnica antiga em madeira. Vê-se aparecer primeiro, no final dos anos 1820, vinhetas frontispícias que facilitam o lançamento de novidades: *Notre-Dame de Paris* traz em frontispício uma vinheta de Johannot mostrando um Quasímodo deformado; depois vêm as vinhetas múltiplas. As edições sucessivas de *Notre-Dame de Paris* mostram bem a inflação das gravuras: de três, na edição original, de março de 1831, até duzentas gravuras, na edição de 1877 (Hugues); a literatura torna-se, então, o suporte de um tesouro de imagens.¹⁵ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 343)

Ao lado de Doré, outros artistas também contribuía com suas imagens. O citado Tony Johannot, nascido na Alemanha em 1803, dedicou sua vida às ilustrações e às pinturas na França do século XIX, depois de participar ativamente no processo de desenvolvimento da litografia. A importância de Johannot foi reconhecida ainda por seus contemporâneos em elogio como o de Théophile Gautier, poeta, romancista, pintor e crítico de arte da época. O escritor afirma que

Tony Johannot é, sem dúvida, o rei da ilustração. Há alguns anos, um romance, um poema não podia aparecer sem uma vinheta em madeira assinada por ele: quantas heroínas em pequeno tamanho, de pescoço bem talhado, de cabelos molhados reluzentes, de pé imperceptível, ele confiou ao papel da China! Quantos vadios em farrapos, cavaleiros armados dos pés à cabeça, dragões escamados e dotados de grandes unhas, ele semeou sobre as capas cor de manteiga ou amarelo claro vivo dos romances da idade média; toda a poesia e toda a literatura antiga e moderna lhe passaram pelas mãos: a Bíblia, Molière, Cervantes, Jean-Jacques Rousseau, Walter Scott, Lord

¹⁵ “L’illustration élargit aussi l’accès du public à la littérature. Ou, pour reprendre un calembour du temps, c’est Victor Hugo illustré qui rend Victor Hugo illustre. L’âge d’or de l’illustration – entre 1830 et 1870 – est aussi l’âge d’or du romantisme et de l’alphabétisation. Le mot même d’‘illustration’ ne prend que vers 1830 son sens moderne d’image associée à un texte imprimé. L’invention de la lithographie au début du siècle avait permis de produire des illustrations à meilleur que la technique ancienne de la gravure sur bois. On voit apparaître d’abord, à la fin des années 1820, des vignettes frontispice qui facilitent le lancement de nouveautés: *Notre-Dame de Paris* porte en frontispice une vignette de Johannot montrant un Quasimodo grimaçant; puis viennent les vignettes multiples: les éditions successives de *Notre-Dame de Paris* montrent bien l’inflation des gravures, de trois dans l’édition originale de mars 1831, jusqu’à deux cents gravures dans l’édition de 1877 (Hugues); la littérature devient ainsi le support d’un trésor d’images.” (tradução minha)

Byron, Bernardin de Saint-Pierre, Goethe, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, todos, ele ilustrou. Seus desenhos figuram nestes volumes admiráveis, e ninguém os acha fora de propósito. – Ao lado destas páginas sublimes, destes versos harmoniosos, eles são um ornamento e não uma simples imagem; o que tantos gênios sonharam, ele pôde reproduzir e transportar em sua arte.¹⁶



Colaboração de Tonny Johannot nas ilustrações deste romance de Musset, 1856.
(Fonte: Biblioteca Nacional)

¹⁶ “Tony Johannot est sans contredit le roi de l’illustration. Il y a quelques années, un roman, un poème ne pouvait paraître sans une vignette sur bois signée de lui: que d’héroïnes à la taille frêle, au col de cygne, aux cheveux ruisselants, au pied imperceptible, il a confiées au papier de Chine! Combien de truands en guenilles, de chevaliers armés de pied en cap, de tarasques écaillées et griffues, il a semé sur les couvertures beurre-frais ou jaune-serin des romans du moyen âge; toute la poésie et toute la littérature ancienne et moderne lui ont passé par les mains: la Bible, Molière, Cervantes, Jean-Jacques Rousseau, Walter Scott, Lord Byron, Bernardin de Saint-Pierre, Goethe, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, il les a tous compris. – Ses dessins figurent dans ces volumes admirables, et nul ne les trouve déplacés. – À côté de ces pages sublimes, de ces vers harmonieux, ils sont un ornement et non une tache; ce que tant de génies divers ont rêvé, il a pu le rendre et le transporter dans son art.” (tradução minha) [“Papel da China”: tipo de papel especial e nobre para impressão.]

Os exemplos de Doré e Johannot mostram-nos a importância da imagem no processo de desenvolvimento da imprensa, sobretudo no texto literário. A socialização e a expansão das publicações devem-se, em grande medida, à associação do texto escrito à ilustração, o que contribuiu para despertar o interesse do leitor da nova modalidade de literatura num novo veículo de transmissão.



Ilustração de Johannot: frontispício de *Kenilworth*, de Walter Scott, 1826.
(Fonte: http://fr.wikipedia.org/wiki/Tony_Johannot)

Outra novidade que circulava na imprensa da época era a publicidade nos jornais, prática que surgiu na Inglaterra e ajudou a reduzir os custos das publicações. Além de torná-las mais baratas, esta prática “arejava” as matérias e oferecia, no conjunto, um conteúdo mais acessível.

Considerados todos esses elementos que compunham a sociedade europeia do século XIX, passemos ao nosso romance folhetim, propriamente dito.

Concebido por Émile Girardin, o *roman feuilleton* nasceu na França nos anos de 1830. Diante do público leitor cada vez mais abrangente e da necessidade de ampliar e diversificar o conteúdo dos periódicos, o político e publicitário percebeu as condições favoráveis à circulação de uma literatura popular que, apesar do baixo custo dos livros de

bolso e de estar disponível para os assinantes nos gabinetes de leitura, poderia alcançar faixas de leitores ainda mais amplas. A ideia era agradar o leitor e, com isso, aumentar as vendas. De natureza leve e recreativa, histórias de diferentes gêneros, com temas dramáticos, críticos ou românticos, começaram a ser publicadas “em pedaços”. A grande “isca” para atrair a atenção do público era a deixa “continua no próximo número”; é assim que surge o texto literário destinado exclusivamente ao jornal.

O *Lazarillo de Tormes* foi o primeiro a receber esse tratamento [*roman feuilleton*], em 1836, e, logo no fim do mesmo ano, Girardin encomenda expressamente a um autor, Balzac, uma novela para sair em série, *La vieille fille*. Nota-se, pois, que na origem, e assim vai ser pelo romantismo afora (época em que o romance é o gênero literário dominante), o romance-folhetim é essencialmente uma nova concepção de lançamento de ficção, qualquer que seja seu autor e o campo que abranja. (MEYER, 1996: 31)



Ilustração de Pierre Vidal em uma edição de 1897 do romance folhetim de Balzac *La vieille fille*, 1836.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Vidal-Naquet)

O sucesso da “literatura encomendada” foi tão grande que autores já consagrados se renderam à estética e ao formato do romance folhetim, que proliferou na França com Eugène Sue, Ponson du Terrail. A proliferação desse subgênero (no sentido de estar dentro do gênero romanesco) alcançou os mais improváveis escritores da época e foi incontestavelmente a forma de publicação predominante daquele momento.

A literatura é então uma extensão da pedagogia cívica, mas este negócio de Estado é também, cada vez mais, negócio de dinheiro. Meios técnicos novos permitem a democratização da leitura. A edição popular, a imprensa barata, o livro ilustrado, a fotografia fazem o texto e a imagem entrarem na era da reprodução infinita.¹⁷ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 340)

Muitas foram as reações e críticas negativas à nova forma romanesca. Liderados por Sainte-Beuve, que defendia ferrenhamente a literatura culta, críticos e alguns autores desqualificavam a “industrialização” da arte sujeita à técnica do suspense para a continuação da trama, de acordo com a receptividade do mercado. É interessante pensar na mudança de preferência dos chamados escritores “cultos” para a “moda” do folhetim. Para Marlyse Meyer, mesmo que se considere que as condições de produção e de recepção passaram a exercer influência direta na estrutura narrativa, este é um assunto que ainda está por ser estudado (MEYER, 1996:31). Vejamos como o crítico escritor, contemporâneo ao folhetim, avalia a qualidade literária de uma obra e de qual método se utiliza:

A literatura não é, para mim, distinta ou pelo menos separável do resto do homem e da organização... Não se saberia por que maneiras e meios proceder para conhecer um homem, ou seja, por nenhuma outra coisa que não um espírito puro tanto que ao formularmos sobre um autor um certo número de questões e não termos resposta, a não ser por ele mesmo e sorrateiramente, não estaríamos seguros de resistir a isto por completo, muito embora essa questões pudessem parecer as mais estranhas diante da natureza de seus escritos: Que pensava sobre religião? Como era afetado pelo espetáculo da natureza? Como se comportava em relação a mulheres, dinheiro? Era rico, pobre; qual era seu regime, sua maneira de viver diariamente? Qual era seu vício ou seu ponto fraco? Nenhuma das respostas a estas questões é indiferente para julgar o autor de um livro e o próprio livro, desde que tal livro não seja um tratado de geometria pura, desde que seja sobretudo uma obra literária, isto é, algo onde entra de tudo.” (SAINT-BEUVE, *apud* PROUST, 1909: 51)

¹⁷ “La littérature est donc une branche de la pédagogie civique, mais cette affaire d’État est de plus en plus aussi affaire d’argent. Des moyens techniques nouveaux permettent la démocratisation de la lecture. L’édition populaire, la presse bon marché, le livre illustré, la photographie font entrer le texte et l’image dans l’ère de la reproduction indéfinie.” (tradução minha)

É claro que o Positivismo esteve presente em todas as esferas da vida e do pensamento no século XIX, e não poderia ter sido diferente com a crítica literária; a cada tempo, sua forma de entender o mundo. Ressalvados os devidos exageros, Saint-Beuve, naturalmente, valeu-se de recursos disponíveis em sua época: aplicou o método científico na arte; compreenderíamos mais tarde a ineficácia dessa prática. Entretanto, o fenômeno do romance folhetim foi de tal forma expressivo que surpreendeu inclusive os próprios escritores; não nos admiremos com Sainte-Beuve. Artigos da época comprovam esta preocupação com a situação da literatura:

Os escritores estão, bem cedo, conscientes dessa agitação que modifica mesmo as condições da criação: Balzac publica uma série de artigos alarmistas (“Do estado atual do mercado literário”, 3 de março de 1830; “Carta destinada aos escritores franceses do século XIX”, 1º de novembro de 1834) e Sainte-Beuve dá um nome a este fenômeno novo, “literatura industrial” (1º de setembro de 1839). A passagem do Antigo Regime do livro à produção de massa é, entretanto, um lento processo.¹⁸ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 340)



Balzac

(Fonte: http://i-kant.blogspot.com/2008_04_01_archive.html)

¹⁸ “Les écrivains sont très tôt conscients de ce bouleversement, qui modifie les conditions même de la création: Balzac publie une série d’articles alarmistes (‘De l’état actuel de la librairie’, 3 mars 1830; ‘Lettre adressée aux écrivains français du XIXe. Siècle’, 1^{er} novembre 1834) et Sainte-Beuve donne un nom à ce phénomène nouveau, ‘De la littérature industrielle’ (1^{er} septembre 1839). Le passage de l’Ancien Régime du livre à la production de masse n’est pourtant qu’un lent processus.” (tradução minha)



Les Mystères de Paris, d'Eugène de Sue, 1842-43.

(Fonte: <http://www.allposters.com/-sp/A-Tavern-Illustration-from-Les-Myeteres-De-Paris-by-Eugene-Sue-180457-Publi>)

A historiografia literária, de uma forma geral, registra também a recepção negativa do romance folhetim na França do século XIX. Contudo, embora não fosse bem aceita pelos críticos, a novidade dos romances publicados nos jornais, em capítulos elaborados sob a fórmula do melodrama e do suspense, usufruía de largo público leitor, cuja exigência intelectual foi questionada. Tomada como exemplo uma história literária de 1854, que compreende o período de 1830 a 1848 (portanto não muito distanciada de seu objeto de análise), consideramos digno de nota o que se diz acerca do folhetim:

A literatura tornou-se uma espécie de lanterna mágica em que as imagens mais incoerentes passaram sob os olhos de um público pouco exigente, que consentiu, sem muita dificuldade, ver o dia seguinte desmentir a véspera; e, se escreveu da mesma forma como se lia no dia a dia. Uma vez que a narrativa desenvolveu-se rapidamente, que foi cortada de maneira a deixar, a cada dia, o interesse em suspenso, que as peripécias multiplicaram-se e que as situações foram sempre estendidas, as paixões superexaltadas, fez-se barateamento da moral, da verossimilhança, do estilo e de todas as qualidades literárias.¹⁹ (NETTEMENT, 1854: 279)

¹⁹ “La littérature devint une espèce de lanterne magique où les images les plus incohérentes passèrent sous les yeux d’un public peu exigeant, qui consentit, sans trop de peine, à voir le lendemain démentir la veille; et, comme on lisait au jour le jour, on écrivit de même. Pourvu que le récit marchât vite, qu’il fût coupé de manière

Ainda no que se refere à crítica, a democratização e a popularização das publicações foi alvo de muitos ataques da elite. Suavizar o conteúdo dos textos, baixar preços e, conseqüentemente aumentar a circulação, significou, de certa forma, afastar-se dos padrões de gosto dos salões e das academias do século XVIII. O sentimento de perda de prestígio provocado nos escritores mais “exigentes” pelas novas reputações literárias era compartilhado por alguns críticos, que assistiam à “avalanche” da literatura de massa nos jornais e nos gabinetes de leitura. Produzir segundo a conveniência, a regra de ouro do mercado, era o que importava.

Balzac explica isso em um artigo de 22 de agosto de 1833 (“Do estado atual da literatura”): “A cada porção do público, sua literatura especial: literatura para os modistas, literatura para as salas, literatura burguesa, literatura de mulher, literatura dos dândis, literatura aristocrática”. Aliás, o próprio Balzac era reputado por agradar às mulheres...²⁰ (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 349)



A Comédia humana, de Balzac.

(Fonte: <http://dl.lib.brown.edu/paris/authors.html>)

Um dos escritores que mais produziu narrativa ficcional publicada em capítulos foi Alexandre Dumas. De acordo com os artigos da época, foi justamente a quantidade que comprometeu a qualidade de seu trabalho; exemplo este, aliás, bem interessante para explicar

à laisser, chaque jour, l'intérêt en suspens, que les péripéties se multipliasent et que les situations fussent toujours tendues, les passions surexcitées, on fit bon marché de la morale, de la vraisemblance, du style et de toutes les qualités littéraires.” (tradução minha)

²⁰ “Balzac l’explique dans un article du 22 août 1833 (‘De l’état actuel de la littérature’): ‘À chaque portion du public, sa littérature spécial: littérature pour les modistes, littérature pour les antichambres, littérature bourgeoise, littérature de femme, littérature des dandys, littérature aristocratique.’ Balzac lui-même d’ailleurs était réputé plaire aux femmes...” (tradução minha)

a lógica do sistema literário em meados do século XIX: o novo veículo, o jornal, que circulava diariamente, demandava diversidade e regularidade de conteúdo para manter números sucessivos. Por outro lado, contava com a leitura certa do público, que aguardava com ansiedade o desenrolar da história, com a interrupção da narrativa e o atraente chamado no final de cada capítulo: *continua no próximo número*. Seria esta, então, a receita de como ganhar dinheiro escrevendo literatura, uma parceria engenhosa entre editores e escritores:

O Senhor Dumas escreveu demais, está aí o maior de seus erros literários, e nos encontramos aqui levados a tocar no defeito do homem e mais ainda do tempo, porque ele foi a origem dos defeitos do escritor. (...) Em vez de fazer servir a arte ao triunfo da verdade, o que é a finalidade das grandes almas; em vez mesmo de fazer arte por arte, o que torna mais nobre o espírito, não lhe é necessário fazer arte por dinheiro, o que é a pior das condições do trabalho intelectual? (...) único problema: “Ganhar, o mais rápido possível, a maior soma de dinheiro,” condição excelente para produzir muitos livros, detestável para produzir bons livros! Quando acontece dessa forma, não somente não se escreve mais para a posteridade, mas não se escreve nem mesmo para a geração que seguirá a sua; escreve-se para a circunstância, para a moda de opinião que reina hoje e não reinará mais amanhã, pois se o presente não paga o que foi feito para o futuro, testemunha o *Paraíso perdido* de Milton, que rendeu cento e vinte e cinco francos e a imortalidade do poeta, o futuro aprecia pouco o que foi feito exclusivamente para o presente, testemunha o *Conde de Monte-Cristo*, que valeu cem mil francos ao Senhor Alexandre Dumas.²¹ (NETTEMENT, 1854: 285)

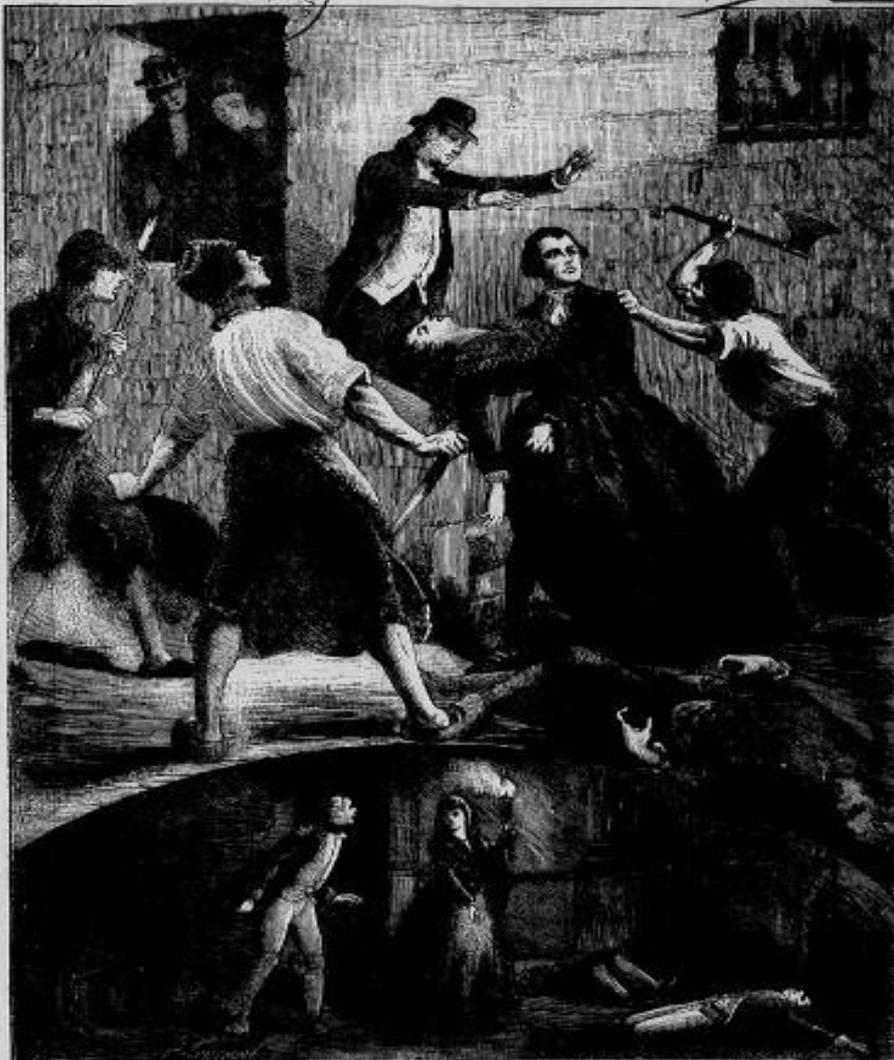


Imagem de uma edição de 1843: o livro *Le Magasin Pittoresque*.
(Fonte: <http://livres-bd.shop.ebay.fr/Livres-Ilustres-/77898/i.html>)

²¹ “M. Dumas a trop écrit, c’est là le plus grand de ses torts littéraires, et on se trouve ici amené à toucher au défaut de l’homme et plus encore du temps, parce qu’il a été la source des défauts de l’écrivain. (...) Au lieu de faire servir l’art au triomphe de la vérité, ce qui est le but des grandes âmes; au lieu même de faire l’art pour l’art, ce qui rend encore l’esprit difficile sur ses propres oeuvres, ne faut-il pas faire de l’art pour l’argent, ce qui est la pire des conditions du travail intellectuel? (...) unique problème: ‘Gagner, le plus rapidement possible, la plus grosse somme d’argent,’ condition excellente pour produire beaucoup de livres, détestable pour produire de bons livres! Quand on en vient là, non-seulement on n’écrit plus pour la postérité, mais on n’écrit même plus pour la génération qui suivra la sienne; on écrit pour la circonstance, pour le tour d’opinion qui règne aujourd’hui et ne régnera plus demain, car si le présent ne paye guère ce qui a été fait pour l’avenir, témoin le *Paradis perdu* de Milton, qui rapporta cent vingt-cinq francs et l’immortalité au poète, l’avenir apprécie peu ce qui a été fait exclusivement pour le présent, témoin le *Comte de Monte-Cristo*, qui valut cent mille francs à M. Alexandre Dumas.” (tradução minha)

LA
COMTESSE DE CHARNY
PAR
ALEXANDRE DUMAS 6711

Dépôt Légal
N^o 7



Y2
1926

PARIS, ADMINISTRATION DE LA PETITE RÉPUBLIQUE FRANÇAISE
33, rue de la Citoyenne d'Anzin, 33
BORDEAUX, BUREAUX DES PUBLICATIONS ILLUSTRÉES
Rue des Saix-Carrières
Cette livraison doit être distribuée gratuitement.

©

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Frontispício do romance de Alexandre Dumas.
(Fonte: Biblioteca Nacional)



Alexandre Dumas, por Étienne Carjat.
(Fonte: [http://gl.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Dumas_\(pai\)](http://gl.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Dumas_(pai)))

O fato é que grande parte dos “escritores da elite” destinava seus trabalhos aos jornais, contavam as peripécias de heróis dos melodramas que tanto agradavam o público, independente do que pensava a crítica. Poucos foram os que não contribuíram sistematicamente para a sustentação da literatura em série, que causava tantos desafetos no meio intelectual, e tanta satisfação ao leitor:

Flaubert é um dos raros escritores a se recusar na colaboração dos jornais, precisamente para não se deixar contaminar pela língua democrática da Publicidade. Seu *Dictionnaire des idées reçues* é a enciclopédia crítica dos lugares comuns veiculados pelos jornais, e aos quais poucos escapam.²² (MÉLONIO, MARCHAL & NOIRAY, 2007: 349)

²² “Flaubert est un des rares écrivains à refuser sa collaboration aux journaux, précisément pour ne pas se laisser contaminer par la langue démocratique de la Publicité. Son *Dictionnaire des idées reçues* est l’encyclopédie critique des lieux communs véhiculés par les journaux, et auxquels peu échappent.” (tradução minha)



Ilustração de Alfred de Richemont, 1905. *Madame de Bovary*, de Flaubert.
(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MadameBovary02.jpg>)

Alguns escritores se tornaram especialistas em romance de folhetim e povoaram a imaginação do público leitor com as venturas e desventuras de seus heróis românticos. Ao lado de Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Eugène de Sue são expoentes do gênero que influenciaram outros escritores da época. De acordo com Marlyse Meyer:

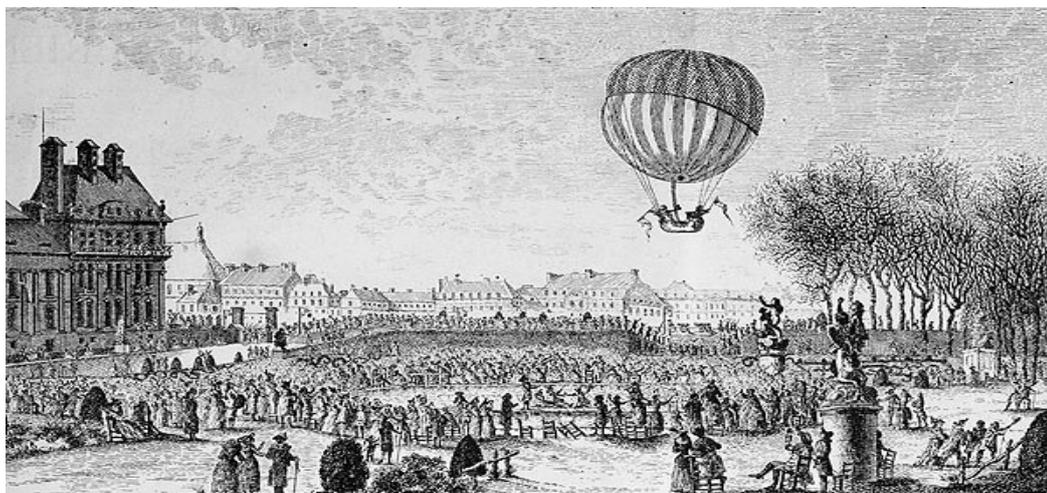
Adquire o roman-feuilleton sua forma definitiva na década de 1840, sendo Eugène de Sue e Alexandre Dumas seus artífices máximos (note-se que só no ano de 1844 saíram: *Os três mosqueteiros*, *O judeu errante* e *O conde de Monte Cristo*, podendo incluir na lista *Splendeurs et misères des courtisanes*, visto ter sido Balzac tão vilipendiado quanto seus colegas pela crítica oficial, esbravejante contra a “literatura industrial”). Tempestuosa torrente a derramar-se pelos jornais, provocando entre eles brigas de morte, o folhetim passa por vicissitudes diversas mais vai século afora ocupando um lugar preponderante no jornal que, tal aprendiz de feiticeiro, o tinha inventado. E se hoje só se conservam alguns nomes e títulos, foram numerosíssimos os produtores e os produtos folhetinescos. (MEYER, 1996: 32)



Ilustração de Vivant Beaucé, *D'Artagnan e os Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, 1844.

(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Tres_Mosqueteiros)

A presença e a importância do romance folhetim na vida do século XIX é irrefutável. Concebido onde foi, na França da primeira metade do século XIX, este gênero literário ganha novos territórios assim como as ideias sociais e políticas francesas, que serviram de modelo tanto para as nações emergentes quanto para o resto do mundo ocidental. Não ficou indiferente a esse fenômeno o Brasil.



Jornal *Paris Illustré* (n. 24): *A conquista do ar*. Primeira ascensão aerostática em um balão a gás hidrogênio, executada nas Tulherias, por Charles e Robert, em 1/12/1783. Coleção TISSANDIER.

(Fonte: http://www.traces-h.net/revues/aerostat_02.htm)

Capítulo II

O romance de folhetim no Brasil: primeiros passos

Na seguinte manhã, Estácio levantou-se tarde e foi direto à sala de jantar, onde encontrou D. Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do Saint-Clair das Ilhas, enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra.

*(Machado de Assis, **Helena**)*

O Brasil do final do século XVIII e do início do século XIX era um território de regiões quase autônomas, com pouca relação entre si, pouco comércio e pontos urbanos isolados que se assemelhavam a verdadeiras “ilhas” de atividades econômicas e intelectuais. A precariedade de comunicação entre as capitânicas, ignorando muitas vezes umas as outras, dificultava a integração desses pontos numa vasta região cuja distância do centro administrativo comprometia ainda mais o contato na colônia. Em alguns casos, as províncias estavam mais vinculadas à Coroa; o Maranhão, por exemplo, devido à posição geográfica favorável, mantinha uma ligação mais próxima com Portugal em relação às demais.

Entretanto, ainda no século XVIII, o surgimento das academias literárias significou uma tentativa de organização da vida intelectual, sobretudo, no sentido da comunicação entre os centros da colônia, que não dispunham de universidades e nem da imprensa. Mesmo que de natureza histórica, encomiástica ou comemorativa, as academias representam o início da configuração do *sistema* a que Antonio Candido chama de *literário*. Embora o ensino dos jesuítas fosse de alto padrão – exemplos de escritores, ainda no período barroco, que estudaram apenas no Brasil e, apesar disso, possuíam um grande conhecimento foram Padre Vieira (1608-1697) e Frei Eusébio de Matos (1629-1692) – a Coroa portuguesa nunca autorizou o funcionamento de cursos superiores em sua colônia americana. Quem se

interessasse por tal título deveria estudar numa universidade europeia, especialmente, portuguesa; da elite “brasileira”, grande parte formou-se em Coimbra.

Com o fim do ciclo da cana-de-açúcar, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais tornaram-se os principais pólos econômicos, representados anteriormente pelas províncias do Nordeste: a descoberta de ouro e diamante deslocou o eixo do desenvolvimento, transportando o dinamismo da colônia para o Sudeste. Ao tempo em que intensa movimentação unia os diversos pontos da colônia e a Coroa Portuguesa, o surgimento de um importante grupo de escritores em Minas Gerais e no Rio de Janeiro significou, implicitamente, o surgimento de uma consciência, num ambiente de censura e coerção. Em tempos de revolução na Europa e da Independência Americana, a circulação de livros, e ideias, era fortemente controlada e vigiada por Portugal. Um caso explícito da repressão foi a dissolução da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, de 1786, que tinha como membros importantes figuras como poetas, escritores, médicos e advogados.

A existência dessa pequena elite intelectual representava uma proeza numa colônia em que tudo se proibia e censurava. Livros e jornais eram impedidos de circular livremente. Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho ao governador da Bahia, D. Fernando José de Portugal, em 1798, recomendava vigilância severa sobre a circulação de livros, pois havia informações na corte de que os principais cidadãos de Salvador se achavam ‘infectados dos abomináveis princípios franceses’. Quem ousasse expressar opiniões em público contrárias ao pensamento vigente na corte portuguesa corria o risco de ser preso, processado e, eventualmente, deportado. Imprimi-las, então, nem pensar. Até mesmo reuniões para discutir idéias eram consideradas ilegais. (GOMES, 2007: 134)

A Sociedade Literária, criada pelo poeta Silva Alvarenga, tinha como objetivo a discussão de assuntos políticos entre colônia e metrópole. Leituras de autores franceses anticolonialistas contribuíam para o questionamento da subordinação a Portugal, configurando, para os representantes da Monarquia no Brasil, uma situação de ameaça e perigo iminente.

A reação foi imediata à delação dos encontros “escusos” do grupo. Um tribunal composto pelos emissários da rainha (e escolhidos pessoalmente por ela) tratou de examinar livros, estatutos e demais documentos que comprovariam a existência da inquirida sociedade. Duramente penalizados, os membros foram conduzidos, algemados e expostos a público na cidade do Rio de Janeiro para responderem à suposta conspiração.

Reuniam-se numa casa de dois andares, na Rua do Cano, para onde se transferira Silva Alvarenga em 1794. A sociedade funcionava no primeiro

andar e o poeta se alojara no segundo, onde se conservava uma das melhores bibliotecas da época, a de artigos pertencentes à História Natural.

(...)

O que se buscava na biblioteca e na Sociedade por ele criada era justamente a presença de idéias perturbadoras do sistema de exploração da colônia pela Monarquia. Daí a minuciosa investigação dos livros e papéis do acusado. “Para o desembargador Antônio Rodriguez era Silva Alvarenga um energúmeno infernal, pois que na sua biblioteca encontravam-se alguns tomos da história do abade Raynal e sobretudo o livro dos Direitos do Cidadão, do abade Mably! Para o desembargador-chanceler Antônio Diniz era o poeta cúmplice desses autores, porquanto lia e dava a ler essas obras que continham máximas e princípios opostos à Monarquia e tendentes a fazer amar a República, e tanto era assim que essas doutrinas subversivas apareceriam nos discursos de seus discípulos, que os liam publicamente nas aulas de Retórica e Poética” (Joaquim Norberto de Sousa, *Obras Poéticas*, vol.1, p.61). (FÁBIO LUCAS, 2002: 22)

Ao lado da conturbada situação política, tanto no exterior quanto na colônia, a produção literária no Brasil do final do século XVIII teve um ritmo intenso e representou um dos momentos mais importantes no cenário da literatura brasileira. Assim como o valor estético da poesia lírica de Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto – em Minas Gerais – e Silva Alvarenga – no Rio de Janeiro, da sátira de *O Reino da estupidez*, *O desertor*, e *Cartas chilenas* (essas duas primeiras de assunto português e que circulavam também por lá), a contribuição da literatura deste período também influenciou de maneira decisiva os rumos de uma colônia que caminhava, como outras, para a independência. O expediente literário de então está estreitamente ligado ao evento da Inconfidência Mineira, que tinha como supostos “traidores” os integrantes do grupo intelectual da época.

Com *Glaura*, 1799, última publicação árcade, encerra-se o período da retomada plena dos princípios artísticos da tradição clássica, embora parte desses princípios persista nas obras dos poetas pré-românticos: “E a literatura do século XIX anterior ao Romantismo ainda juntará resíduos arcádicos e filosofemas tomados a Voltaire e a Rousseau: fale por todos o verso prosaico de José Bonifácio de Andrade e Silva” (BOSI, 1994: 56). O período que sucede o trágico desfecho da escola árcade, com prisões, degredos e enforcamento, não pode ser comparado à qualidade estética e ideológica da literatura do final do século XVIII. Mas se por um lado produziu-se no fim do Arcadismo uma literatura de alto nível, atenta à condição de subordinação política em relação à metrópole, por outro, o ambiente da colônia não favorecia – no que se referia à presença ostensiva da religião em todos os âmbitos da sociedade – os poetas que, em sua quase totalidade, utilizavam-se dos princípios cristãos em razão do forte

controle de Portugal a quem apresentasse uma opinião contrária à tradição “beata” da Coroa portuguesa. Segundo Antonio Candido,

A beatice agiu sobre a inteligência, quebrando-a e desviando-a. E como não havia realmente ateísmo entre os intelectuais, levou-os, pela pressão que fechava saídas, ao incremento sincero de fé religiosa, que serviu de amparo às suas dúvidas e à vacilação angustiosa entre as suas idéias e a sociedade retrógrada. Assim, Bocage e Sousa Caldas continuaram crentes depois do cárcere eclesiástico; um deles, inclusive, indo ao fim do processo, adotou o estado clerical. Assim, Elói Ottoni encontrou na devoção lenitivo para suas queixas contra o mundo. A pesada atmosfera de beatério, contra a qual reagiam poucos (inclusive o nosso Hipólito da Costa), só se descarregaria com o movimento da Independência, quando os sacerdotes patriotas encontraram no civismo um novo meio de manifestar a sua vitalidade. (CANDIDO, 2000b: 206)

Mas, se na Europa foi a Revolução Francesa que mudou substancialmente os rumos da sociedade naquele período, na colônia portuguesa da América, sem dúvida, foi a chegada da corte em 1808 que possibilitou o desenvolvimento econômico, social e intelectual em seus principais centros, mesmo que por alto preço. As milhares de pessoas que desembarcaram no Rio de Janeiro, acompanhando a família real, aportaram numa “cidade” de realidade bem diferente das cidades da Europa do século XIX. A instalação e o alojamento dessa população, subitamente aumentada e composta agora de pessoas ilustres, tornou-se um problema de difícil solução. Acomodar a distinta nobreza numa colônia de regime escravocrata e de hábitos rurais e provincianos não seria tarefa simples, causando, assim, a tomada de uma série de medidas imediatas necessárias. Na falta de casas para instalar as famílias portuguesas – nobres, oficiais de alto escalão, comerciantes importantes, e seus respectivos serviçais – “o vice-rei tomou providências urgentes, algumas das quais violentas, requisitando edifícios públicos e particulares e desalojando, por vezes, proprietários e inquilinos” (PEDREIRA, 2008: 214).

Uma vez instalados no Rio de Janeiro – príncipes, rainha-mãe, “nobres ou plebeus, ricos ou remediados” (PEDREIRA, 2008: 214) – que chegaram no primeiro momento, ou em seguida (o que aconteceu gradativamente ao longo dos anos), mudanças políticas e culturais se operaram naturalmente, ou no mesmo intuito de atender à sociedade ilustrada advinda de Portugal. O cenário da colônia, cuja condição de subordinação foi transformada com a presença do rei português e seus respectivos aparatos administrativo e cortesão, assumiu, a partir daquele momento, uma nova configuração tanto no aspecto aparente, com a

expansão urbana que avançava interior adentro, quanto no social, político e econômico, o que significou, conseqüentemente, desenvolvimento e progresso no meio intelectual.

Em 10 de setembro de 1808, surge a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal oficial no Brasil com a chegada da Imprensa Régia; novidade para a agora ex-colônia, onde, até então, não havia meios para tal prática legal e onde eram terminantemente proibidos a divulgação e o acesso às publicações de qualquer natureza e origem. O periódico, editado por Frei Tibúrcio José da Rocha circulou de 1808 a 1821 (dezembro), estava restrito aos interesses da Coroa, veiculando notícias sobre o governo e os supostos aspectos negativos dos conflitos políticos que se passavam na Europa e nos Estados Unidos.

Apesar de toda a coerção da Coroa, é claro que alguns intelectuais possuíam obras importantíssimas que veiculavam a filosofia liberal da época, tão ameaçadora ao regime monárquico. Um exemplo consistente é o caso do Cônego Luís Vieira da Silva, em Minas Gerais, no final do século XVIII. Eduardo Frieiro, em seu deleitável *O diabo na livraria do Cônego*, investigou a biblioteca do eclesiástico a partir do inventário dos volumes que constam nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. A escassez geral de recursos na época não foi empecilho para que o Cônego Luís Vieira mantivesse um acervo privilegiado naquelas circunstâncias:

Figure-se isto: um letrado pobre, como era o nosso Cônego – a pobreza era geral – tinha em sua casa, nos sertões das Minas Gerais, duzentas e setenta obras, com cerca de oitocentos volumes. Essas centenas de volumes representavam uma biblioteca magnífica para a época e o lugar. Para qualquer lugar naquela época, acrescenta-se logo, pois deve-se levar em conta que no tempo de Luís Vieira da Silva as livrarias particulares, mesmo na Europa, não eram consideráveis. A de Kant, por exemplo, não passava de trezentas obras. (FRIEIRO, 1981: 20)

Mas, seja qual tenha sido o real controle da imprensa no Brasil no final do século XVIII e início do XIX, o fato é que houve rigorosa investigação e condenação de vários supostos “conspiradores” durante a Inconfidência Mineira, evidenciando, assim, o poder de intervenção e a autoridade de Portugal sobre o território brasileiro.

N.º 1.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

*Doctrina sed vim premoet inilitam,
Rectique cultus pectora roberant.*

HORAT. Ode III. Lib. IV.

Londres 12 de Junho de 1808.

Noticias vindas por via de França.

Amsterdão 30 de Abril.

OS dois Navios Americanos, que ultimamente arribarão ao Texel, não podem descarregar as suas mercadorias, e devem immediatamente fazer-se á vela sob pena de confiscação. Isto tem influido muito nos preços de varios generos, sobre tudo por se terem hontem recebido cartas de França, que dizem, que em virtude de hum Decreto Imperial todos os Navios Americanos serão detidos logo que chegarem a qualquer porto da França.

Noticias vindas por Gottenburgo.

Chegarão-nos esta manhã folhas de Hamburgo, e de Altona até 17 do corrente. Estas ultimas annuncião que os Janizaros em Constantinopla se declararão contra a França, e a favor da Inglaterra; porém que o tumulto se tinha apaziguado. — Hamburgo está tão exaurido pela passagem de tropas que em muitas casas não se acha já huma côdea de pão, nem huma cama. Quasi todo o Hannover se acha nesta deploravel situação. — 50000 homens de tropas Francezas, que estão em Italia, tiverão ordem de marchar para Hespanha.

Londres a 16 de Junho.

Extracto de huma Carta escrita a bordo da Statua.

“ Segundo o que nos disse o Official Hespanhol, que levámos a Lord Gambier, o Povo Hespanhol faz todo o possível para sacudir o jugo Francez. As Provincias de Asturias, Leão, e outras adjacentes armarão 80000 homens, em cujo numero se comprehendem varios mil de Tropa regular tanto de pé, como de cavallo. A Corunha declarou-se contra os Francezes, e o Ferrol se teria igualmente sublevado a não ter hum Governador do partido Francez. Os Ardaluzos, nas visinhanças de Cadiz, tem pegado em armas, e destes ha já 6000, que são pela maior parte Tropas de Linha, e commandados por hum habil General. Toda esta tempestade se originou de Bonaparte ter declarado a Murat Regente de Hespanha. O espirito de resistência chegou a Carthagena, e não duvido que em pouco seja geral por toda a parte. Espero que nos mandem ao Porto de Gijon, que fica poucas leguas distante de Oviedo, com huma sufficiente quantidade de polvora, &c. pois do successo de Hespanha depende a sorte de Portugal. A revolta he tão geral, que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francezas tem pela maior parte ido reunir-se nas montanhas com os seus Conciudadãos revoltados. „

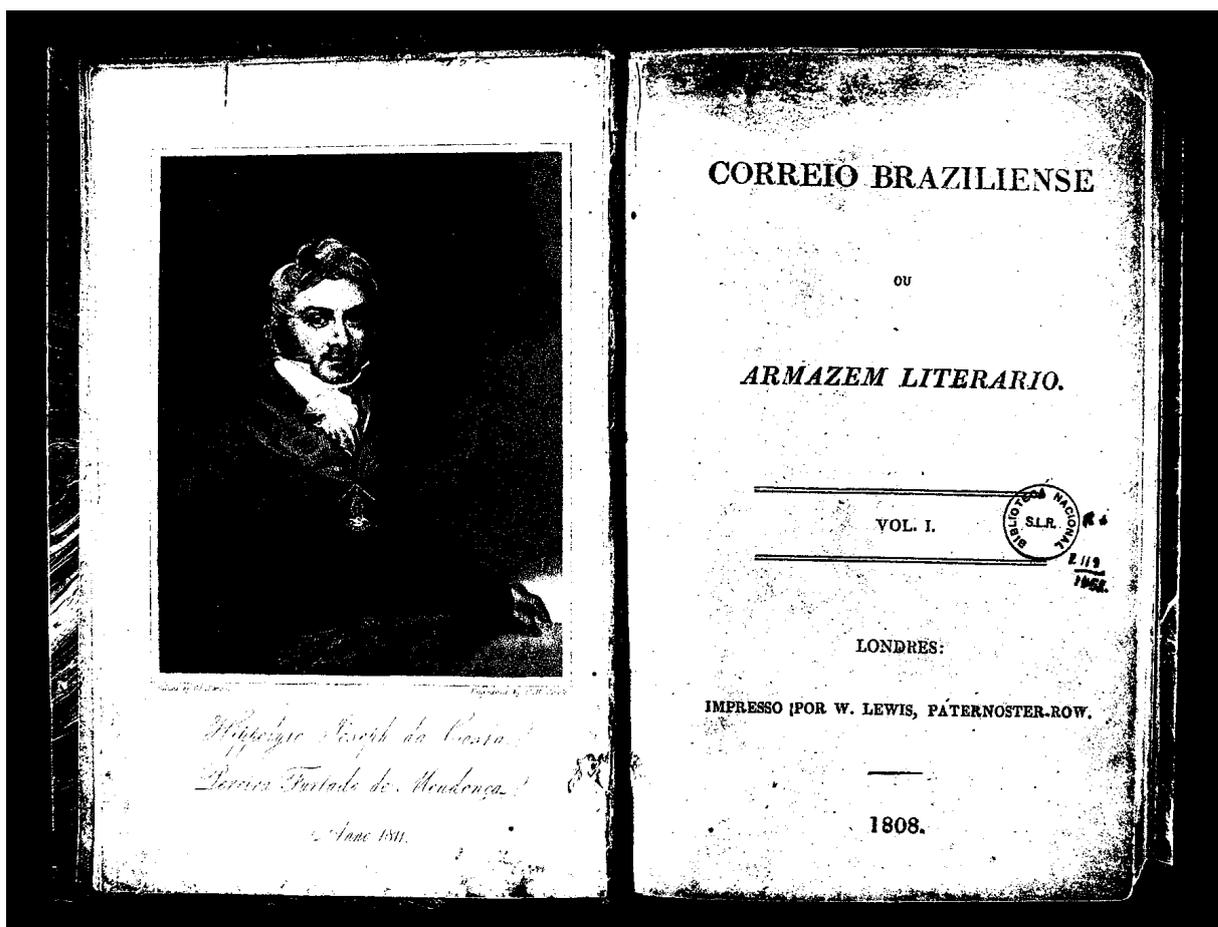
Estes



Gazeta do Rio de Janeiro: primeiro jornal oficial publicado no Brasil pela Imprensa Régia, em setembro de 1808.

(Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj.htm)

Por essa época, Hipólito José da Costa, nascido na Colônia do Sacramento, em 1774, fundou, pouco antes da *Gazeta*, o periódico brasileiro *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, publicado em Londres. O impresso teve publicação mensal, regular e assídua de 1 de junho de 1808 a 1 de dezembro de 1822 e é também o primeiro jornal em língua portuguesa a circular sem censura, totalizando 175 números (LIMA SOBRINHO, 1977: 13). Com intenção de defender as ideias liberais, como a monarquia constitucional e o fim da escravidão, o periódico era enviado clandestinamente ao Brasil – e divulgava as ideias políticas que conduziram à independência em 1822. A reação da Coroa ao *Correio Braziliense* resultou no patrocínio de outro periódico, publicado também em Londres, *O Investigador Portuguez em Inglaterra*. Mais tarde, numa tentativa de abrandar as influências liberais do editor Hipólito José da Costa, D. João VI pagaria a Hipólito, anualmente, uma quantia equivalente a 500 assinaturas para atenuar o tom crítico veiculado no jornal, o que ocorreu a partir de então.



***O Correio Braziliense ou Armazem Literario*: primeiro jornal publicado por brasileiro e livre da censura, em Londres, 1808. Ao lado, imagem de Hipólito José da Costa, editor do jornal que era remetido clandestinamente ao Brasil (periódico com ilustração, apenas, da imagem do editor).**
(Fonte: http://objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume01.pdf)

soladas regioens, que o anticommercial espirito de Buona parte intenta reduzir á pobreza Spartiata.

Os Francezes são sem duvida bons negociadores politicos, e a estada de Moreau nos Estados Unidos da America, pode muito heu servir-lhe para influir nos negocios do Mexico; mas se a Inglaterra andar presto em offerecer os seus servicos aos Mexicanos, e isto com a liberalidade necessaria para os fazer bem aceitos aos povos, na formação de seu novo Governo, será inteiramente impossivel aos Francezes realizar os seus planos: mas não ha tempo a perder em excluir dos conselhos Mexicanos os partidistas Francezes.

ADVERTENCIA.

Este numero constitue o ultimo do primeiro Volume, e a grande quantidade de materia importante, que foi necessario publicar este mez, fez, com que se não pudesse dar, agora, o index deste volume, que será entregue, ás pessoas que continuarem as suas assignaturas, com o numero seguinte. A necessidade de inserir os buletims Francezes, necessitou tambem a exclusão do importante papel de Cavallos, que se continuará nos numeros seguintes.

Os doze numeros, que se haõ de publicar no anno de 1809 constituirão dous volumes de 6 numeros cada um; e ambos terão o seu index separado; por meio do qual se possa recorrer á collecção de documentos officiaes, e mais noticias interessantes do tempo.

CONRESPONDENCIA.

Plain Truth. Veio demaziado tarde para ser inserido.
Um Eraciteiro. Agradeço-lhe a boa vontade.
D. D. Em materia de factos, quero provas.

INDEX
DO PRIMEIRO VOLUME.

No. 1.

POLITICA.

Collecção de Documentos officiaes relativos a Portugal.

DECRETO do Principe Regente de Portugal: declara a sua intenção de mudar a corte para o Brazil, erige uma Regencia, para Governar em sua ausencia	pag. 5
Instruções a que se refere o Real Decreto acima	7
Proclamação do General Junot aos Habitantes de Lisboa	8
Proclamação do Marquez del Sacorro General da Extremadura	8
Relação circumstanciada da Revolução de Hespanha	10
Decreto de abdição por Carlos IV. a Fernando VII.	12
Edictal de Fernando VII. para confiscar os bens de D. Manoel de Godoy	13
Edictal do Conselho de Madrid ao Publico	14

COMMERCIO E ARTES.

Ordem de Sua Magestade Britanica sobre as propriedades Portuguezas, com data de 25 de Novembro, de 1807	15
Dicta com data de 6 de Janeiro, de 1808	16
Dicta com data de 4 de Maio, de 1808	18
Copia de uma carta do Lord Visconde Strangford ao Mito Honrado George Canning, annunciando-lhe a retirada, do Principe de Portugal para o Brazil	20
Despacho do Contra Almirante Guilherme Sidney Smith na paragem do Tejo	24
Lista da Esquadra Portugueza que sahio do Tejo aos 28 de Novembro, de 1807	26
Despacho do Contra Almirante Guilherme Sidney Smith na paragem do Tejo	26
Lista dos Navios Portuguezes que ficaram em Lisboa	28
Despacho do Contra Almirante Guilherme Sidney Smith	28

VOL. I. No. 7. 4 o

Sumário (1) do primeiro número do *Correio Braziliense*, em junho de 1808.(Fonte: http://objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume01.pdf)

LITTERATURA E SCIENCIAS.

Análise do folheto impresso, em Lisboa, a fim de mostrar o Estado prezente da Inglaterra	p. 32
--	-------

MISCELLANEA.

Pensamentos vagos sobre o novo Imperio do Brazil	57
Declaração da Russia relativamente á causa da ruptura com Inglaterra, e suspensão do Commercio	65
Proclamação para unir a Finlândia á Russia	66
Tratado da Sicilia com a Gran Bretanha	67
Tyrannia de Buonaparte na Italia	71
Argel	72
Extracto de uma carta de Lisboa	73
Suecia	74
Artigos relativos á evasuação da ilha de Gotthland	75
Inglaterra	76

No. 2.

POLITICA.

Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Proclamação do General Taranco, em Portugal	81
Proclamação do Patriarcha aos Portuguezes	88
Proclamação de Junot aos Portuguezes, prohibindo ajunctamentos, e armas	85
Ordem de Junot aos Officiaes do seu Exercito em Lisboa	85
Decreto do General Junot para o confisco das propriedades Inglesas em Portugal	86
Decreto do General Junot prohibido, o caçar em Portugal	87
Decreto do General Junot, sobre as Reclamações dos Ingleses	88
Decreto do General Junot para o desembarque das fazendas Sequestradas	89
Edictal dos Governadores de Portugal, declarando receberem metado das dividas da fazenda Real em Graõ	90
Edictal para o recebimento da moeda Franceza e Hespanhola em Portugal	90

Relação circumstanciada da Revolução de Hespanha.

Carta do Conde de Espeleta ao General Dubesme	p. 91
Justificação de D. Pedro Cavallos por Fernando VII.	93
Participação feita a S. A. Imperial, por o Gran Duque de Berg	94
Carta de El Rey Carlos IV. ao Imperador Napocaõ	95
Protesto de Carlos IV. declarando nulla a renuncia da Corõa de Hespanha a Fernando VII.	96
Justificação de Fernando VII. a respeito dos Crimes, de que tinha sido acuzado quando foi preso	97
A determinação d'El Rey Fernando VII. de irencontrar-se com o Imperador dos Francezes	100
Decreto de Fernando VII. authorizando seu Tio o Infante D. Antonio para despachar todos os negocios	101
Carta de S. M. o Imperador, ao Principe das Asturias	102
Carta d'El Rey Carlos a seu Filho o Principe das Asturias	104

COMMERCIO E ARTES.

Noticia sobre as propriedades Portuguezas detidas em Inglaterra	106
Artigo sobre a exportação dos Estados Unidos	112
Detenção dos Navios Americanos em Hespanha	114
Associação dos Negociantes Ingleses, que intentam negociar para o Brazil	115

LITTERATURA E SCIENCIAS.

Universidade Imperial	117
Análise do folheto intitulado Causas e consequencias da recente emigração para o Brazil	120

MISCELLANEA.

Noticias da Alemanha	125
Diamarica	126
Francia	127
Reflexões sobre o artigo França	131
Noticia da Hespanha	135
Inglaterra	135
A Junta Suprema do Governo de Hespanha aos Portuguezes	138
Reflexões sobre o comportamento dos Portuguezes	140
Noticias de Londres	143
Revolução de Portugal	145

4 o 2

Sumário (continuação) do primeiro número do *Correio Braziliense*, em junho de 1808.(Fonte: http://objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume01.pdf)

632	<i>Index.</i>	
	No. 174.	
	POLÍTICA	
	<i>Reyno Unido de Portugal Brazil e Algarves.</i>	
	Manifesto do Príncipe Regente do Brazil aos Governos e Nações Amigas	513
	Declaração de alguns Deputados do Brazil	530
	Protesto dos Deputados de S. Paulo	533
	COMMERCIO E ARTES	
	Preços correntes em Londres	540
	LITTERATURA E SCIENCIAS	
	Novas publicações em Inglaterra	541
	Portugal	542
	MISCELLANEA	
	Despeza das tropas da Bahia	544
	Declaração do Deputado Andrada	547
	Cortes de Portugal. Extracto das sessões, desde sessão 482 ate 499	550
	<i>Reflexoens sobre as novidades deste mez.</i>	
	<i>Reyno Unido de Portugal Brazil e Algarves.</i>	
	Manifesto do Príncipe Regente do Brazil ás Nações Estrangeiras	558
	Separação de alguns Deputados do Brazil das Cortes de Portugal	562
	Constituição do Brazil	564
	Estado Politico do Brazil	568
	Relações do Brazil com Portugal	572
	Escravidão no Brazil	574
	Negocios de Portugal	577
	Estado de coacção d' El Rey	584

	<i>Index</i>	633
	N. 175.	
	POLÍTICA.	
	<i>Imperio do Brazil.</i>	
	Acta da aclamação do Snr. D. Pedro 1.º Imperador do Brazil	
	Decreto mandando sair do Brazil, os que não approvarem sua Independencia	580
	Edictal da Camara do Rio-de-Janeiro	582
	Portugal. Falla d'El Rey ás Cortes	583
	COMMERCIO E ARTES.	
	Preços correntes em Londres	583
	LITTERATURA E SCIENCIAS.	
	Novas publicações em Inglaterra	586
	MISCELLANEA.	
	Collecção de Maximas Politicas	589
	<i>Reflexoens sobre as novidades deste mez.</i>	
	Reynos desunidos do Brazil e Portugal.	593
	Imperio do Brazil	593
	Estado Politico da Europa no fim de 1822	599
	Constituição do Brazil	604
	Estado Politico do America	609
	Portugal	615
	Aviso dos Leitores	623

Sumário dos dois últimos números do *Correio Braziliense*, no final do ano de 1822.
(Fonte: http://objdigital.bn/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume29.pdf)



Hipólito José da Costa (sem data exata, porém, pela biografia do escritor-editor, supõe-se que seja por volta de 1808).

(Fonte: <http://observatoriodaimprensa.pt/jornais>)

NUMERO LXXXV.

(No. 1, Vol. XXII.)

O
Investigador Portuguez
EM
INGLATERRA,
OU
JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JULHO, 1818.

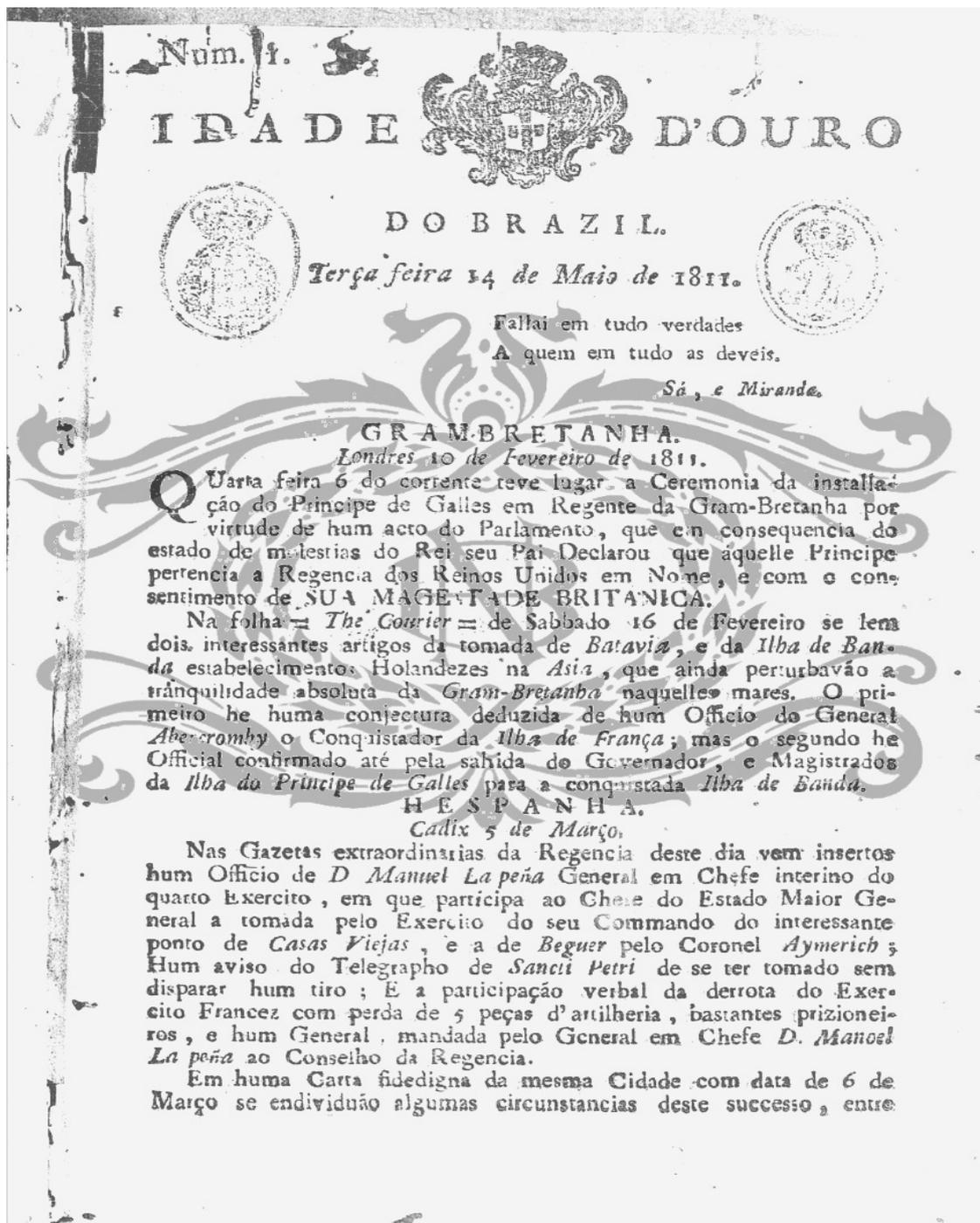
A Subscrição para esta Obra se poderá fazer em Londres na Officina do Investigador Portuguez em Inglaterra, e Casa de Mr. T. C. HANSARD, PETERBOROUGH-COURT, FLEET-STREET.—A mesma Officina se devem dirigir todas as Cartas e Papeis, que se hajaõ de remeter aos Redactores (francos de porte); porque de outra forma não serãõ ali recebidos.

LONDRES:

IMPRESSO POR T. C. HANSARD,
Na Officina Portugueza,
Peterborough-court, Fleet-street.
1818.

O Investigador Portuguez em Inglaterra, 1818: periódico patrocinado pela Coroa portuguesa e publicado em Londres, com a finalidade de atenuar a influência liberalista do Correio Braziliense. (Fonte: [http://books.google.com.br/books?id=OYQDAAAYAAJ&dq="investigador+portuguez+em+inglaterra"](http://books.google.com.br/books?id=OYQDAAAYAAJ&dq=))

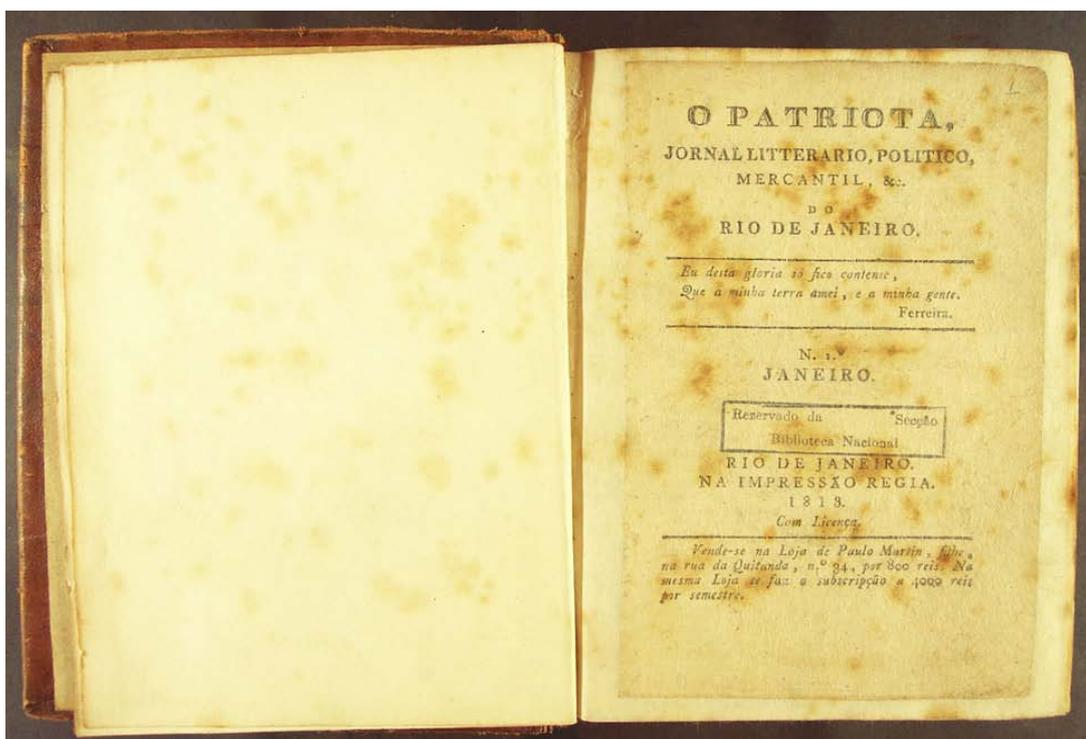
Na Província da Bahia, em Salvador, surge o *Idade d'Ouro do Brazil*. Fundado e editado pelo tipógrafo português Manuel Antônio da Silva Serva, o jornal de quatro páginas foi publicado às terças e sextas-feiras, de 14 de maio de 1811 a 24 de junho de 1823. A linha conservadora em favor da monarquia absolutista portuguesa do periódico causou tanto descontentamento e indignação aos brasileiros patriotas, que inviabilizou sua própria circulação.



Primeira página do jornal baiano monarquista *Idade d'ouro do Brazil*, 1811.

(Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/idadedouro_1811/idadedouro_1811.htm)

Em 1813, aparece, no Rio de Janeiro, *O Patriota*, primeira revista de variedades, destinada a divulgar notícias de caráter científico e enciclopédico (prática europeia da época) referentes à literatura, à política e ao comércio. De breve existência, *O Patriota* foi editado por Manuel Araújo Guimarães, figura importante na constituição de nossa imprensa logo em seguida à sua liberação no Brasil, embora não muito conhecido na História (existem poucas referências, algumas, inclusive, contraditórias); nascido na Bahia, Guimarães transitou entre a colônia e a metrópole e interessava-se por assuntos científicos, sobretudo os de matemática. Obteve seu diploma na Academia Real da Marinha, em Coimbra, onde estudou de 1798 a 1801, atuando, em seguida, em trabalhos de tradução do francês para o português. Ao retornar ao Brasil, Guimarães foi nomeado, em 1809, professor do curso de matemática da Academia Militar do Rio de Janeiro e membro da Imprensa Régia. No Brasil, o estudioso também traduziu vários livros de matemática do francês para o português (DYNNIKOV, 1996: 54).



Primeira página do primeiro número de *O Patriota*, 1813.

(Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/opatriota/patriota_1813_1_n1.pdf)

Digno de nota é também o jornal *O conciliador do Maranhão*, que começa a circular em manuscritos em 1821 e passa a ser impresso em 1823. A publicação do periódico na capital do Maranhão acabou por lançar e espalhar as ideias liberais numa região que, em razão de sua disposição geográfica, possuía maior contato com Portugal, além de se comunicar mais diretamente com a metrópole do que com as próprias províncias da antiga colônia.

2 ann fe 31 corroy... -3-
no 2 63

ANNO 1821.

Jose Ribeiro da Fonseca

NUM. 1

CONCILIADOR

DO

MARANHÃO.



quantidade...
de...
de...

Sit mihi fas audita loqui
Virg. Aeneid. L. 6.

DOMINGO 15 DE ABRIL

MARANHÃO 14 de Abril.

Os grandes acontecimentos Politicos das Nações, devendo algum dia entrar nas paginas da Historia, preciso ser minutados por testemunhas contemporaneas, e desinteressadas, a fim de que a Posteridade possa avaliar o merito, ou demerito dos seus cooperadores; aproveitando de huns lições de Virtude, e Heroismo para imitallos, e conhecendo os crimes, e vilezas de outros para detestallos. Eis o fim a que se dirige o trabalho dos Historiadores; porém como estes, ainda mesmo sendo contemporaneos dos factos, não podem presenciallos em todo o Territorio da Nação, cuja Historia escrevem, carecem documentos mais veridicos do que os de huma tradição, quasi sempre suspeita; e eis hum dos fins uteis dos Jornaes. Outro ainda mais essencial he o de servirem de mediadores entre os Governos e os Povos, maximé nas extraordinarias crises, que sempre originão as alterações no Systema Politico de hum Estado. Por hum Jornaal conhecem os Povos os passos, que os Governos seguem para regellos; e estes se instruem sobre os sentimentos com que aquellos olhão as suas deliberações. Que evidente, e inegavel utilidade para hum Paiz onde são admissiveis as idéas liberaes!

Debaixo destes principios, querendo nós concorrer para esta interessante Obra, quanto cabe no curto limite de nossas forças, nos propomos a offerecer ao Publico, neste Jornal, os acontecimentos Politicos, que tiverão principio nesta Cidade no memoravel Dia 6 de Abril, e que successivamente continuarem. Imparcialidade, verdade, e franqueza serão os nossos timbres, e o amor do bem Publico, e da boa Ordem os nossos primeiros incentivos. Para o bom de sempenho destes principios rogamos a todos os Habitantes desta Provincia, animados dos mesmos sentimentos, nos queirão comunicar tudo o que souberem relativo a factos; assim como as suas idéas tendentes ao bem Nacional, e á justa Causa porque acabamos de declarar-nos; na certeza de que as suas observações serão por nós fielmente transmittidas ao Publico; huma vez que tenhamos o cunho da ver-

dade, e decencia, que possa constituillas admissiveis, e não venhão manchadas com huma revoltante impudicia ou satyra escandalosa, que as torne indignas da Lição Publica. Tomaremos a liberdade de fazer algumas reflexões, não só sobre os acontecimentos que observarmos, mas também sobre os escritos que nos dirigirem; comtudo naquelles opinaremos sem a pertença e filiaçã de Dogmáticos; e nestes nunca nos crigramos em sensores; com ambos nos portaremos com aquella decencia, modestia, e respeito, que exigimos das pessoas que nos honraem com a sua communicação, as quaes, mesmo divergindo muito dos nossos sentimentos, nem por isso fição degradadas da nossa estima.

Maranhão 6 de Abril de 1821.

Raiou nos Horizontes do Maranhão hum dia, que será para sempre memoravel nos Fastos da sua Historia; e com elle brilhou aquelle entusiasmo de Fidelidade e Patriotismo, que em todos os factos, e épocas caracterizou os Portuguezes de ambos os Mundos. A fausta noticia da Regeneração Politica acontecida em Portugal havia dado aos Habitantes do Maranhão a infallivel esperanza de participarem desta vantagem Nacional; porém o seu caracter probo, e pacifico os conteve, esperando que as representações do Governo Provisorio de Portugal, dirigidas á Corte do Rio de Janeiro, deliberrassem o Ministerio a prometter as Capitãcias do Brazil a adopção da justissima causa, que a Nação abraçava. Esperarão porém debalde: o exemplo da confluyente Provincia do Pará dispoz os animos para seguir; porém, ainda esperarão! Esta moderação bem digna de fazer-se nottavel em ap...

Mutilado

Apesar de todo o contexto de movimentação na colônia que logo conquistaria sua independência – e que, há pouco, tivera uma importante produção literária –, do caráter decisivo da Inconfidência Mineira no processo da emancipação política, os anos iniciais do século XIX não possuem obras nem autores significativos no panorama da literatura brasileira. Da atuação “clandestina” dos escritores árcades do século XVIII, passa-se à necessidade de instrução e de ilustração do intelectual, que se integraria oficialmente à sociedade e participaria ativamente de seus eventos, “distanciando-o” da criação artística propriamente dita. Para Antonio Candido,

Dos escritores que a compõem [fase de atividade dos publicistas – mais ou menos entre 1810 e 1835], nenhum supera [no que diz respeito ao puramente literário] a mediania e quase todos são da maior mediocridade, valendo ainda aqui a observação de que os maus poetas são freqüentemente bons oradores e publicistas. Lembrando que o Brasil começa nesse momento a existir como país, perceberemos que tal estado de coisas é talvez até certo ponto conseqüência da pouca divisão do trabalho, levando a concentrar-se nas atividades de cunho pragmático uma inteligência ainda pouco numerosa para atender a muitos apelos.

O sentimento dominante nesses homens foi o patriotismo, concentrado afinal em torno da Independência. Seria ele, com sua força inspiradora, capaz de abrir novos caminhos à expressão? Nessa fase, pelo contrário, vemo-lo amoldar-se a caminhos já trilhados, acomodando-se perfeitamente na tradição árcade. Por que motivos?

Em primeiro lugar, a falta de poeta realmente superior, capaz de inovar. Causa não suficiente, é verdade, pois no período seguinte veremos poetas de segunda ordem, como Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre, promoverem uma transformação de grande importância.

Pesa mais o segundo motivo: o patriotismo pertencia a um tipo de sentimentos cuja expressão já vinha consagrada e por assim dizer fixada na ode, no canto, no soneto, na epístola, – formas acessíveis graças à extrema rotinização, reforçando a tradição e dispensando a pesquisa estética.

Pesa igualmente um terceiro motivo: o patriotismo desse período era extensão do civismo setecentista, arraigado na Ilustração, tributário da Revolução Francesa e da idealização retrospectiva de Roma; tendia para formas clássicas, sendo com a sua obsessão de Brutus e Catões, um “sentir novo” a requerer “verso antigo”.

Assim, embora trouxesse potencialmente muito do que seria mais tarde a dinâmica do nacionalismo romântico, foi, no período que nos ocupa, fator de preservação neoclássica, abafando porventura certos germens de novo lirismo. (CANDIDO, 2000b: 253)

É fato que o infortúnio da condenação dos poetas à prisão e ao exílio interrompeu a possibilidade de criação daquela geração de escritores. Este cenário leva-nos a entender que os acontecimentos políticos influenciaram, pelo menos no que se refere ao ritmo e à qualidade de produção, a realidade literária no Brasil nos primeiros anos do século XIX. Da última

publicação mais expressivamente árcade (*Glaura*) aos poemas pré-românticos, assistimos às “luzes brasileiras” com a chegada da Corte portuguesa. A implantação de recursos técnicos, a oficialização dos aparatos de comunicação trazidos na bagagem da Família Real e a presença repentina de milhares de pessoas ilustradas mudaram o estatuto da antiga colônia, que passa a conceder mais espaço ao intelectual, eximindo-o da marginalidade.

Foi um toque de reunir para os homens interessados na cultura e na política, corroborando o ponto de vista de Hipólito da Costa num de seus melhores ensaios, onde analisa a necessidade e função das ‘sociedades particulares’ (isto é, as associações): elas correspondem a uma necessidade de organização social, – pois a marcha da civilização está ligada à diferenciação da sociedade – e condicionam o próprio funcionamento do Estado, ao se interporem entre eles e os indivíduos, cujas atividades definem e coordenam.²³

Neste sentido, contribuem para definir o papel do intelectual que, numa sociedade menos diferenciada e em tempo de adquirir consciência de si própria, como a do período joanino, foi reconhecido na medida em que pôde se identificar ao patriota, o ‘votário da liberdade’ (Antônio Carlos). Em consonância às fórmulas ilustradas, elas procuram fundir no cidadão o intelectual e o político, propondo-lhes como critério de identidade e dignidade a participação nos grandes problemas sociais. (CANDIDO, 2000b: 221)

O papel avulso do intelectual brasileiro, antes sem função oficial numa colônia subjugada pela metrópole, dá lugar à sua atuação direta nas esferas do governo. Se até o final do século XVIII a literatura era o único veículo de expressão dos intelectuais na colônia, mais que alternativas, a transferência da Corte para o Brasil criou a necessidade da participação da sociedade no poder constituído e o desejo, por parte dos intelectuais brasileiros, de integrar a futura nação ao mundo das luzes europeias. Neste sentido, explica-se a ausência de uma produção literária mais ostensiva nos primeiros anos do século XIX, que faculta aos escritores espaço nas instâncias públicas, num movimento quase de requisição de mão-de-obra intelectual voltado para o progresso das Ciências.

A contraprova desta atitude se encontra no **relativo acanhamento de ser poeta, o que incrementava os gêneros didáticos e esmorecia o lirismo**. Publicando n’*O Patriota* a tradução da “Palinódia a Nize”, de Metastasio, desculpava-se deste modo Elmano Bahiense: “O Público julgará como enchi alguns poucos momentos roubados a mais séria aplicação.”

Não espanta, pois, **que os gêneros públicos** – oratória, jornalismo, ensaio político-social – **avultassem em detrimento das belas letras**, e que neste capítulo nos encontremos de algum modo fora da literatura, aonde, aliás, conduziam, no limite, as tendências de militância intelectual da Ilustração.

²³ *Correio Braziliense*, vol. III, p. 141-149 e 269-276. (Nota de Antonio Candido)

Esses homens, fervorosamente patriotas, procuravam agir conforme estas diretrizes para integrar o Brasil no mundo intemporal da razão e da ciência, onde se uniam os povos quando orientados pelos seus princípios. Assim como a franquia dos portos quebrava o isolamento econômico, o reino da ciência deveria romper o bloqueio cultural, pelo império das idéias que equiparam os homens no tempo e no espaço. (CANDIDO, 2000b: 226; destaques meus)

O estabelecimento de uma sociedade configurada nos moldes europeus – com o recurso da imprensa, por exemplo – mais que permitir, demandou a presença dos homens de letras na circulação da ideologia liberalista, mesmo que sob o controle da corte. O surgimento dos diversos periódicos oficiais da época apontam para o reconhecimento por parte do governo e a concessão de espaço para os intelectuais, realidade distante daqueles grupos duramente repreendidos que se reuniam às escondidas no final do século XVIII. Se as tendências ideológicas do mundo ocidental seguiam os parâmetros franceses, no Brasil, a influência estrangeira mais acentuada no século XIX foi também da França, principalmente no domínio artístico.

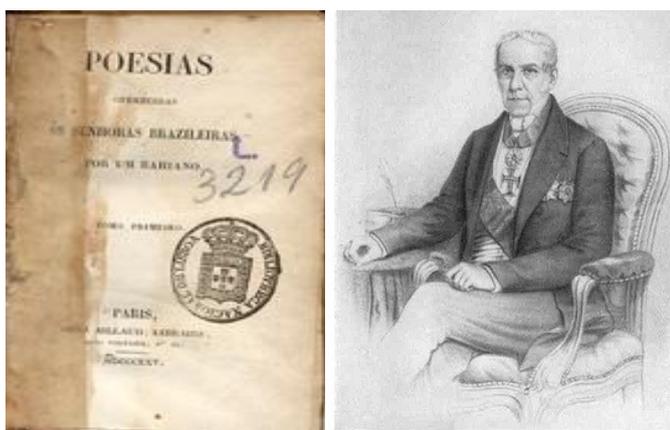
O fato é que, no final do século XVIII e inícios do XIX, por causa da melhoria das comunicações internacionais o mundo das artes se transformou em europeu, e a superioridade francesa nessa área nunca foi negada. Imagens impressas, livros de arte e de teoria da arte, revistas e jornais, divulgavam um novo panorama europeu das artes. (...) ainda neste período, difunde-se a idéia de que era pela multiplicação de instituições públicas que a cultura européia seria partilhada. Qualquer cidade que quisesse se associar a tal comunidade ilustrada deveria apresentar algum tipo de política das artes e criar estabelecimentos a elas dedicados. Também as maiores cidades dos Estados Unidos e da América do Sul passaram a seguir essa política, criando instituições públicas consagradas à arte; sempre inspiradas no modelo da Academia Francesa. (...) As novas academias tentariam mostrar que o Novo Mundo era também capaz de produzir ‘estados puros’ de civilização. (SCHWARCZ, 2008: 113-114)

Voltemos ao periódico de 1813. Apesar do título *O Patriota*, a ideologia do impresso estava no sentido mais “positivo” da palavra, a de amor e apego à terra, sem o tom revolucionário que pairava em outros periódicos. No que se referia à literatura, encontramos a *Ode à partida*, de Domingos Borges de Barros, bem nos moldes do Neoclassicismo brasileiro. A necessidade de organização da sociedade brasileira frente a mudanças radicais de caráter político, social e econômico, em pouco espaço de tempo, cabia ao intelectual naquele momento. No entanto, para Sérgio Alcides, mesmo com a função de estabelecer o “alicerce” da vida intelectual oficializada (no sentido amplo da palavra), houve paralelamente uma preocupação do fazer poético neste intervalo considerado mais atento às questões político-

sociais que à produção literária. Vê-se, na ode de Domingos Borges de Barros, publicada em *O Patriota*, a intenção latente de ordenar também a poesia.

Tirar a poesia do caos: que consciência tinha Domingos Borges de Barros (1779-1855) das implicações poéticas dessa expressão, quando a usou ao remeter uma colaboração em verso para o primeiro número do *Patriota*? ‘Enfim tirei do caos, em que se achava, a Ode, que a v. prometi, e que tenho a honra de enviar’, escreveu ele ao redator do jornal²⁴ (*O Patriota*, 1813, I, 1, 95).²⁵ Tratava-se de pôr a poesia em ordem, antes de publicá-la. Poesia: fabricação, do verbo grego *poiéin*, “fazer”. E o patriotismo de Borges de Barros e outros luso-brasileiros das primeiras décadas do século XIX tinha muito de *póiesis*. É difícil entender, com precisão, o que significava em cada uma de suas múltiplas ocorrências esta palavra que eles tinham sempre na ponta da língua: “pátria”. E muitas vezes eles próprios parecem mal saber do que estão falando: do Império que lhes dava a identidade de “portugueses”? Do Brasil que recortava essa identidade no hemisfério sul, como “ultramarinós”? Ou da Bahia e de outras partes da América portuguesa onde terão nascido? Fossem quais fossem as pátrias, **a contribuição deles como homens de letras, artes e ciências, segundo aspiravam, deveria ocorrer no sentido de tirá-la do estado de indefinição em que caíra, com a acelerada mudança dos tempos.** (Sérgio Alcides Pereira do Amaral, 2007: 103; destaques meus)

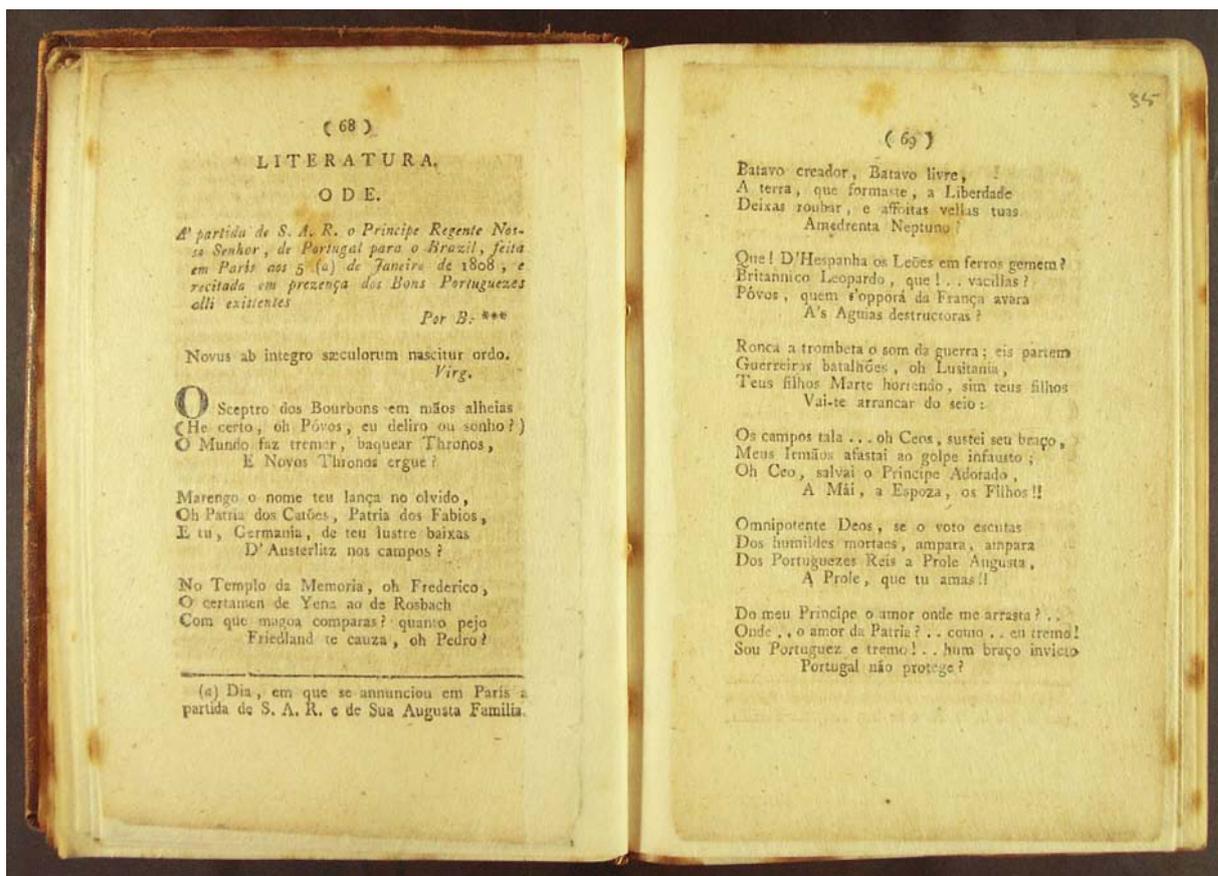
Como se vê, se por um lado temos a preocupação com a situação política propriamente dita, com as atenções voltadas para o desejo explícito de libertação da dominação da metrópole, por outro, deparamo-nos com a consciência do poeta de “organizar” também a situação da literatura diante das mudanças que se operavam na antiga colônia, mas ainda sem estatuto político de nação. Discutiremos adiante a presença da consciência literária que buscava também a definição do fazer poético no período transitório entre o final do Arcadismo e as manifestações pré-românticas.



1. *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras*, de Domingos Borges de Barros. Paris: Chez Aillaud Libraire, 1825 (Fonte: Biblioteca Nacional Digital); 2. Domingos Borges de Barros, o Barão de Pedra Branca. (Fonte: Litografias do Sisson, Galeria dos Brasileiros Ilustres, v.2)

²⁴ A carta, datada do Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1812, saiu na seção “Correspondência”, assinada com as iniciais D.B.B. (nota de Sérgio Alcides)

²⁵ As referências a *O Patriota* incluem: ano, subscrição, fascículo, página. (nota de Sérgio Alcides)



Página de *O Patriota* destinada à publicação literária: *Ode à Partida* (da página 68 a 73), de Domingos Borges de Barros, que celebra a partida da família real para o Brasil.

(Fonte: arquivo digitalizado que acompanha a obra *Iluminismo e império no Brasil: O Patriota*, 2007, com o texto integral do impresso)

Ciente da supremacia das luzes de seus desafetuosos vizinhos franceses, D. João, em 1816, decide promover uma expedição de estrangeiros para o Brasil (entre os quais, a maioria franceses) no intuito de “civilizar” a colônia, uma medida que traria os costumes e os avanços culturais e científicos ao império transportado para os trópicos. Ao lado do fascínio colonial pela ilustração europeia, pela necessidade e urgência de civilização, ocorreu também a operação inversa. A representação da magnífica natureza brasileira ocupou o imaginário do Velho Mundo e a possibilidade de contato com o primitivo e o exótico do além-mar abriu uma via de mão dupla em relação aos interesses entre Europa e Brasil. Vejamos como se deu a chegada desse grupo empenhado em ilustrar, pesquisar, catalogar e implantar os princípios do progresso num território ainda desconhecido até mesmo por aqueles aqui nascidos e que, segundo a historiografia recente, encontrou no deslocamento da Europa para o Brasil uma grande oportunidade de recomeço:

Em 1816, dezessete navios partiram do porto de Havre com destino ao Brasil. (...) Entre as pessoas que chegavam, havia de tudo: profissionais, curiosos, cientistas, religiosos, comerciantes, jovens e velhos; um dos jovens era Ferdinand Denis, (...). Tinha dezoito anos e queria formar um patrimônio para sua irmã: 'Eu vou arrancar da terra do Brasil um dote para a gentil Cisca, e um bem-estar para todos vocês'.

Mas, juntamente com os comerciantes, artesãos e jovens de espírito aventureiro, veio um bom número de bonapartistas, constrangidos a emigrar em razão das proscricções estabelecidas entre julho de 1815 e janeiro de 1816. (...) No meio desse grupo, encontrava-se a colônia de artistas, também recém-chegados ao país e influenciados pelo mundo de depoimentos, reais e imaginários. Na França, consumia-se largamente esse tipo de literatura de viagem, e, como nossos artistas provinham de ambientes letrados, devem ter se deparado ou com relatos de primeira mão ou ao menos com compêndios como os de Prévost e Beauchamp. Um reino promissor era o que surgia dessas páginas; uma terra onde tudo era possível, uma nova vida até. (...) É exatamente uma parte desses artistas, vinculados diretamente ao Império de Napoleão, que aporta no Brasil em 1816, descrentes nos destinos da Revolução e desapontada com as oportunidades profissionais que então se apresentavam.

Lebreton, o chefe da colônia francesa, seria destituído de seu posto como secretário do Instituto, e todos os demais pareciam deslocados na nova estrutura. E, entre eles, encontramos Nicolas-Antoine Taunay, que se mostrava ainda mais desajustado na nova função. (...) Difícil imaginar diálogo mais distante: artistas outrora acostumados a consagrar o Império Francês passavam a representar a república afastada da metrópole e estabelecida nos trópicos. (SCHWARCZ, 2008: 51)

Entendido que a sociedade brasileira vivia seu momento de ilustração e de abertura para o saber, os esforços da intelectualidade estavam destinados à promoção dos assuntos políticos, econômicos e científicos, com criações literárias relativamente inexpressivas. Retomaremos, adiante, a importância da família Taunay no surgimento do romance de folhetim no Brasil.

Como se viu, a chegada de D. João VI possibilitou a institucionalização da imprensa e, conseqüentemente, a circulação das ideias liberais até então inacessíveis à colônia. Com a independência, o Brasil muda sua condição no cenário mundial e deve-se apresentar, desde o primeiro momento, como nação. Ao lado de todo empenho na afirmação da identidade brasileira no âmbito político, social e econômico, pouco a pouco a literatura ganha também seu caráter nacional. As tímidas aparições de natureza literária voltaram-se primeiramente para o exercício de tradução de obras europeias. A publicação de literatura em jornais foi uma atividade que se importou da França e encontrou, no Brasil, um mercado favorável à combinação promissora de um público ávido por novidades estrangeiras, presença de estrangeiros e recursos tecnológicos necessários para viabilizar a circulação da literatura produzida na Europa.

O conteúdo dos primeiros periódicos brasileiros revela que, até 1830, não se publicou nenhuma ficção em capítulos, nem mesmo tradução. Segundo Marlyse Meyer, tal prática se torna conhecida e comum a partir do final dos anos 30 do século XIX:

Uma nota de rodapé do *Jornal do Comércio* de 31 de outubro de 1838 chama a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo de ‘linda novela, *O capitão Paulo*, novela por Alexandre Dumas, traduzida por J. C. Muzzi’. A publicação se estende de 31 de outubro a 27 de novembro. Está aberto o rodapé ao *feuilleton-roman*, que começa a jorrar descontinuadamente a partir de 1839, que é também o ano em que o jornal acolhe as chamadas primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira, com os textos de Pereira da Silva, J. J. da Rocha, Paula Brito e outros. A invasão maciça do folhetim traduzido do francês, que vai estender-se por anos a fio, nem por isso elimina o calouro romance nacional: ambos vão coexistindo em regime de alternância. O que não falta é a novela no diário, exemplo seguido por todo novo jornal da capital e, pelo que vi rapidamente, da província. (MEYER, 1996: 32)

Deste trecho de Marlyse Meyer, apontamos duas questões importantes para o nosso estudo. Primeiro: a presença do romance de folhetim na literatura brasileira; segundo: o início da ficção em prosa no Brasil, depois de um período sem atuação efetiva dos escritores nas “belas letras”. Com a proliferação dos periódicos pelas províncias, a “moda” do folhetim espalha-se rapidamente e adquire grande sucesso entre o público leitor da época. Da mesma forma, o gênero romanesco, por meio do qual se configuram os melodramas dos jornais e que, até então, não existia em nossa literatura, aparece como motivação na atividade literária também através das traduções.

No decênio de 1830, a tradução foi todavia incentivo de primeira ordem, criando no público o hábito do romance e despertando o interesse dos escritores. É preciso considerar não apenas os folhetins, mas as traduções em volume, publicadas aqui ou chegadas abundantemente de Portugal e da França. (CANDIDO, 2000b: 108)

Por estes romances traduzidos em livros ou publicados em capítulos nos jornais o Romantismo entra e se instala na literatura brasileira, que gradualmente adquire sua identidade nacional. Neste entremeio, as peripécias melodramáticas circulam pelos folhetins editados em sua maioria por franceses que se interessam pela divulgação dos assuntos europeus no Brasil. Exemplo disso foi Pierre Plancher que, em 1827, lança o jornal *Espelho Diamantino* destinado a “instruir e entreter” as mulheres da corte, e cede espaço a um brasileiro para a publicação em português (tradução do francês, por um brasileiro, cuja identidade é uma hipótese) do famoso romance inglês *Sinclair das Ilhas*, que viria habitar o

imaginário de José de Alencar, Machado de Assis e do personagem de Guimarães Rosa, Riobaldo (MEYER, 1996: 42).

A despeito das traduções das novelas europeias e da data do início do folhetim no Brasil (1838-1839), um periódico de 1830 merece especial atenção: *O Beija-Flor: Annaes Brasileiros de Sciencia, Politica, Litteratura, etc.* Impresso no Rio de Janeiro, *O Beija-Flor* publica, em 3 de seus 8 números, o primeiro romance de folhetim da literatura brasileira: *Olaya et Julio ou A periquita*. O jornal que propunha uma “sociedade de literatos” apresenta a narrativa dos infortúnios de dois adolescentes do Ceará – em capítulos, e nos moldes do folhetim francês – que enfrentam uma sucessão de obstáculos ao longo da narrativa, adiando sempre o desfecho bem-aventurado, ao modo das histórias românticas. Tema bem brasileiro em formato europeu, surpreende, entretanto, a suposta autoria da novela. Embora tenha sido publicada anonimamente, MEYER a atribui a Charles Auguste Taunay, filho mais velho de Nicolas Taunay (aquele citado anteriormente e que veio ao Brasil na missão francesa). Curiosa situação: **um escritor francês** (que escreve bem o português), autor de **um romance regionalista brasileiro**, que se utiliza do **vocabulário sertanejo**, e um **meio de circulação** bem recente para a época, aliás, onde nunca se tinha veiculado um conteúdo desta natureza. Estudaremos no capítulo seguinte a representação de *Olaya et Julio* no contexto transitório por que passava a literatura brasileira no momento de sua publicação.

Para situarmos o romance publicado em *O Beija-Flor* entre os demais folhetins e seus respectivos romances no período de 1830 a 1844, valemo-nos dos registros de TINHORÃO (1994: 49-52)²⁶:

* **1830/1 – *Olaya e Júlio ou a Periquita***, “novela brasileira”, sem identificação de autoria, in números 4, 5 e 6 da revista *O Beija-Flor*, do Rio de Janeiro, RJ, entre 1830 e 1831, ocupando “cerca de 50 páginas do periódico, em três números diferentes”, conforme indicação de Barbosa Lima Sobrinho in *Os Precursores do Conto no Brasil* (Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1960, p. 19). Republicada em tradução francesa sob o título de *Olaya et Julio, nouvelle brésilienne, traduite librement du portugais in Revue Française: littérature, science, beaux-arts, politique, commerce*, editada no Rio de Janeiro entre maio de 1839 e abril de 1840. A informação é de Marlyse Meyer que, em oportuna comunicação publicada sob o título “Uma novela brasileira de 1830” in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Nº 2, Universidade de São Paulo, 1967, pp. 125/30, propõe com bons argumentos

²⁶ O trecho a seguir é uma transcrição da obra de Tinhorão.

a autoria da novela a Charles Auguste Taunay (filho mais velho de Nicolau Taunay, chegado ao Brasil com a Missão Francesa de 1816), e que foi colaborador da revista *O Beija-Flor* e certamente mantinha ligações com o grupo francês da *Revue Française*.

* **1839** – *O aniversário de D. Miguel em 1828*, “Romance Histórico”, de João Manuel Pereira da Silva, sob as iniciais P. da S., in *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, RJ, de 16 a 22 de janeiro de 1839. 1ª ed. em folheto in 8º, Rio de Janeiro, Tipografia Villeneuve, 1839.

* **1839** – *Ressurreição pelo amor, crônica Rio Grandense*, sem indicação de autoria, in *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, RJ, em folhetins nas edições de 23, 24 e 25 de fevereiro de 1839, “fantasiosa história de amor num quadro gaúcho e rural, com evocações de lendas e festas, a do Divino entre outras, com diálogo reproduzindo modismos gaúchos, com o tratamento na segunda pessoa, por exemplo”, segundo informação de Marlyse Meyer in Comunicação “Uma novela brasileira de 1830”, às pp. 125/30 da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 2, Universidade de São Paulo, 1967.

* **1839** – *Religião, amor e pátria*, de João Manuel Pereira da Silva, sob as iniciais P. da S. e P.S., in *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, RJ, em folhetins nas edições dos dias 12, 13, 14, 15 e 16 de março de 1839.

* **1839** – *O homem de recursos ou O noivado na rocha*, publicado sem indicação de autoria em diversos números de *O Cronista*, do Rio de Janeiro, RJ, segundo informação de Barbosa Lima Sobrinho in *Os precursores do conto no Brasil*, cit. p. 20.

* **1839** – *O rapto malogrado (História Brasileira)*, sob inicial R (identificada por Sacramento Blake à p. 471 do 3º Vol. de seu *Dicionário bibliográfico brasileiro* como sendo de João José de Souza e Silva Rio), in *O Despertador Brasileiro*, do Rio de Janeiro, RJ, em 1839.

* **1840** – *O sedutor*, novela, sem indicação de autoria (mas atribuída a João José de Souza e Silva Rio por Sacramento Blake à p. 471 do 3º Vol. de seu *Dicionário bibliográfico*), in *O Despertador Brasileiro*, do Rio de Janeiro, RJ, em 1840.

* **1840** – *O Descobrimento do Brasil – Crônica do fim do século XV*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, in *O Panorama*, do Rio de Janeiro, RJ, em 1840.

* **1840** – *Jerônimo Côrte Real*, “romance histórico” de João Manuel Pereira da Silva, sob iniciais J.M.P.S., in *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, RJ, de 8 a 11 de janeiro de 1840. 1ª ed. em livro, Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1865, “emendada e expurgada” pelo autor.

* **1844** – *Amância*, de D.J.G. Magalhães (Domingos José Gonçalves de Magalhães, in revista *Minerva Brasiliense*, do Rio de Janeiro, RJ, nos números 9 e 10 do 1º Vol., de março de 1844. Publicada em 1865 no volume *Opúsculos Históricos e Literários*, Rio de Janeiro, Livraria de B.L. Garnier, de pp. 347 a 391. Apesar de constituir um conto longo, ou, no máximo, uma novela, a intenção do autor era estrear com *Amância* no novo gênero do romance romântico, o que faz – segundo Antonio Candido – sob a “fórmula muito usada no Romantismo: o amor é um conjunto de complicações que põem os amantes à prova, a fim de melhor recompensá-los, ilustrando sempre o triunfo da virtude” (*Formação da literatura brasileira*, 5ª ed., Vol. 2, p. 125).

* **1844** – *Maria ou Vinte anos depois*, “romance brasileiro”, de J.N. de Souza e Silva (Joaquim Norberto de Souza e Silva), in revista *Minerva Brasiliense*, do Rio de Janeiro, RJ, Nº 11, de 1º de abril de 1844, tomo 1º, pp. 319 a 328. Segundo Antonio Candido constituiria um verdadeiro “romance-relâmpago, pois apesar do tamanho (onze páginas da *Minerva Brasiliense*, equivalendo talvez a umas trinta de formato comum) não é certamente novela nem conto” (*Formação da literatura brasileira*, cit. p. 123). Ao que tudo indica, tal “romance brasiliense” repetiria experiência de 1841 do mesmo autor com *As duas órfãs*, editado sob a forma de folheto de 35 páginas, in 4º naquele ano.

* **1844** – *Amélia*, de Émile Adet, in revista *Minerva Brasiliense*, do Rio de Janeiro, RJ, Nº 15, de 1º de junho de 1844, a Nº 20, de 15 de agosto de 1844, tomo 2º, às pp. 455, 517 e 615 e seguintes. História da salvação de uma moça ameaçada pela concupiscência do padrasto (foge de casa, no Rio, para Niterói, em companhia do apaixonado autor do plano), e que é contada ao Autor, em Paris, pelo terceiro personagem: o jovem que ajudara o namorado a realizar a fuga, mas, igualmente apaixonado por Amélia, resolve ir estudar na França.

* **1844** – *Dous casamentos*, de A. Vitorino Alves do Sacramento Blake, in *O Musaico*, “periódico mensal da Sociedade Instituto Literário da Bahia”, Salvador, BA, de janeiro a outubro de 1846, em total de oito capítulos. Transcrito in *Primeiras Manifestações da Ficção na Bahia*, de David Salles.

* **1844** – *Chegado de Londres e vindo de Paris*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva (Rio de Janeiro, 1820-id. 1891), in jornal *Gazeta Universal*, do Rio de Janeiro, em 1844.

Os primeiros jornais impressos no Brasil²⁷:

Corte (RJ)	1808	<i>Gazeta do Rio de Janeiro</i>
Bahia	1811	<i>Idade d'Ouro do Brazil</i>
Corte (RJ)	1813	<i>O Patriota</i>
Pernambuco	1821	<i>Aurora Pernambucana</i>
Maranhão	1821	<i>O Conciliador Maranhense</i>
Pará	1822	<i>O Paraense</i>
Minas Gerais	1823	<i>O Compilador Mineiro</i>
Ceará	1824	<i>Diário do Governo do Ceará</i>
Paraíba	1826	<i>Gazeta do Governo da Paraíba do Norte</i>
São Paulo	1827	<i>O Farol Paulistano</i>
Rio Grande do Sul	1827	<i>Diario de Porto Alegre</i>
Rio de Janeiro	1829	<i>O Eco na Villa Real da Praia Grande</i>
Rio de Janeiro	1830	<i>O Beij-Flor</i>
Goiás	1830	<i>Matutina Meyapontense</i>
Alagoas	1831	<i>Iris Alagoense</i>
Santa Catarina	1831	<i>O Catharinense</i>
Rio Grande do Norte	1832	<i>O Natalense</i>
Sergipe	1832	<i>Recompilador Sergipano</i>
Rio de Janeiro	1839	<i>Revue Française</i>
Espírito Santo	1851	<i>Correio da Victoria</i>

Fonte: Ministério da Cultura – Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
Centro de Referência e Difusão – CRD
Planor – Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras

²⁷ Nesta listagem de impressos, a Biblioteca Nacional informa apenas os jornais; acrescentei as revistas *O Patriota*, *Revue Française* e, também, *O Beija-Flor*.

BEIJA-FLORES.

Annaes Brasileiros

De Sciencia, Politica, Litteratura, etc., etc.



POR HUMA SOCIEDADE DE LITTERATOS.

N.º I.



Je prends le miel sans offenser les fleurs.

Rio de Janeiro,

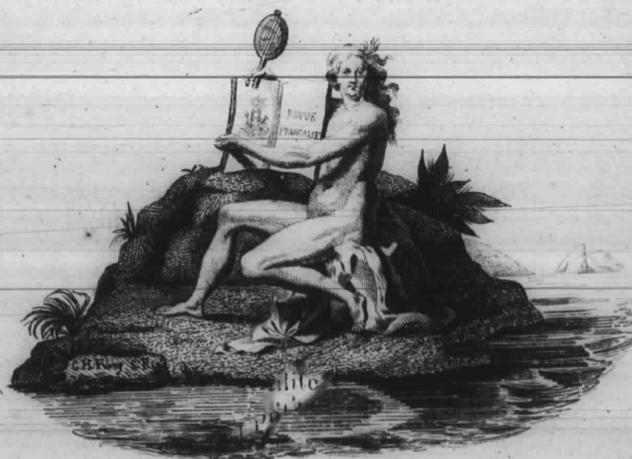
NA TYPOGRAPHIA DE GUEFFIER E C.ª,

RUA DA QUITANDA, N.º 79.

1830.

Primeiro número do periódico brasileiro *O Beija-Flor*, em 1830. O primeiro romance de folhetim da Literatura Brasileira, *Olaia e Júlio, ou a Periquita: novela nacional*, seria publicado mais tarde, nos números 4, 5 e 6. (Fonte: Biblioteca Nacional)

REVUE
FRANÇAISE.



RIO DE JANEIRO.

Primeiro número da *Revue Française*, publicada no Rio de Janeiro, em 1839: periódico em que foi publicada a tradução em francês do primeiro romance de folhetim da Literatura Brasileira, *Olaia e Júlio, ou a Periquita: novela nacional*, em 1830. (Fonte: Biblioteca Nacional)

TABLE DES MATIÈRES

DU PREMIER VOLUME DE LA REVUE FRANÇAISE.

Gravures.	
	Revue du mois. 16, 31, 45, 64, 80, 96, 112, 128.
Zuleika. C. H. FURCY FILS. 1.	José Bonifacio de Andrada. (Biographie.) 24.
Portrait de José Bonifacio de Andrada. <i>ib.</i> 17.	Tapage nocturne. 29.
Imao. <i>ib.</i> 33.	Histoire des Ducs de Bourgogne, par M. de Barante. EMILE GERMON. 38.
Fuite de Darius. <i>ib.</i> 49.	Chants lyriques, par Albert Maurin. <i>ib.</i> 60.
Atalide. <i>ib.</i> 65.	Plante du maïs. <i>ib.</i> 79.
Costume français du temps de Louis XIII. <i>ib.</i> 81.	Le cacique Montezuma. <i>ib.</i> 101.
Costume français du temps de Louis XIV. <i>ib.</i> 97.	L'odalisque. <i>ib.</i> 124.
Olaya. <i>ib.</i> 113.	Essai sur la Tragédie. T. A. CRAVEIRO. 40, 59.
	Sauvetage du Télémaque. 41.
	Les pains ensorcelés. 42.
	Bataille d'Issus. 56.
	Choix de maximes, pensées et réflexions. M. LE MARQUIS DE MARICA. 72, 94, 110.
	La folle d'Ostende. 87.
	Un épisode de la vie d'Adrien Brauer. D. AUBERT. 104.
	Le chasseur fashionable. ELZEAR BLA- 120.
	Poésie.
	Zuleika, texte anglais. LORD BYRON. 14.
	Zuleika, traduction. H-FURCY. 78.
	Atalide. RACINE. 62.
	Stances. C. H-FURCY FILS. 78.
	Stances. <i>ib.</i> 95.
	Stances. <i>ib.</i> 111.
	Le proscrit. <i>ib.</i> 107.
	La retraite. <i>ib.</i>

Rio de Janeiro, 1859. — Imp. C. H-FURCY.

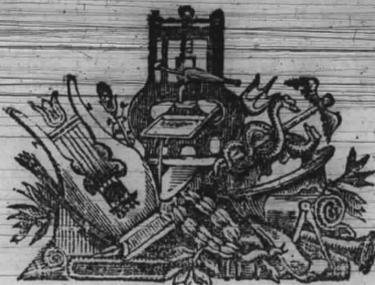
Sumário do primeiro número da *Revue Française*, 1839. Observe-se na seção “Prose” a indicação das páginas em que constam a tradução do romance *Olaia e Júlio, ou a Periquita: novela nacional: Olaya et Julio, nouvelle brésilienne, traduite librement du français*. (Fonte: Biblioteca Nacional)



Ilustração das primeiras páginas da *Revue Française*, 1839.
(Fonte: Biblioteca Nacional)

RIO DE JANEIRO,
4.^o Mai 1839.

PREMIÈRE ANNÉE,
N.º 1, 1.^o Vol.



REVUE FRANÇAISE.

LITTÉRATURE, SCIENCES, BEAUX-ARTS, POLITIQUE, COMMERCE.

Il paraît un Numéro, avec Gravures, le Premier de chaque mois, à l'Imprimerie et Chalcographie de C. H. Fery, Rue do Cano, N.º 151. — Le prix, PAYABLE D'AVANCE, est de 2\$000 rs. pour quatre mois, et 640 rs. pour un Numéro.

SUJET DE LA GRAVURE.

Zuleica.

« Eh! quoi, tu ne reçois point ma simple fleur! »
N. L. POÉSIE ÉTRANGÈRE.

Sommaire.

À nos Lecteurs. — Un Naufrage, par le prince Louis Napoléon et le duc Fitz-James. — Bernard et Mouton, par ALPH. KARR. — Poésie étrangère: Zuleica, par Lord Byron. — Variétés: Les artistes; Confession d'une jeune fille. — Nouvelles diverses. — Revue du mois.

A NOS LECTEURS.

En cherchant aujourd'hui à fonder au Brésil sous le titre de *Revue Française* une publication mensuelle, à l'instar de celles de France et d'Angleterre, nous croyons être utile à la fois à nos compatriotes et à la nation hospitalière dont les mœurs douces et

libérales nous rendent moins pénible l'éloignement de la terre natale.

En effet, dans un pays où la langue française se répand chaque jour davantage, et fait partie essentielle de l'éducation; dans un pays que l'immensité des mers sépare de la France, quel est le Brésilien quel est le Français, qui ne trouvera pas quelque utilité, quelque charme, même à une publication exclusivement consacrée à analyser la littérature, les sciences, les arts, l'industrie et la politique d'une contrée que sa civilisation a rendue à juste titre, ou rivale ou modèle des autres contrées de l'Europe? Quel est le père de famille, de quelque nation qu'il soit, qui n'appréciera pas un recueil destiné surtout à offrir constamment, par le choix de ses articles, la réunion des principes immuables de la morale?

Puisse donc la *Revue Française*, ré-

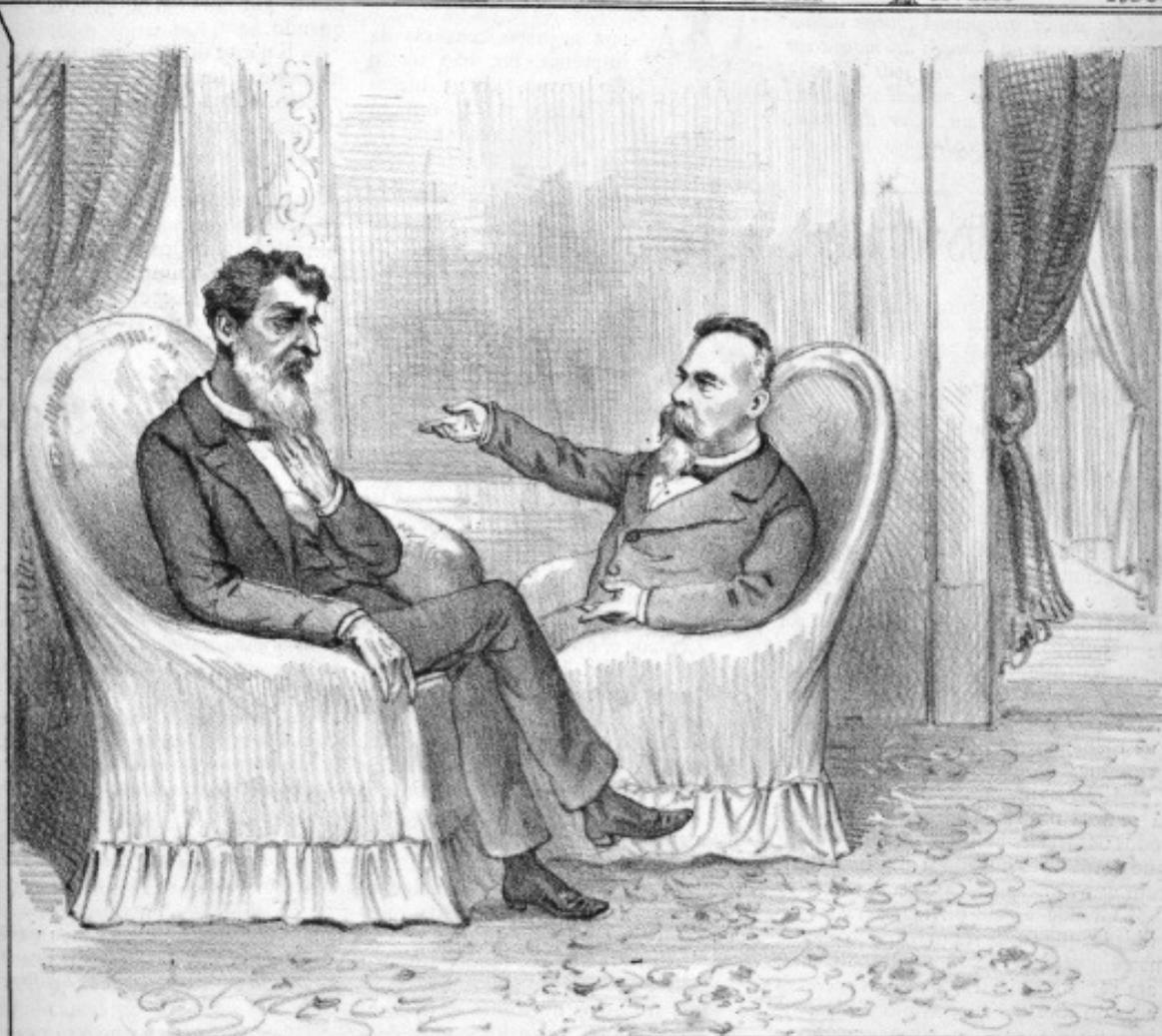
O editor da *Revue Française* se propunha a divulgar, em francês, notícias da França.
(Fonte: Biblioteca Nacional)

REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL
Anno 25\$000
Semestre 15\$000
Avulso 1\$000

FUNDADA EM 1876
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
À RUA DA ASSEMBLÉA, 61 (1º ANDAR)

ESTADOS
Anno 25\$000
Semestre 15\$000
Avulso 1\$000



*Em familia.
Conversaram animadamente sobre a Europa, as viagens, as manifestações, o estado sanitario, etc. Só não trataram da politica... Muito bem.*

A prática das ilustrações nos periódicos brasileiros se efetivou somente no final do século XIX. Primeira página da *Revista Ilustrada*, 1876.
(Fonte: Biblioteca Nacional Digital)

REVISTA ILUSTRADA

CORTE
 ANNO 16 \$000
 SEMESTRE 9 \$000
 TRIMESTRE 5 \$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.
 A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
 À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.

PROVINCIAS
 ANNO 20 \$000
 SEMESTRE 11 \$000
 AVULSO 1 \$000



El Rey, nosso Senhor e amo, dorme o sono da ... indiferença
 Os jornaes que diariamente trazem os desmanchos desta situação, parecem produzir em
 S. M. o effeito de um narcotico.
 Bemaventurado Senhor! Para vós o reino do céu e para o vosso povo... o do inferno!

Revista Ilustrada, 1887.
 (Fonte: Biblioteca Nacional Digital)

Capítulo III

Romance: arte e realidade

Esta beleza universal que a Antiguidade derramava solenemente sobre tudo não deixava de ser monótona; a mesma impressão, sempre repetida, pode fatigar com o tempo. O sublime sobre o sublime dificilmente produz um contraste, e tem-se necessidade de descansar de tudo, até do belo.

(Victor Hugo, Do grotesco e do sublime)

III. 1. Considerações teóricas

Como vimos no segundo capítulo, os jornais que circulavam até o início da década de 1830, embora tratassem pouco a pouco de assuntos de diferentes naturezas que não os estritamente informativos, ainda não tinham veiculado nenhum texto literário em prosa que saísse sob a forma de episódios com o chamativo apelo no final de cada capítulo: “continua no próximo número”. Nos periódicos que destinavam espaço à literatura, encontramos a publicação apenas de poesia, ainda nos moldes clássicos: de caráter encomiástico e enaltecendor; vivia-se um momento de transição do final do Neoclassicismo para o início do Romantismo.

Até então centradas eminentemente na poesia, as produções literárias brasileiras passaram a incluir o gênero romanesco, que aqui chegou importado da Europa (especialmente França e Inglaterra) e trouxe consigo uma nova forma de expressão. Ao contrário do caráter equilibrado e harmonioso, racional e bucólico do Arcadismo, essa nova maneira de representação artística caracterizava-se por refletir o sentimentalismo, a instabilidade emocional e o tédio – este associado a forte angústia. A essência romântica é a valorização dos processos individuais, da liberdade, da imaginação – tudo de par com a ideologia burguesa. Todas essas mudanças implicaram o surgimento de uma forma artística que atendesse às novas necessidades expressivas, um gênero que abarcasse a multiplicidade das aventuras e dos dramas pessoais – no seio de uma nova ordem social. No campo literário, é justamente no romance que o expediente romântico encontra espaço para se constituir e alargar sua liberdade de formas, permitindo ao indivíduo manifestar seus anseios e sua insatisfação com o mundo.

O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopéia clássica renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova. Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade. (WAT, 2007: 14-15)

Na Europa, Defoe, Richardson e Fielding dedicaram-se à nova forma de expressão literária que “favorece a prosa em detrimento do verso” (WATT, 2007: 52). Vemos, em *Tom Jones*, por exemplo, a liberdade de que usufrui o narrador ao se dirigir ao leitor até quatro vezes numa única página, demonstrando, assim, o abandono das convenções limitadoras do Classicismo. Tomemos as linhas iniciais do primeiro capítulo do livro II, intitulado “Em que se evidencia que tipo de história é esta: com o que se parece e com o que não se parece”, que se destina a sobrepor a enunciação do narrador ao enredo:

Apesar de haveremos, com muita adequação, definido história esta nossa obra, e não biografia, nem apologia para uma biografia, que é o que está mais na moda, nela pretendemos seguir o método dos escritores que professam revelar as revoluções dos países, em vez de imitar o trabalhoso e volumoso historiador que, para preservar a regularidade de sua seqüência, se sente obrigado a encher tanto papel com os pormenores de meses e anos em que nada de notável ocorreu, quanto o que emprega em descrever as épocas notáveis em que se desenrolam as maiores cenas do palco da existência humana. (*Tom Jones*, 50)

No trecho seguinte, no mesmo capítulo, o narrador, num procedimento de auto-reflexão da forma, se refere à tarefa inovadora de sua própria condição de romancista:

Não há de surpreender-se, portanto, o leitor se, no decurso desta obra, encontrar capítulos muito curtos, e outros muito longos; alguns que contêm apenas o espaço de um dia, e outros que compreendem anos; em outras palavras, se minha história parecer, às vezes, que não sai do lugar e, outras, que voa. Pelo que não me considere responsável perante nenhum tribunal nem jurisdição crítica nenhuma; pois como sou, em realidade, **fundador de uma nova província do escrever**, posso ditar-lhe livremente as leis que me aprouverem. Leis que os meus leitores, que considero súditos, têm a obrigação de acreditar e obedecer; e para que possam, pronta e alegremente, conformar-se com isso, asseguro-lhes, por meio deste, que hei de levar principalmente em conta as facilidades e o benefício deles em todos esses estatutos. (*Tom Jones*, 51; destaque meu)

O romancista refere-se ao gênero como “um dos mais úteis e interessantes” (Cf. *Tom Jones*, p. 399), e assim segue, exaustivamente, o narrador “fundador da nova província do escrever”, investido de todo o desembaraço e liberdade de ação que lhe confere a arte de romancear.

Ainda que as “formas literárias anteriores” ao século XIX, no Brasil, não remontem às epopeias clássicas, e guardadas as devidas proporções do contexto histórico, social e político brasileiro em relação ao da Europa, nosso romance romântico também significou a mudança dos “valores qualitativos clássicos para o domínio dos valores quantitativos da economia liberal” (GOLDMANN, 1967: 22-23). Se aqui o Romantismo reivindicou uma revolução burguesa que não existiu (SALLES, 1973: 125), é fato que houve uma busca de transformações dos valores estéticos (dos literários, particularmente), uma busca do “progressismo democrático” e da industrialização, com os enredos românticos que abordavam (sem intenções militantes, obviamente, mas de maneira perceptível) aspectos da vida e das relações sociais naquele tempo. As já referidas mudanças ocorridas no Brasil nos primeiros anos do século XIX significaram o paulatino abandono das convenções formais e coletivas do universal e a tomada das questões menores da contemporaneidade através da experiência individual: o caráter universal, ponderado, equilibrado, harmonioso, disciplinado e sereno do Classicismo dá lugar à inconstância, à angústia, à aventura, ao prosaico e ao sentimentalismo romântico.

Associar o exercício literário às condições sociais, econômicas e políticas – elementos extrínsecos, não artísticos em si mesmos – não significa, necessariamente, reduzir a qualificação estética da obra, considerando-a objeto menor ou medíocre. Prioritariamente, devem-se considerar os elementos estruturais que compõem o texto literário, a fim de identificar seu caráter artístico e seus elementos imanentes, relevantes para a lógica ficcional. Para TODOROV,

... afirmar o caráter interno dessa abordagem [estruturalista] não quer dizer que se negue a relação da literatura com outras séries homogêneas, como a filosofia, ou a vida social etc. Trata-se principalmente de estabelecer uma ordem hierárquica: a literatura deve ser compreendida na sua especificidade, enquanto literatura, antes de se procurar estabelecer sua relação com algo diferente dela mesma. (TODOROV, 2006: 81)

Como se sabe, Antonio Candido, em sua interpretação dialética do fenômeno literário, estabelece uma relação estreita dos elementos internos à forma com os elementos externos (especialmente o sociológico), avaliando, assim, a obra em sua relação com o meio:

(...) Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem.

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva de operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2006: 13-14)

De acordo com BOECHAT, a crítica e a historiografia literárias posteriores ao século XIX teriam negligenciado os aspectos formais da estética romântica, valorizando prioritariamente seus elementos histórico-sociais, o que reduziria a importância artística das obras desse período. Apontando a contradição de Afrânio Coutinho, defensor da abordagem intrínseca da obra literária, ao formular o conceito de literatura brasileira, a autora diz:

... nossa literatura é brasileira desde os seus primórdios, dizia Afrânio Coutinho, mas não, como se vê, por motivos estético-formais. Paradoxalmente, o critério estético que fundamenta a análise indica a existência de uma literatura brasileira que não é, entretanto, literatura. Ao atrelar a produção cultural à formação do país, Coutinho acaba por tropeçar na teoria da irredutibilidade do literário aos processos políticos e sociais, ou a seus fundamentos econômicos, tendo que abandonar a física das formas e recorrer a outro critério para traçar a história de nossa literatura nacional. (BOECHAT, 2003: 54)

Para a autora, a “desqualificação a que fica relegado o romantismo brasileiro” deriva do interesse da crítica pelos aspectos extrínsecos, não propriamente literários, das obras do período. José de Alencar, por exemplo, apesar de reconhecido como artista da palavra, por seu projeto de “nacionalização da literatura brasileira”, teve sua literatura situada num contexto geral de obras “suspeitas” (Cf. BOECHAT, 2003: 75-77). Essa suspeição deriva do valor atribuído à relação da ficção com a realidade, relação que, nos termos de Afrânio Coutinho, estaria na base do conceito de literatura brasileira. Mais adiante, afirma a autora que, bem examinada, a tradição historiográfica da literatura brasileira não sobrepõe os aspectos extrínsecos das obras aos intrínsecos, mas faz uma íntima ligação entre eles:

Se não tivéssemos acompanhado as nuances de uma longa elaboração, tenderíamos a ver, aqui [no conjunto dos historiadores passados em revista na obra *Paraísos artificiais*], a sobreposição da componente político-ideológica do conceito de nacionalismo literário. Não se trata, porém, de sobreposição, mas de **imbricamento**: o que vemos é a construção de uma **teoria do romantismo brasileiro em que há coerência entre as análises político-ideológica, sociológica e estético-literária**. (BOECHAT, 2003: 87; destaques meus)

O texto literário, portanto, deve ser entendido, ao mesmo tempo, como “afastamento” ou “desaparecimento” do “Eu” enunciador (ROSENFELD, 1976: 24) – o que lhe conferiria autonomia estética – e como está relacionado à realidade a partir da qual ele se constitui – realidade que, conforme graus maiores ou menores de habilidade no emprego das técnicas narrativas, alcança graus diversos de formalização. No caso do romance de folhetim *Olaia e Júlio*, objeto desta dissertação, ambos os aspectos passarão a ser considerados, imbricadamente, no estudo da constituição de sua essência ficcional.

III. 2. O enredo

O enredo do folhetim: o narrador se recorda de sua viagem ao nordeste do Brasil e de que, no momento em que caminhava pelas estradas da região, foi surpreendido por uma tempestade. Para se proteger da chuva, escolheu uma bela propriedade que se destacava na paisagem pela suntuosidade e elegância. Recebido com distinção na casa que escolhera, fez logo amizade com o jovem casal proprietário da residência, Olaia e Júlio. A harmonia em que vivia o casal chamou-lhe a atenção. Convidado a conhecer a casa, o narrador observou que, no salão de visitas, o requinte da mobília e da decoração contrastava com a simplicidade de uma ave empalhada disposta em vaso de barro. Curioso, o visitante comentou com o dono o contraste entre o vaso com a ave e o pedestal precioso. Comovido com a observação, Júlio revelou ao hóspede o significado daqueles objetos para o casal e ofereceu-lhe, para que lesse, um manuscrito com a história dos dois jovens.

Dirigindo-se ao leitor, o narrador explica que, por causa da extensão, não pode apresentar todo o conteúdo do manuscrito, mas diz acreditar que o resumo que apresenta “será digno de atenção”. A partir daí, inicia-se uma segunda narrativa.

Quando jovem, Júlio, uma criança miserável que fugia da seca, fora salvo por Olaia do ataque de um grupo de crianças liderado pelo irmão mais velho da jovem. Bela e rica, a menina salvara o garoto pobre e doente, doando-lhe comida, algum dinheiro e uma

periquita, que ele poderia vender em caso de necessidade. Em troca, Júlio ofereceu a Olaia um cordão que pertencera a sua falecida mãe, único bem que ele, menino pobre, possuía. Ao partir da fazenda dos pais de Olaia, Júlio encontrou-se com um preto velho, que reconheceu a ave de Olaia. Tendo ouvido o relato de Júlio, e, também ele grato à generosidade da menina, contou-lhe o episódio em que sua companheira tinha sido ajudada por ela num momento de fúria da maldosa mãe da garota. Na sequência, deparou-se o menino com um grupo de naturalistas que o capturou com o interesse de tomar-lhe a ave. Júlio recusou todas as propostas de compra do dr. Williams, evidenciando profundo apego ao presente de Olaia. Admirado pela veemência com que o menino defendia a propriedade da periquita, mesmo passando fome e estando sem dinheiro, o médico alemão, líder do grupo, decidiu adotá-lo. Depois de tratado pelo médico, Júlio prestou grandes serviços à expedição, com seus conhecimentos da fauna, flora e geografia do lugar. Mais tarde, para recompensá-lo, dr. Williams levou-o consigo para Hamburgo, onde estudou e recebeu refinada educação. A periquita não resistiu ao desconforto das mudanças e morreu durante a viagem. Júlio ficou desolado com a perda de sua única lembrança de Olaia; o médico decidiu, então, embalsamá-la, para preservar o souvenir do filho adotivo. Embora tenha se tornado um negociante importante, Júlio lamentava-se da distância de sua terra natal, das diferenças climáticas e da ausência de Olaia. Apoiado pelo pai adotivo, retornou ao Brasil e se estabeleceu como empresário. Na primeira oportunidade que se apresentou, voltou ao Ceará, num navio de socorros para os flagelados da seca, com a intenção de reencontrar a moça. Ao chegar em sua província de origem, reconheceu o irmão de Olaia na fila de recrutamento da tropa enviada pelo governo cearense em auxílio dos flagelados. Era o mesmo rapaz que antes, no início da história, o atacara. Descobriu, então, que a família da garota perdera todos os bens e dependia dos bordados de Olaia para sobreviver. Levado à tapera onde moravam Olaia, a mãe doente e os irmãos menores, Júlio deparou-se com a menina, que, exaurida e fraca, transportava água num pote de barro. Surpreendeu-se ainda ao reconhecer, no pescoço de Olaia, o cordelzinho que lhe fora dado por ele no breve e marcante encontro da infância. Júlio identificou-se e, em seguida, os dois se casaram e adquiriram a bela propriedade onde os encontraria, anos mais tarde, o narrador da história. Na sala de visitas da fazenda, ocupam lugar de destaque a periquita empalhada e o pote de barro, que simbolizam a superação das agruras pelos dois personagens cujos nomes compõem o título do romance.

O primeiro aspecto a ser observado em nossa narrativa é o próprio enredo. Tomemos como ponto de partida o cenário da literatura da época. De acordo com a

historiografia, desde o desfecho desventurado da Inconfidência Mineira, no final do século XVIII, teria havido certa “estagnação” na produção da literatura brasileira. Com a chegada de D. João VI, as atenções estariam voltadas para a ilustração da sociedade, para a preparação dos intelectuais, que se integrariam à vida da corte. De fato, nos primeiros anos do século XIX não houve grande produção literária – o que não significou, entretanto, inexistência de preocupação com a literatura. Poderíamos entender estes primeiros anos como um período de transição de nossa literatura, um período em que se sai da sujeição política, da dominação da metrópole, para a constituição de uma nação politicamente autônoma. A nova situação traria consigo, naturalmente, maior liberdade artística.

O tema da seca, bem representado pelas imagens do sertão cearense em *Olaia e Júlio*, configura a primeira abordagem regionalista do romance brasileiro. Percebemos que as condições da região em que se desenrola a história, o Nordeste, determinam diretamente os acontecimentos narrados no romance. Pela descrição e caracterização do cenário nordestino é que surge a particularidade brasileira em nossa literatura. Elementos típicos e cor local já comparecem nesse primeiro romance publicado em folhetim na imprensa brasileira. Sendo assim, o regionalismo surge na literatura brasileira em data anterior à que usualmente se considera. Os chamados precursores da literatura regionalista, Valdomiro Silva e Afonso Arinos só publicaram suas obras no final do século XIX, em 1891 e 1898, respectivamente. Nelas é nítida a preocupação com elementos próprios da realidade brasileira, tanto no que se refere ao comportamento do indivíduo, como a maneira de falar, quanto à descrição do cenário local. (Cf. PACHECO, 1967: 210)

Curiosamente, essa manifestação “regional” ocorreu, na literatura brasileira, em seu romance de folhetim inaugural. O drama do sertanejo desencadeia os principais eventos do romance: o ataque dos garotos ao personagem Júlio, que caminhava faminto por causa das desgraças decorrentes da seca, possibilitou seu primeiro e breve encontro com a jovem Olaia e, por conseguinte, a expectativa do reencontro:

(...) Ele então principiou a lhe contar que se chamava Júlio da... que seus pais habitavam a Vila de..., arredada mais de trinta léguas nos sertões, aonde eram assaz abastados, com seus escravos e boa porção de gado. Mas as secas, a morte dos escravos e as demandas pouco a pouco os tinham feito definhar, até que o pai morrera de mágoa e a viúva ficou com um filhinho em estado bem perto da miséria. (§13)²⁸

²⁸ Toda indicação de trechos referentes à novela será dada através dos números dos parágrafos no texto editado, representados, no final da citação, pelo sinal §.

Outro acontecimento determinado pela seca foi o retorno de Júlio, de Pernambuco ao Ceará, depois de sua chegada da Europa. Depois de saber pelo sócio, “homem já maduro e consumido na ciência social” (§47), que o Ceará sofria duramente com a falta de chuva, Júlio se determinou de imediato a transportar alimentos para os flagelados da seca; o que resultaria em seu encontro com Olaia.

(...) A seca que aflige nossa província castiga com inaudito furor as do norte. O Ceará entre todas está perdido: os sertões ficaram desertos, todo [o sertão] fugiu para o Beira-mar e amontoou-se na cidade; uma horrenda fome dizima a infeliz população. (§48)

Motivo também da insatisfação do protagonista na Alemanha foi a mudança climática radical para quem estava habituado ao calor do Nordeste brasileiro. O duro inverno europeu era muito incômodo para Júlio. As saudades da terra de temperaturas quentes causaram nele, além do desequilíbrio emocional, indisposições orgânicas: “Júlio distinguiu-se por seus talentos, caráter e conduta, mas o clima não lhe provou bem e os rigores do inverno abalavam sua robusta saúde e o enchiam de uma melancolia que virava o passado e as lembranças da pátria” (§45). De acordo com Fábio Lucas,

Durante muito tempo, a novelística nordestina, de inspiração rural, buscava nos rigores da natureza a explicação para a extrema infelicidade do povo. Os argumentos da predestinação continham a miséria e, vez por outra, a salvação pelo caso, a solução mágica e milagreira. (FÁBIO LUCAS, 1970: 78)

O contraste da alternância de infortúnios, deslocando de suas classes sociais os dois principais personagens, também é motivado pelas agruras do clima: Júlio, inicialmente pobre e doente, depois de ter pertencido a família abastada, diante de Olaia, bela e de família bem situada, ressurgiu, anos mais tarde, rico e bem educado para “salvar” sua Olaia da miséria em que passou a viver por causa da seca; os infortúnios de ambos, assim como as ações principais na novela, sucedem-se em decorrência das adversidades do meio natural. É através desses contrastes sociais que o narrador articula os encontros e desencontros dos protagonistas, criando, assim, os obstáculos necessários ao desenvolvimento de um enredo romântico.

III. 3. O espaço

Em *Olaia e Júlio*, o espaço parece determinar o tema. O interesse pela descrição do cenário sertanejo, assim como a caracterização dos personagens, constitui um dos aspectos da técnica utilizada pelo narrador para que se estabeleça a coerência interna da novela. Situados e caracterizados geograficamente numa região do Brasil, os espaços em que atuam os personagens são recorrentemente mencionados ao longo de todo o texto. A primeira narrativa, em que o narrador se apresenta como personagem, se passa na “província do norte”, o Ceará, num “distrito entre os mais pingues do Brasil”; na segunda narrativa, em que Olaia e Júlio são os personagens principais, aparecem os “sertões do Ceará”, “a província do Grão-Pará”, “Pernambuco”, o litoral cearense. Os tesouros recolhidos na província pelo dr. Williams são comparados aos que havia no “Tijuco”, no “Potosi”, na “Serra do Grão-Mogor”. O espaço europeu também comparece, especificamente a fria cidade de “Hamburgo”, para onde Júlio foi levado e onde se educou antes de retornar ao Brasil.

Através das imagens que dão forma à miséria dos personagens pobres e à opulência dos abastados, o narrador revela sua preocupação com o emprego de artifícios narrativos necessários ao empreendimento romanesco, ao desenho das linhas principais do drama. Tomemos como exemplo a cena seguinte, que ilustra o amanhecer de Júlio depois da noite em que dormiu no acampamento deixado recentemente pela expedição de naturalistas:

Ambos [Júlio e a periquita] acordaram com o raiar do sol. Júlio entrou na estrada indicada pelos rastos da boiada. O aspecto do país era assaz uniforme, com pequenas ondulações iguais que se sucediam sem interrupção. Um vapor avermelhado ofuscava o azul do firmamento, sem nada tirar ao ardor do sol; alguns trancos, acanhados cajueiros levantavam seus braços despídos de folha, acima das touças de sapê meio torradas pelas anuais queimadas destinadas a limpar o terreno, para favorecer a germinação do capim novo; porém, de balde naquele ano, os peões não tinham esquecido este cuidado. As noutes tinham negado o seu orvalho; a estação das chuvas tinha passado, e, apesar de que algumas trovoadas tivessem roncado, elas se tinham desfeito sem dar uma pinga de chuva; e não havia sinal algum de verdura na imensa planície que todo ente de vida abandonara para se refugiar nos lugares aonde se podia ainda achar alguma água; uma poeira sutil e absorvente afligia os olhos e ressecava a pele e a garganta; apenas o canto de algumas cigarras interrompia o silêncio de morte desta solidão, que teria assombrado o nosso pequeno viajante se ele, quando chegava ao cume das ondulações do terreno, não tivesse reencontrado com a vista a ribanceira, cujas voltas do imenso campo pulverulento, se assemelhavam às de uma fita prata com duas orlas verdes. (§18)

Essa imagem é, no texto, o melhor exemplo de esforço para a caracterização do sertão brasileiro, ou seja, esforço para situar a novela no espaço nacional. Não se trata simplesmente de um espaço de clima quente, como tantos outros do território brasileiro, mas exatamente o espaço “sertanejo” do Brasil. O efeito dessa descrição sobre o leitor – estrangeiro ou não – que nunca esteve no interior do nordeste brasileiro não deixa nada a desejar se comparado à caracterização espacial de grandes narrativas romanescas. Se a construção do espaço narrativo é um dos elementos da narrativa que estimula a imaginação do leitor à recriação imaginária proposta na ficção, o narrador de *Olaia* alcançou o efeito pretendido. A seleção de palavras e expressões que “pintam” a aridez cearense – “vapor avermelhado ofuscava o azul do firmamento”, “poeira sutil e absorvente afligia e ressecava a pele e a garganta”, “apenas o canto de algumas cigarras interrompia o silêncio de morte da solidão” – permite ao leitor a construção imagética do ambiente sertanejo, ainda que ele jamais tenha visitado o Ceará ou qualquer outra região com essas características. Todas essas imagens atuam como elementos que ilustram o subtítulo do romance: *Olaia e Júlio, ou a periquita: uma novela nacional* (destaque meu). A própria utilização do adjetivo “nacional” indica a preocupação da abordagem caracterizadora da particularidade brasileira.

Os aspectos espaciais que descrevem a contraposição dos personagens e suas classes sociais constituem um recurso criador de tensões ao longo do romance *Olaia e Júlio*. Inicialmente em condição miserável, Júlio encontra-se destituído de qualquer bem material: “... seus pais habitavam a Vila de..., arredada mais de trinta léguas dos sertões...”, “Este [Júlio] tinha ido à graça de Deus, através os sertões queimados, sustentando-se com aquilo que lhe davam por caridade nas choupanas que topava...”. Ao final da novela, é Olaia que padece com a pobreza – também ela apresentada em termos fortemente espaciais: “... eles chegaram a um descampado e avistaram cinco ou seis choupanas ou senzalas, agrupadas de um e outro lado da estrada.”, “A porta, que constava de uma simples esteira”, “A casa era de pau-a-pique com reboque de barro (...). Não se viam outros móveis se não a tal cadeira [de pau], dois bancos, uma banquinha com um pequeno oratório e no fundo da salinha um jirau de varas”. Para Fábio Lucas,

... o romance nordestino associa muito bem a herança da cultura brasileira, latifundiária e patriarcal, ao espírito terrivelmente cumulativo do capitalismo, gerador de miséria e desemprego, isto é, do exército de reserva necessário às suas fases de prosperidade e à cobiça do lucro.

Talvez o conjunto de romance do Nordeste constitua o documento mais enfático da disparidade social do país. A situação geográfica e a história da região, de uma pobreza heróica e dependente, gerou mais vivamente o

sentimento de protesto. Ali funcionam simultaneamente as forças telúricas e as instituições humanas para o esmagamento do homem e para tornar mais pronunciado o desnível entre pobres e ricos. (FÁBIO LUCAS, 1970: 78)

Em *Olaia e Júlio*, já se notam as características do romance nordestino posterior, ao qual se refere Fábio Lucas. Por outro lado, a suntuosidade da riqueza de Olaia e Júlio no momento em que o narrador os encontra – no início da novela –, a de Olaia e sua família, no momento em que Júlio a encontra pela primeira vez, assim como a prosperidade de Júlio, já empresário – no final –, está também evidenciada em termos espaciais. Ao se referir à casa do casal que o abriga da chuva, diz o narrador: “de nova construção e tão elegante no desenho e simetria das proporções, que se avantajava a muitos chamados palácios”. Da mesma forma, o narrador descreve com propriedade a pomposa fazenda da família de Olaia: “Isto se passava no largo de uma grande e opulenta fazenda, nos sertões do Ceará”. E quando Júlio retorna em busca de Olaia, diz o narrador sobre a empresa em que ele trabalhava: “A fortuna acompanhou a nova casa que trabalhava com potentes meios, e tão bem sustida pela de Hamburgo, cujas especulações com o Brasil foram feitas nestes inícios sobre escala mui grande...”.

Percebe-se, assim, que os elementos que compõem a estrutura do texto narrativo se apresentam como uma espécie “chave reguladora”, que incorpora na ficção o espaço real – conferindo-lhe autonomia ficcional. Evidentemente, o êxito desse empreendimento depende de vários fatores e circunstâncias: a habilidade do artista em empregar e articular os recursos para tal fim, a contextualização da própria obra em relação às demais de sua época e, sobretudo, a tradição artística. De acordo com WATT,

Tem-se dito que este [o romance] é a soma das técnicas literárias através das quais o romance imita a vida seguindo os procedimentos adotados pelo realismo filosófico em sua tentativa de investigar e relatar a verdade. (...)

O método narrativo pelo qual o romance adota essa visão circunstancial da vida pode ser chamado seu realismo formal; formal porque aqui o termo “realismo” não se refere a nenhuma doutrina ou propósito literário específico, mas apenas a um conjunto de procedimentos narrativos que se encontram tão comumente no romance e tão raramente em outros gêneros literários que podem ser considerados típicos dessa forma. (WATT, 2007: 31)

Se anteriormente (antes do romance moderno) o caráter geral e totalizador da arte significava a adoção de convenções, agora, com o romance, não é diferente – embora os procedimentos sejam outros. A busca da aproximação do leitor com a obra através das experiências dos personagens é um artifício por meio do qual se busca validar como autêntica

a experiência que o romance relata; a dramatização de questões particulares, ou “circunstanciais”, do indivíduo faz parte da organização formal do gênero romanesco.

Como se sabe, no Romantismo europeu encontramos elementos do modelo medieval, como a figura do herói (cavaleiro), o amor cortês, a paixão avassaladora, a manutenção da honra (vingança), a amada intocável, a fidalguia, a nobreza. Recuperados em ambiente que dispõe de meios para seu aproveitamento, em que se articulam de modo verossímil, tais elementos funcionam coerentemente como partes que, somadas às inovações da época, compõem o todo do romance romântico. Entretanto, transportados para o cenário brasileiro – ausente do passado histórico medieval – podem trazer algumas complicações e, por isso, comprometer, por vezes, a organização formal do romance romântico brasileiro. É justamente esta lacuna histórica que pode conferir às obras românticas algo de estranho e artificial. Em seu segundo romance, *A mão e a luva*, publicado em 1874, Machado de Assis perceberia a problemática da adequação romântica ao contexto brasileiro:

... o leitor saberá daqui a pouco, caso não aborreça estas histórias de amor, velhas como Adão, e eternas como o céu.

(...)

Era melhor, – mais romântico pelo menos, que eu [o narrador] o pusesse [Estêvão, quando do seu desenlace amoroso com Guiomar] a caminho da academia, com o desespero no coração, lavado em lágrimas, ou a bebê-las em silêncio, como lhe pedia a sua dignidade de homem. Mas que lhe hei de eu fazer? Ele foi daqui com os olhos enxutos, distraído-se dos tédios da viagem com alguma pilhéria de rapaz, – rapaz outra vez, como dantes. (*A mão e a luva*, capítulo I, p. 2 e10)

Nota-se que o narrador do romance citado reconhece a questão e justifica-se por não desenvolver as ações segundo as expectativas quando se vê diante da necessidade de construir um enredo e um personagem essencialmente românticos.

De toda forma,

O período de meio século, entre 1800 e 1850, mostra um grande salto na literatura brasileira, passando-se das penumbras de uma situação indefinida, misto de neoclassicismo decadente, iluminismo revolucionário e exaltação nativista, para uma manifestação artística, em que se reúne uma plêiade de altos espíritos de poetas e prosadores, consolidando, em uma palavra, a literatura brasileira na autonomia de sua totalidade nacional e de suas formas e temas, e na autoconsciência técnica e crítica dessa autonomia. (COUTINHO, 2007: 153)

A dissonância entre modelo europeu e contexto brasileiro criou a necessidade de um período de transformação e adaptação; as tentativas iniciais nem sempre foram bem sucedidas, embora estivessem ao par dos experimentos literários que ocorriam no início do século XIX. Não se trata exatamente de uma “evolução” literária, mas de um momento de transição, em que o intelectual brasileiro busca (de maneira natural) incorporar num modelo importado as características particulares, ainda por serem afirmadas. Essa dissonância se reflete em problemas de ordem formal, se o romance brasileiro for avaliado pelos padrões aplicados ao romance europeu. Nele, no romance brasileiro, ocorreu, por necessidade, como que um exercício experimental.

III. 4. Os personagens

Outro dos elementos primordiais que constituem uma narrativa literária consiste na construção e atuação dos personagens. Embora o personagem seja portador da energia que confere dinamismo ao enredo e regule o grau da verossimilhança no romance, tornando-o mais ou menos convincente, ele instaura, de certa maneira, em relação à experiência concreta da realidade, uma contradição na configuração formal romanesca, pois é um ser fictício, construído artificialmente para “existir” e engendrar a “autenticidade” da história. Nas palavras de Antonio Candido,

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2000a: 55)

Embora a criação literária repouse sobre esse aparente paradoxo, a verossimilhança confere aos acontecimentos narrados no romance uma densidade equivalente à experiência existencial. O primeiro aspecto a ser observado, em *Olaia e Júlio*, no que diz respeito aos “seres fictícios” é a particularização dos personagens protagonistas através dos

nomes próprios atribuídos a cada um deles, conferindo-lhes a condição de indivíduos. No romance, nem todos os personagens têm nomes próprios; apenas os mais relevantes são apresentados pelo narrador e, às vezes, até com um nome incompleto – o que sugere a existência de um sobrenome. “Olaia” e “Júlio”, no próprio título da novela e ao se apresentarem quando adolescentes; “Domingos”, o preto velho; o “dr. Williams S...”; “José Frederico de...”, irmão mais velho de Olaia; “Chiquinha”, irmã mais nova:

(...) Ele então principiou a lhe contar que se chamava Júlio da... (§13)

... e eu que nem sei do seu nome! Diga-me, minha rica periquita, como se chama tua amazinha?” “Olaia! Olaia!” Pronunciou a periquita, que talvez fora ensinada pela prima que queria dar mais valor ao seu presente. (§15)

(...) O bom preto ao ouvir a história, ficou todo enternecido, e depositando o cesto no chão travou uma comprida conversação com o pequeno, contando-lhe as particularidades da fazenda e da família, os nomes de todos os sítios e de todos os indivíduos; como o sr. moço, José Frederico de... (§15)

(...) O dr. Williams S..., célebre naturalista, grande médico e autor de vários tratados estimados, tinha sido escolhido para a dirigir [a expedição]... (§22)

(...) Olaia dirigiu-se logo à criança doente: “Chiquinha, minha vida, com te sentes?... (§53)

O pai Domingos, esse bom preto que dera a mão de milho a Júlio, tinha sido vendido com os mais escravos, e sofria um duro cativo longe de sua parceira... (§61)

A utilização de nomes próprios compreende uma das inovações mais evidentes no gênero romanesco da tendência de substituição da tradição voltada para o universal e o geral pela experiência individual, operando como um recurso eficaz na particularização dos personagens.

Logicamente o problema da identidade individual tem íntima relação com o status epistemológico dos nomes próprios; assim, nas palavras de Hobbes, “os nomes próprios trazem à mente uma única coisa; os universais lembram muitas a todos”. os nomes próprios têm exatamente a mesma função na vida social: são a expressão verbal da identidade particular de cada indivíduo. Na literatura, contudo, foi o romance que estabeleceu essa função.

Nas formas literárias anteriores evidentemente as personagens em geral tinham nome próprio, mas o tipo de nome utilizado mostrava que o autor não estava tentando criá-las como entidades inteiramente individualizadas. Os preceitos da crítica clássica e renascentista concordavam com a prática literária, preferindo nomes ou de figuras históricas ou de tipos.

(...)

Os primeiros romancistas romperam com a tradição e batizaram suas personagens de modo a sugerir que fossem encaradas como indivíduos particulares no contexto social contemporâneo. (WATT, 2007: 19)

Os personagens secundários do texto não são nomeados e só podem ser identificados por suas categorias familiares ou sociais: “um lacaio”; “um cozinheiro francês”; “uma ama de leite”; “os irmãos mais novos”; “o pai”; “a mãe”; “pretos libertos”; “caboclo”; “o peão”, “o Soberano”, autoridade da corte alemã; “fulano”; “o dono da fazenda”; “o seu sócio”; “o sargento”; “uma cafuza já idosa”; “uma mulher branca de mediana idade”, a mãe de Olaia. Logo quando o grupo de garotos, sob o comando do irmão mais velho de Olaia, ataca Júlio nas proximidades da casa da família rica, as crianças são qualificadas a partir de suas classes sociais. O narrador refere-se diferentemente aos meninos:

“Vamos laçar o Sapo”, gritava **um menino de 12 para 13 anos**, montando num sendeirinho muito esperto. “Vamos laçar o Sapo”, ecoavam **outros dois meninos mais moços**, a pé, e **meia dúzia de moleques de todos os tamanhos**, enquanto **sete ou oito rafeiros magros** acompanhavam esta nova espécie de caça com horrenda ladraria. (§7)

As crianças denominadas “meninos” são os moradores da fazenda, irmãos de Olaia; as outras crianças, provavelmente agregados ou escravos da família, são qualificadas como “moleques”. Percebe-se mesmo uma gradação na descrição da cena: os “meninos” (o mais velho inclusive montado a cavalo), os “moleques”, os “cães” magros. Mais adiante, o menino rico determina a um moleque que busque seu laço para capturar Júlio. O narrador chama-o de “pardinho”:

(...) Entretanto, todos os inimigos, rapazes e cães, o cercavam com grande alarido, e já o chefe do bando endiabrado dava ordens a um **pardinho** de lhe ir buscar o seu laço. (§9)

A posição superior do garoto da fazenda em relação às demais crianças é clara. Essa estratificação social permaneceu na sociedade brasileira ao longo de todo o século XIX, de modo que, a propósito da realidade social do Brasil no final do século XIX, Fábio Lucas pôde afirmar que a coexistência da hegemônica da classe latifundiária e dos desfavorecidos se dava sem conflitos ou oposições:

A sociedade brasileira, durante largo período, dominada pela produção agrícola, apresentava-se numa divisão de classes estratificada, sem oposições assinaláveis, com a hegemonia maciça e incontestável dos latifundiários. Não se oferecia, desta forma, ao humanismo burguês da classe média urbana um conflito social total que o impressionasse e exigisse correspondente projeção nas obras de criação literária. Havia problemas sociais: o desnível e as suas conseqüências, isto é, o oportunismo político, a miséria, as mazelas. Não havia o problema social. (FÁBIO LUCAS, 1970: 60)

Apoiando-se nas obras de Bernardo Guimarães e de Aluísio Azevedo, o autor refere-se aos anos de 1875 e 1881, respectivamente. Assim, se no final do século o quadro social se apresentava dessa forma, em 1830, época da publicação de *Olaia e Júlio*, não seria muito diferente; aliás, por possuírem maior grau de dominação, é possível até que as relações entre as classes fossem menos conflituosas.

A “periquita”, ave que possui importante papel na trama e contribui, na estrutura narrativa, para o reencontro do casal, mesmo depois de morta, ocupa um lugar de destaque no romance. Dotada de atributos humanos, como a fala, o afeto, a saudade, o personagem desencadeia uma série de eventos e possibilita a Júlio o experimento das sensações românticas em momentos de alegrias e tristezas:

(...) e virando a cabeça para a periquita, que tinha tomado posse do seu ombro: “Pobrezinha, mudastes uma ama tão bonita e tão rica por um companheiro tão miserável como eu!... Mas esteja quieta! Enquanto eu viver não te há de faltar caju, cuparosa, mangaba, ou outro qualquer manjar do teu gosto... Eu de noite e de dia hei de te mimar e te afagar... E não sentirás saudades da tua senhora, porque hei de te falar sempre dela... E eu que não sei do seu nome!... (§15)

Após deparar-se com a expedição naturalista do dr. Williams, Júlio foi duramente assediado para vender-lhe a periquita, o que recusou com veemência. Na tentativa de aprisionar uma borboleta que fugira para as ribanceiras, o grupo recolheu a bagagem e partiu rapidamente, deixando o garoto desolado. Porém, a ave o consolou:

O menino, depois do estrondo desta cena, sentiu-se assaz triste e abandonado; mas a voz da sua periquita o fez tornar em si. Ela, como se o quisesse premiar de não a ter querido trocar por tamanha soma como a que fora oferecida, principiou a repetir umas poucas de vezes o nome de Olaia. O pequeno a recompensou com mil afagos e, sem mais se lembrar do futuro ou do passado, principiou a brincar com ela debaixo da sombra, até que, dando-lhe sono, se deitou na relva, justamente no lugar onde o doutor estivera sentado. (§28)

Ele apegou-se à ave pela estima e pela lembrança de Olaia, os dois tornaram-se inseparáveis. Em momentos de separação, a periquita reagia à ausência do dono:

A periquita o não largava de dia e de noite. A sua efetiva morada era o ombro de Júlio, ao qual, conforme o instinto da sua espécie, ela criou um amor tão singular e despótico, que não permitia que qualquer outro bicho, ave, ou quadrúpede se chegasse a ele e quanto menos lhe fizesse festas; as mesmas borboletas que apanhava eram o alvo do furor dela, e não era possível pregá-las com os alfinetes para fora da copa do chapéu de palha, como os mais companheiros faziam, sob pena de as ver dilaceradas. Ela o

castigava a ele mesmo quando não dava bastante atenção às suas carícias e beijinhos.

Era assaz incômodo penetrar os fechados, correr as catingas e subir às árvores com a delicadinha ave no ombro; e Júlio procurou eximir-se da tal obrigação, deixando-a com a bagagem na companhia dos outros bichos. Mas esta fez tamanha algazarra e deu tantas provas de desesperada, que ele não teve ânimo de persistir na sua resolução e de afligir a sua Olaia, nome que todos tinham dado à periquita, porque era a única palavra que jamais aprendio a repetir – motivo pelo qual ainda era mais cara a Júlio. (§33)

Entretanto, nenhum dos infortúnios de Júlio não lhe causou mais tristeza do que a morte do pássaro. Depois da longa viagem à Alemanha, a periquita não resiste:

(...) Ultimamente, os excessos e ciúmes da sua paixão por Júlio tinham devorado a sua existência: a velhice antecipada e freqüentes acidentes pronosticavam a morte próxima; e, com efeito, quando a embarcação chegou à região dos frios, ela principiou a definhar, e se bem que toda morosa; e gostava, jamais saía do peito ou da cama de Júlio; assim mesmo as forças a abandonavam, e uma madrugada, este, ao acordar, achou-a sem vida encostada a uma das suas faces – apesar de prever esta perda, a dor que transpassou o coração de Júlio foi tão aguda, que lhe deu um vago; quando voltou em si, ele rompeu em choros e ais, e foi preciso toda a influência do pai adotivo, e as carícias e consolações que lhe prodigalizou, para o sossegar e o determinar a tomar alimentos. Aliás, não faltaram à pobrezinha defunta as honras fúnebres que sua dedicação exemplar merecia. O pintor tirou dela uma perfeita cópia, e o doutor, com as próprias mãos, a embalsamou e preparou com toda a perfeição que uma longa prática o habilitara a dar às obras desta natureza. finalmente uma rica boceta de ouro a recebeu e na tampa o doutor, que tinha presunções de poeta, insculpiu, em ar de epitáfio, o seguinte verso latino:

*Ex ave tantillâ constanciam edisce, puella.*²⁹

Júlio colocou o pequeno túmulo em cima do coração e jamais o largou antes do casamento. (§43)

Evidentemente não se pode deixar de notar os exageros a que o narrador recorreu para construir essas cenas em que o foco recai sobre Júlio e a periquita. Os predicados humanos atribuídos a ela vão além da conta, e o excesso da emoção do bicho, por exemplo, confere ao efeito da verossimilhança um tom artificial, sugestivo de comicidade por tratar-se de uma relação homem-animal. Outro tipo de exagero são as afirmativas categóricas emitidas pelo narrador sobre os eventos: “a sua **efetiva** morada era o ombro de Júlio”; “Júlio colocou o pequeno túmulo em cima do coração e **jamais** o largou antes do casamento”. O próprio

²⁹ “Meninas, aprendei de tão diminuta ave a serem constantes.” (nota do autor)

comportamento passional da ave tem recorrentes “alterações de humor”. Por fim, as “honras fúnebres” e o “epitáfio” fazem do animal um exemplo para o homem.

A construção dos personagens – ainda que desprovidos de aprofundamento psicológico – obedece à lógica de sua realidade territorial e também artística. O romancista trabalha com os recursos de que dispõe para sua confecção literária.

A conduta moral é o fundamento da edificação dos personagens. Júlio é o herói pobre e dependente que supera os infortúnios para, no fim, tornar-se rico por merecimento, bem sucedido, e reencontrar a mocinha Olaia, reabilitando sua honra perante os inimigos, mas que age sempre dentro dos moldes elevados da generosidade e da sublimidade, valores prezados na sociedade. Por sua vez, Olaia paga o preço da riqueza com a perda dos bens da família e, pela nobreza de seus procedimentos para com Júlio, no passado, desperta a paixão do moço, que a aguarda por anos. Tudo dentro da expectativa romântica.

Pela significação do personagem dentro da obra literária, a literatura exerce a função de humanizar as pessoas, pela vivência imaginária das “tensões” dos dramas e dos conflitos dos personagens, sem, obviamente, poder resolvê-las (DANTAS, 2002: 19). Para Antonio Candido:

O Regionalismo, que o sucedeu [o Arcadismo] e se estende até os nossos dias, foi uma busca do tipicamente brasileiro através das formas de encontro, surgidas do contato entre o europeu e o meio americano. Ao mesmo tempo documentário e idealizador, forneceu elementos para a auto-identificação do homem brasileiro e também para uma série de projeções ideais. (CANDIDO, 2002: 86)

Olaia e Júlio possui a importância de representar, através de seus personagens, o indivíduo que vive o drama da pobreza, da dominação e dos rigores do clima quente e seco, ou que desfruta das benesses de pertencer à classe privilegiada, amenizando, assim, as dificuldades. A importância atribuída a uma ação ou procedimento de um personagem, no romance, depende de seu valor moral. É o que se lê nas palavras de Júlio dirigidas a Olaia, quando a moça se sente embaraçada com os elogios do marido:

“Minha Olaia,” – continuou ele – “não cores outra vez; a narração da boa ação à qual devemos nossa felicidade é digna de ser publicada e de servir de prova que algumas vezes a virtude recebe na terra o seu prêmio.” (§5)

Assim, vemos que a função dos infortúnios vividos pelos personagens no romance é também a de promover e ilustrar os preceitos morais através do comportamento, sendo que cada um deles recebe sua quota de punição ou de recompensa, de acordo com a conduta.

III. 5. O foco narrativo

O narrador de *Olaia e Júlio* apresenta-se inicialmente em primeira pessoa. Evocando uma viagem ao sertão, o narrador-personagem procura abrigo ao ser surpreendido por uma tempestade e, ao adentrar numa bela residência, torna-se hóspede da família. Logo, recebe das mãos de Júlio, proprietário da casa, um manuscrito que conta a história das vidas do jovem e da esposa. Admirado com a leitura, o narrador dirige-se ao leitor e comunica-lhe sua intenção de publicar, de modo resumido, a história que consta do manuscrito. O conteúdo escolhido pelo narrador é a série de acontecimentos a que se chama, aqui, de segunda narrativa:

Quando eu visitava as províncias do norte do Brasil, aconteceu que uma medonha trovoada, já armada, me obrigou a correr com os olhos as campinas vizinhas à estrada, para buscar asilo. (§1)

(...)

Quando deixamos a mesa, a trovoada tinha sido rendida por uma chuva desmedida. Sendo pois impossível sair fora a visitar o engenho, meus hóspedes me mostraram a casa... (§4)

(...)

Com efeito, às horas de se deitar, o meu hóspede me confiou um manuscrito assaz volumoso, que devorei durante a noite, e do qual, com a licença do dono, eu tirei uma cópia. Não o posso dar por inteiro ao público, sendo comprido em demasia; mas julgo que o resumo que dele fiz será digno da atenção dos meus leitores. (§6)

Ao transportar-se para segundo plano, o narrador abandona sua condição de personagem e passa a narrador onisciente. Entre os recursos narrativos pelos quais ele se exprime temos: a fala dos personagens em discurso direto, que, nesta edição se padronizou pelo uso de aspas; a descrição de ambientes internos ou externos pela enumeração de objetos,

fauna, flora, condições geográficas; a revelação das virtudes, dos vícios e das vicissitudes humanas, que conduzem o indivíduo ao bem ou ao mal; e a narração, propriamente dita, das ações dos personagens.

O encaixe da história de Olaia e Júlio na história do narrador permite a passagem de um nível narrativo a outro, de modo que a segunda história fica incorporada à primeira, ocasionando o deslocamento, em relação à enunciação, de elementos como enredo, foco narrativo, tempo, espaço e personagem, além de conferir à obra um maior grau de verossimilhança. Sobre a utilização do recurso do manuscrito no texto literário, CASTRO acredita que

A presunção da existência do manuscrito é o ponto de partida [no caso dos exemplos citados pelo autor] para a construção do romance e para sua leitura. Não se trata, é claro, de supor que haja prova documental dessa existência, ou do modo como o texto foi encontrado: em um porão, no balcão de uma farmácia ou em um pardieiro [passado das mãos de um personagem do romance às mãos do narrador, no caso de *Olaia e Júlio*]. Em alguns casos, a conjectura seria mesmo ridícula. Trata-se apenas de fingir que ele existe, e essa simulação, acatada pelo leitor, funciona como a cláusula primeira de um contrato ficcional; somente a partir dela é que a narrativa poderá acontecer. (CASTRO, 2008: 226)

Esse é o elemento principal da construção do romance *Olaia e Júlio*, que se desenvolve justamente na segunda narrativa, cuja existência está consignada ao manuscrito oferecido ao narrador pelo personagem Júlio. A narrativa retorna ao primeiro plano, com o narrador revelando aos leitores seu desejo de publicar no mesmo periódico, *O Beija-Flor*, as correspondências trocadas posteriormente entre ele e o casal. A aplicação desse artifício na literatura brasileira, em 1830, revela sofisticação, assim como uma grande habilidade do escritor. Esse recurso, somado a outros aqui apontados, confere à novela o caráter de um trabalho artístico, com toda a propriedade do fazer literário.

Vimos que o que desencadeia os eventos no romance é, sobretudo, a adversidade climática que acomete os protagonistas. A partir das desgraças causadas pela seca, que se juntam a outros infortúnios representados na palavra “demandas”, Olaia e Júlio se conhecem, se separam, superam as tragédias e se reencontram.

Mas as secas, a morte dos escravos e as demandas pouco a pouco os tinham feito definharem, até que o pai morrera de mágoa e a viúva ficou com o filhinho em um estado de miséria. (...) Este [Júlio] tinha ido à graça de Deus, através os sertões queimados, sustentando-se com aquilo que lhe davam por caridade... (§13)

Aliás, àquela época a desventura principiou a castigar sua família [de Olaia]: o pai e os irmãos mais moços morreram. O mais velho, com paixões indomáveis e sem o freio da educação e do respeito tiranizou a mãe e as irmãs e dilapidou os bens; a fazenda foi penhorada; os escravos foram vendidos: a seca deu o último golpe. (§57)

No entanto, é também por causa dos atributos virtuosos que os jovens alcançam o êxito de viverem juntos, com dignidade e conforto:

Mas um sentimento de boa criação o fez [Júlio] recusar o dinheiro e a ave... (§13)

(...) Júlio distinguiu-se por seus talentos, caráter e conduta... (§45)

Ah, se ela [Olaia] quisesse não estaria nesta pobreza, ela teria achado um bom arranjo; mas é donzela; e tão esquiva, é honradinha! (§54)

Outros episódios servem também de recurso para o desenrolar das ações na narrativa: a bolsa de dinheiro esquecida pelo médico no acampamento é encontrada por Júlio, que a devolve com todo o conteúdo ao dr. Williams. Isso desperta no médico grande confiança e admiração pelo garoto e contribui para a caracterização de seu bom caráter. A queda do médico no rio, de onde é salvo por Júlio, estreita ainda mais a relação dos dois personagens; o dr. Williams lhe fica eternamente grato.

Postas estas considerações sobre as estratégias narrativas, alguns problemas de verossimilhança causam estranhamento ao leitor. A primeira descrição de Júlio, de cunho naturalista, aponta características físicas um tanto quanto desagradáveis:

A miserável criatura assim acometida não era bicho, mas sim uma criança; verdadeiramente ela dava alguns ares de sapo. A barriga muito inchada, a cabeça quase pegada aos ombros, e igualmente entumecida, as pernas e braços nimiamente descarnados, e terminados por delgadíssimos dedos, faziam lembrar a grosseira construção do tal bicho, ajudando a cor lívida e os olhos escanchados com o medo para a semelhança. (§8)

Como despertar em Olaia uma paixão por este adolescente de tão horrenda aparência? Já de início esta é uma questão para a qual o leitor gostaria de ter resposta. Nas linhas seguintes, o narrador atribui, de maneira um tanto inesperada, ao olhar de Júlio “candura e vivacidade”:

A doença tinha desfigurado o menino; mas, antes que as feições inchassem, ele tinha sido mui galante. Neste momento a força dos sentimentos de gratidão e admiração tornavam a dar aos olhos a antiga expressão de candura e vivacidade, à boca o sorriso engraçado, e à voz o som agradável e penetrante dos seus dias de saúde. A menina sentiu outra emoção do que simples compaixão que um menino pobre lhe podia inspirar! Uma alma

nobre e generosa dava-se a conhecer a outra digna de a encontrar, e um instinto inexplicável de simpatia e de ternura lhe mostrava na criança tão miserável e maltratada da doença um ente que merecia ser correspondido com toda a delicadeza de procederes e atenções. (§14)

Afirmar que “a força dos sentimentos de gratidão e admiração” modificam uma aparência física tão maltratada pela miséria e pela doença soa muito fantasioso para os moldes do romance moderno. Uma outra manobra que deixa o narrador também em situação difícil, ainda de acordo com a teoria do romance moderno, é explicar como os jovens alimentam a suposta paixão por vários anos e se mantêm sozinhos, sobretudo Olaia, linda e atraente:

Ele [Júlio] já chegara à idade das paixões e, com uma alma tão terna, como ardente, ainda não tinha achado o ente que devia fazer o destino de sua vida: alguns namoros passageiros tinham terminado em frieza ou desgosto. (§40)

quando a idade do himeneu chegou, seu coração [de Olaia] ficou mudo; os jovens que lhe rendiam homenagens tornavam-se-lhe odiosos, e ela enfeitou quantos partidos se ofereceram (§57).

A incoerência do recurso discursivo do narrador residiria no fato de as transformações físicas de Júlio se darem quase por mágica, tornando-o belo e galante, e na estranha recusa de Olaia às propostas amorosas, sem que houvesse, para ela, sequer uma suspeita de que Júlio reapareceria. Aos leitores não fica difícil perceber que Júlio voltará, porque acompanham seus passos e suas intenções. Se aplicamos a teoria do romance realista, já do final do século XIX, parece-nos haver um “defeito” na construção do romance, uma incoerência interna que desequilibra a economia narrativa com os “fenômenos” de transformação tanto do feio para o belo, quanto do belo para o feio. Entretanto, a estrutura de *Olaia e Júlio* antecipa as regras de verossimilhança do romance de folhetim, em particular, e mesmo do romance moderno, em geral. Assim, percebemos que a novela transita em dois fundamentos teóricos: o do conto de fada, quando Júlio é comparado a um sapo – animal asqueroso e passível de metamorfoses somente na imaginação, e o do romance moderno, com sua abordagem realista do sertão brasileiro. Júlio deixa de ser o “sapo” e se transforma no “príncipe” de Olaia; naturalmente, como em todas as narrativas dos contos de fada, as características físicas estão diretamente ligadas ao procedimento moral dos personagens: o belo é bom, o feio, ruim; daí a necessidade de transformação para a elevação da conduta dos personagens no final da trama.

Crêterios desta edi o

Tendo em vista os objetivos desta edição, que incluem a facilitação da inteligência do texto por um leitor comum, procedeu-se a alterações na pontuação, à atualização da ortografia e à uniformização das características gráficas do texto.

1. Pontuação

A pontuação, no texto-fonte, distancia-se muito do uso atual – o que nos levou a alterá-la, com o objetivo de facilitar a leitura do texto. Foi conservada a pontuação em que julgamos reconhecer valor expressivo, ainda que afastada dos padrões atuais. As reticências, que vêm no texto indicadas por “...”, “....”, “.....”, “.....”, “.....”, foram uniformizadas conforme ao uso atual: “...”.

1.1. **Empregos do travessão e das aspas:** O discurso direto de personagem vem irregularmente assinalado na primeira edição – ora sinalizado por travessão, ora por aspas, ora por ambos. Nesta edição, foram empregadas exclusivamente as aspas para sinalizar o início e o fim de todos os discursos diretos de personagem, reservando-se o travessão para emprego na pontuação do texto.

2. Ortografia.

A ortografia do texto foi atualizada, conforme o Acordo Ortográfico de 2008.

2.1. **Iniciais maiúsculas:** consoante à ideia de dar ao texto uma feição mais atual, reduziu-se o emprego de iniciais maiúsculas nas seguintes palavras (embora algumas delas tenham certo “valor ideológico”): “Agricultura”, “Almofada”, “Angelica”, “Beira-mar”, “Borboleta”, “Brasileiras”, “Brasileiro”, “Caboculo”, “Cafazuça”, “Capitão”, “Casa”, “Catitús”, “Ceo”, “Chefes”, “Cidadão”, “Cidade”, “Corte”, “Districto”, “Doutor”, “Dr.”, “Engenho”, “Familia”, “Fazenda”, “Filho”, “Governo”, “Imbaibás”, “Italianos”, “Irmão”, “Jacús”, “Jaquapirões”, “Jovem”, “Juizes”, “Mai” (“Mãe”), “Menino”, “Muzeos”, “Pacas”, “Paço”, “Padre”, “Pai”, “Papai”, “Patria”, “Pequeno”, “Periquita”, “Personagem”, “Pião”, “Pintor”, “Piões”, “Porta”, “Preto”, “Pretos”, “Província”, “Provincias”, “Rei”, “Rio”, “Sapo”, “Senhor”, “Senhora”, “Sinal”, “Soberano”, “Sol”, “Sr.”, “Universo”, “Vigario”, “Villa”, “Você”, “Zebelês”.

Foram, entretanto, conservadas as iniciais maiúsculas nas palavras “Imperador”, “Reino” e “Providência”; e “norte” passou a “Norte”, “grão Pará” passou a “Grão-Pará”, “grão Mogor” passou a “Grão-Mogor” e “china” passou a “China”.

Mudanças de maiúscula para minúscula e vice-versa, em decorrência de alterações na pontuação e da uniformização adotada (por causa da pontuação) não foram anotadas em rodapé.

2.2. **Emprego de itálico:** A palavra “lady”, que vem grafada em redondo no texto, passou a itálico. Nos termos latinos, nomes científicos de espécies zootômicas, que o autor nem

sempre grafa em itálico, adotou-se sistematicamente o itálico; no caso de termos designativos de ordens, famílias e gêneros, os nomes foram grafados nesta edição com inicial maiúscula e os nomes de espécies e de variedades, com inicial minúscula. Na primeira edição, esses nomes vêm grafados de maneira irregular; ora o gênero em maiúscula, ora em minúscula, e o mesmo para a espécie.

2.3. Acentuação gráfica

2.3.1. **Palavras proparoxítonas:** No texto, em geral, as palavras proparoxítonas não vêm acentuadas: “acrescimo”, “acerrimo”, “angelica”, “animo”, “aquatica”, “ardentissimos”, “arvores”, “aspero”, “astronomo”, “attonita”, “botanico”, “caracteristico”, “celebre”, “cerebro”, “chacaras”, “dadiva”, “delgadissimas”, “despotico”, “duvida(s)”, “energico” eramos, “escandalo”, “especificos”, “espectaculo”, “espirito”, “evangelica”, “exanime”, “fantasticas”, “funebres”, “genero”, “hospede”, “hydropico”, “incommodo”, “intimos”, “lagrimas” (ao par de “lagrymas”), “livida”, “magnifica”, “maquina”, “medica” “medico”, “mesmissimo”, “metropoli”, “numero(s)”, “obstaculo”, “palpebras”, “passaro”, “philantropicos”, “physico”, “politica”, “politicos”, “pratica”, “prologo”, “proximo”, “publico”, “quadrupede(s)”, “quimericas”, “requisissima”, “santissima”, “scientificas”, “selvatica”, “specimens”, “symphatica”, “theorica”, “thermometros”, “tinhamos”, “tremulas”, “tumulo”, ultimo”, “unico”, “vespora”, “victima”. Todas elas foram acentuadas. A única proparoxítona que aparece acentuada no texto é “época”.

2.3.2. Palavras paroxítonas:

2.3.2.1. No texto ocorrem, sem acento, as seguintes palavras paroxítonas, que hoje são acentuadas: “abundancia”, “admiraveis”, “affagavel”, “agoa”, “agradavel”, “agravel”, “amavel”, “ansia”, “apparencias”, “astea”, “benção”, “beneficios”, “benevolencia”, “caliz”, “character”, “caricias”, “circumferencia”, “circumstancias”, “circunstancias”, “colonia”, “commercio”, “consideraveis”, “consorcio”, “continuas”, “contrario”, “copia”, “correspondencia”, “decencia”, “deploravel”, “diligencia”, “docil”, “duzia(s)”, “edificio”, “epitaphio”, “equilibrio”, “espécie(s)”, “estimavel”, “existencia”, “experiencia”, “facil”, “familia”, “genio”, “giboya”, “historia”, “imovel”, “impaciencia”, “impassivel”, “impossivel”, “inclemencias”, “incommensuravel”, “indeleveis”, “Iudia”(Índia), “indicio”, “indicivel”, “individuos”, “indomaveis”, “indubitaveis”, “ineffavel”, “inexplicavel”, “infancia”, “influencia”, “inicios”, “innocencia”, “instancias”, “instantaneas”, “irresistivel”, “Julio”, “legoas”, “longinquas”, “magnificencia”, “magoa”, “memoria”, “miseravel”, “miseria”, “mobilia”, “modestia”, “momentanea”, “moveis”, “mysterio”, “natalicios”, “negocio”, “noticias”, “opulencia”, “oratorio”, “orphão”, “palacios”, “patricia”, “planice” “premio(s)”, “principios”, “proprietario”, “proprio(a)(s)”, “provincias”, “”, “providencia”, “razoavel”, “reliquias”, “reluctancia”, “repugnancia”, “residencia”, “resquiscios”, “sabios”, “satisfatorios”, “Sciencias”, “silencio”, “sitios”, “socio”, “substancia”, “susceptivel”, “terrivel”, “vario(a)s”, “vicios”, “vigario”, “violencia” “vitalicia”. Todas essas palavras receberam acento. A forma verbal “pôde” aparece, no texto, sem acento, “pode” (ao par de “pôde” e “póde”).

2.3.2.2. Algumas palavras paroxítonas que hoje não são acentuadas aparecem acentuadas no texto: “abandonára”, “achámos”, “acontecéra”, “amparáráo”, “apanhára”, “apartára”, “assentára”, “chegára”, “côco”, “conserváva”, “curára”, “dára”, “deixára”, “déra”, “desapêgo”, “descançávão”, “elegêra”, “éra”, “esfolára”, “ficára”, “fôr”, “fóra”, “habilitára”, “habitávão”, “indicára”, “lançára”, “largára”, “matára”, “travámos”, “pintára”, “levára”, “levárão”, “morréra”, “mostrára”, “pácas”, “pássão”, “passárão”, “patenteára”, “póde”, “podéra”, “poupára”, “princiáriára”, “puxáva”, “salvára”, “segurára”, “sentíra”, “socorréra”, “sólo”, “tivéra”, “víra”. Em todos esses casos, o acento foi suprimido. A forma verbal “era” aparece no texto, numa ocorrência, grafada com acento agudo no “a”: “erá”.

2.3.2.3. No texto, aparecem, com acento na sílaba pretônica, as palavras “cajúzinho” e “sómente”. O acento foi suprimido.

2.3.3. Palavras oxítonas e monossílabos

2.3.3.1. No texto ocorrem, sem acento, as seguintes palavras oxítonas, que hoje são acentuadas: “apoz”, “a traz”, “come-lo”, “disculpa-los”, “ha”, “has”, “Joze”, “ninguem”, “nos” (ao par de “nós”), “para”, “porem”, “suppôr-se-ha”, “tambem”, “tres”, “vintens”, “vos”, “vosse”. Todas elas receberam acentuação.

2.3.3.2. Algumas palavras oxítonas e monossilábicas que hoje não são acentuadas aparecem acentuadas no texto: “assáz”, “cajú”, “catitú”, “cobertôr”, “côr”, “dispôr”, “jacú”, “nudêz”, “nú”, “suppôr-se-ha”, “tatú”, “vêr”.

2.3.3.3. O monossílabo “pés” aparece no texto com acento circunflexo: “pês”.

2.3.3.4. A palavra “jamais” aparece no texto acentuada na primeira sílaba: “jámais”; o acento foi suprimido.

2.3.4. **Sinal de crase:** A sinalização de crase é irregular no texto – ora é feita com acento agudo, ora com acento grave, ora inexistente acentuação; nesta edição empregou-se o sinal de crase à moderna. Do mesmo modo, a preposição “a” vem, freqüentemente, assinalada com acento agudo.

2.3.5. **Grafia de vogais: “e”, “i”, “o” e “u” átonos.** No texto, aparecem: “anticipada”, “Chili”, “ciroulas”, “descubertas”, “disculpa-los”, “dispertar”, “emportariam”, “emporte”, “enteiro”, “interrumpia”, “metropoli”, “muleques”, “obombravam-se”, “perequita”, “permettia”, “piar”, “piões”, “piriquita”, “podéra”, “quazi”, “requissima”, “somidade”, “sorprenhender”, “Tejuco”, “vezinhança”, “vezinhas”. Em todos esses casos, a grafia das vogais átonas foi atualizada. A palavra “mais” aparece no texto com acento agudo no “i”: “maís”.

2.3.6. **Hiatos: “i” e “u” tônicos** que não formam ditongo com a vogal anterior. Ocorrem no texto: “cahiam”, “ciume”, “contheudo”, “faisca”, “influira”, “juizes”, “paiz”, “paizes”, “prejuizo”, “restituil-a”, “sahia”, “sahido”, “saude”, “subtrahisse”, “viúva”. Em todos os casos, essas letras foram acentuadas.

2.3.7. **Grafia de “y”.** No texto, aparecem grafados com “y”: “abysmada”, “boyadeiros”, “comboyando”, “giboya”, “hydropisia”, “joya”, “lacayo”, “lagrymas”, “ley”, “lycoriseiras”, “Olaya”, “papagayo”, “physico”, “physionomia”, “rey”, “symetria”, “sympatia”, “tyrannisou”. Em todos os casos, o “y” foi substituído por “i”.

2.3.8. Grafia de ditongos

2.3.8.1. **Ditongos orais:** “**aes**” / “**ais**”: “annuaes”, “igoaes”, “irracionaes”, “moraes”, “naturaes”, “principaes”, “quaes”, “racionaes”, “sinaes”, “vegetaes”; “**áo**” / “**au**”: “gráo”, “máo”, “páo”; “**é**” / “**ei**”: “idéas”; “**ea**” / “**eia**”: “serea”; “**eo**” / “**eu**” (“**éu**”): “aconteceo”, “adeos”, “appareceo”, “apprendeo”, “bateo”, “bebeo”, “cedeo”, “ceo”, “chapeo”, “comeo”, “commoveo”, “correo”, “cresceo”, “Deos”, “desentumeceo”, “dirigio”, “distinguió”, “encheo”, “encolheo”, “escolheo”, “esqueceo”, “interrompeo”, “metteo”, “muzeos”, “nasceo”, “pareceo”, “perdeo”, “recebeo”, “recolheo”, “reconheceo”, “réo” (ditongo excepcionalmente acentuado no texto), “respondeo”, “rompeo”, “soffreo”, “surprehendeo”; “**io**” / “**iu**”: “cahio” (“caiu”), “decidio”, “divertio”, “ferio”, “fugio”, “incumbio”, “insculpío”, “insistio”, “ouvio”, “pedio”, “proseguio”, “seguio”, “sentio”, “vio”; “**oa**” / “**ua**”: “agoa”, “legoas”; “**ue**” / “**ui**”: “azues”; Ditongos abertos acentuados: “ceo”, “chapeo” “cruéis”, “reis”.

2.3.8.2. **Ditongos nasais:** nasal átono final de pretérito perfeito: “abalavão”, “abandonavão”, “acompanharão” (acompanharam), “acompanhavão”, “acordarão” (acordaram), “adormecerão” (adormeceram), “afastarão”, “amparáarão”, “apresentarão” (apresentaram), “aprontarão” (aprontaram), “assemelhavão”, “atravessarão” (atravessaram), “avantajavão”, “avistarão” (avistaram), “cahião”, “ceiarão”, “cercavão”, “chegarão” (chegaram), “começavão”, “completavão”, “conduzião”, “confundião”, “convivião”, “davão”, “decidirão” (decidiram), “derão”, “descançávão”, “descendião”, “devião”, “dirigião”, “disputavão”, “dominavão”, “ecoavão”, “encerravão”, “enchião”, “enxugarão” (enxugaram), “entrarão” (entraram), “erão”, “escurecião”, “esperavão”, “estavão”, “faltarão” (faltaram), “fartavão”, “fazião”, “feicharão”, “ficavão”, “findavão”, “fizerão”, “formavão”, “fornecerão” (forneceram), “habitavão”, “havião”, “iã”, “indicavão”, “jazião”, “levantavão”, “levarão”, “morrerão” (morreram), “mudavão”, “obombravão-se”, “obrigarião”, “observavão”, “ocupavão”, “offerecerão” (ofereceram), “passarão” (passaram), “passavão”, “peioravão”, “pesquisavão”, “pintão”, “podião”, “prestarão” (prestaram), “pronosticavão”, “proporcionavão”, “puxavão”, “puzerão”, “realçavão”, “rebentarão” (rebentaram), “recuperarão”, “rendião”, “restaurarão” (restauraram), “servião”, “succedião”, “suppunhão”, “tinhão”, “tomavão”, “toparão”, “tornavão”, “tratavão”, “trazião”, “vagavão”, “vierão”; “**ai**” / “**ãe**”: “mai”; “**aens**” / “**ães**”: “caens”; “**e**” / “**ie**”: “planice”; “**au**” / “**al**”: “maudito” (“maldito”).

2.3.9. **Tritongos:** “igoaes”: “iguais”.

2.3.10. “**h**” inicial: O “h” inicial foi eliminado ou acrescentado nas seguintes palavras: “à” (“à um tempo”), “abilitar”, “astea”, “he”, “hombro”, hum, “huma”.

2.3.11. **“h” intervocálico, sinalizando hiato.** Foi suprimido nas seguintes palavras: “cahiam”, “cahir”, “emprehendedor”, “sahia”, “sahido”, “sorpehender”, “subtrahisse”, “surprehendo”.

2.3.12. **“h” em encontro consonantal.** Foi suprimido o “h” de “exhausto”.

2.3.13. **Grafia de consoantes**

2.3.13.1. **Consoantes duplicadas.** Foram simplificadas: **“cc”** – “accesos”, “accidentes”, “accometida”, “acompanhavam” (ao par de “acompanhando-a”), “acompanhou”, “acostumado”, “acrescentou”, “acrescimo”, “acumulado”, “boccas”, “ocasião”, “ocupação”, “ocupantes”, “seccar” (ao par de “ressecava” e de “secar”), “seccas”, “socorrer”, “socorros”, “succedião” –; **“ff”** – “affagavel”, “affagos”, “afflige”, “affligia”, “affligir”, “coffres”, “effectiva”, “effeito”, “offender”, “offerecer”, “offerecerão” “offerta”, “official”, “offuscava”, “soffreo”, “soffrimento”, “sufficiente” –; **“gg”** – “aggregados” –; **“ll”** – “alegria”, “Allemanha”, “amarello”, “bagatellas”, “bella”, “cabello”, “cavalleiro”, “colaboradores”, “colleção”, “collecções”, “collectores”, “collete”, “collo”, “collocou”, “corallina”, “dalli”, “donzella”, “ensellar”, “fallando”, “fallecem”, “illuzão”, “intevallo”, “novella”, “occupavão”, “pallidez”, “panella”, “pelle”, “pupillo”, “salla”, “sella”, “vacillantes”, “villa” –; **“mm”** – “commandante”, “commandava”, “commeditar”, “commercial”, “commercio”, “commeter”, “commigo”, “commoveo”, “emmagrecido”, “imediatamente”, “immensa”, “immoval”, “incommensuravel”, “incommodado”, “recommendações”, “somma”, “sommidade”–; **“nn”** – “annos”, “annuaes”, “innatas”, “innocencia”, “innocente”, “panno”, “tyrannisou” –; **“pp”** – “appareceo”, “apparencias”, “apparição”, “appetitosa”, “applauso”, “applicou”, “apprendeo”, “apprender”, “appresentou”, “attonita”, “opposto”, “opressão”, “suppor”, “suppôr-se-ha”, “suppôz”, “suppunha” –; **“tt”** – “admittia”, “andropsittacinos”, “atencões”, “attractivos”, “metteo”, “permittia”, “permittiã”, “promettia”, “remetter”.

2.3.13.2. **Consoantes mudas.** Foram suprimidas: **“c”**, **“g”**, **“m”**, **“p”** – “acção”, “activa”, “attractivo(s)”, “character”, “collecções”, “collectores”, “conducta”, “direcção”, “distincto”, “districto”, “espectaculo”, “construcção”, “effectiva”, “facto”, “fructificação”, “função”, “insectos”, “instincto”, “protector(a)”, “reacção”, “reluctancia”, “tracto”, “victima”, “augmentava”, “solemnes”, “somno”, “adopção”, “adoptivo”, “excepção”.

2.3.13.3. **Mudança de consoantes:** **“c” / “s”:** “cendeirinho”, “cendeiro”, “cearence”, “ciris”; **“c” / “ss”:** “aceiada”, “aceio”, “recelava”, “socegradamente”, “socegar”; **“c” / “sc”:** “creceo”; **“c” / “z”:** “indicivel”; **“ç” / “s”:** “abraçada” (abrasada), “cançada”, “cançar”, “descançar”, “descançávão”; **“ç” / “z”:** “cafuça”; **“g” / “j”:** “anginho”, “engeitou”, “giboya”; **“k” / “c”:** “Tijuko” (ao par de “Tejuco”); **“m” / “n”:** “bemfazeja”, “bemfeitora”, “circunstancia” (ao par de “circunstancia”), “desemtumeceo”, “folhagem”, “langotims”; **“r” / “rr”:** “garafas”, “santarão”; **“s”** inicial: “scena” (“cena”), “sciencias” (“ciências”) “specimens” (“espécimens”); **“s” / “x”:** “espedição”, “espedições”; **“s” / “ss”:** “proseguio”, “ressecava”, “resuscitar” (ao par de “ressussitou”); **“s” / “z”:** “civilisação”, “cosinheiro”, “crusados”,

“mãosinhas”, “nisa”, “pobresa”, “prodigalisou”, “realisou”, “tyrannisou”; “**ss**” / “**c**”: “vosse” (ao par de “você”); “**ss**” / “**ç**”: “brasso(s)” (ao par de “braços”); “**ss**” / “**s**”: “assas”; “**ss**” / “**sc**”: “acressimo”, “ressussitou” (ao par de “resuscitar”); “**x**” / “**ch**”: “bixaria”, “bixinho”, “bolaxa”; “**x**” / “**s**”: “anxiedade”, “extendidas”; “**z**” / “**ç**”: “cazadores”, “realzadas”; “**z**” / “**s**”: “apezar”, “apóz” (ao par de “á póz”), “atravèz” (ao par de “a travez”), “a traz”, “azas”, “azilo”, “camiza”, “cauza”, “caza”, “despezas”, “embalzamou”, “francez”, “illuzão”, “Joze”, “marqueza”, “meza”, “mezes”, “muzeos”, “ouzado”, “paiz”, “pesquizavão”, “phraze”, “poz-se”, “preza”, “presentinhas”, “puzerão”, “quazi”, “quiz”, “quizesse”, “quizeste”, “recuzar”, “sizo”, “sizudo”, “suppôz”, “suppuzera”, “trez”, “viçozo”, “virtuozo”, “vizão”; “**z**” / “**x**”: “caliz”.

2.3.13.4. **Dígrafos helenizantes:** “**ph**” – “epitaphio”, “phraze”, “physico”, “physionomia”–; “**th**” – “contheudo”, “enthusiasmado”, “sympathia”, “theorica”, “thermometros”, “thesouro”, “triumphante”. Foram substituídos, respectivamente, por “f” e por “t”.

2.3.13.5. **m / n:** botims,

2.4. **Apóstrofo.** Foi suprimido o apóstrofo em “d’ella”, “d’estas”, “d’hum”, “d’huma”, “n’hum” e “n’huma”; mantido nos demais casos.

2.5. **União e separação de palavras:** “aceital-o”, “achou a” (“achou-a”), “A manhã”; “apartal-a”; “á póz” (ao par de “apoz”); “a traz”; “Beija Flor”; “chapeu do Chile” (“chapéudo-chile”); “cor de rosa”; “de certo”; “de mais”; “de me” (“dê-me”); “desmereceria-se comparadas” (desmereceria se comparadas); “d’hydropisia”; “emcima” (ao par de “encima”); “em fim”; “em quanto”; “entre-vista”; “grão Mogor” (“Grão-Mogor”); “grão Pará” (“Grão-Pará”); “guarda roupa”; “páo a pique”; “poisque”; “pôr do sol”; “porque” (=por que); “pregal-as”; “senão” (“se não”); “sobre-natural”; “tinha a” (“tinha-a”).

2.6. **Grafias antigas:** “A manhã”; “manhaã”; “manhãa” – foram atualizadas.

2.7. **Interjeição:** “O” (“Ó”).

3. **Notas ao texto:** Foram registradas em rodapé as numerosas gralhas tipográficas e os erros óbvios. A consideração deles sugere que alguns dos “erros” atribuídos ao autor ou que algumas variantes interpretados pelo editor do texto sejam apenas gralhas.

OLAIA E JÚLIO, OU A PERIQUITA:

NOVELA NACIONAL

– TEXTO EDITADO –

Prólogo

1. Quando eu visitava as províncias do Norte do Brasil, aconteceu que uma medonha trovoadas, já armada, me obrigou a correr com os olhos as campinas³⁰ vizinhas à estrada, para buscar asilo. O distrito era dos mais pingues do Brasil, e vários engenhos ou fazendas³¹ estavam à vista: escolhi, como era de razão, o edifício de melhor aspecto; e uma carreira em uma avenida tirada a cordel – que não desmereceria se³² a comparassem com as melhores da Europa, seja pela perfeição do nivelamento, seja pelo arruado³³ das nogueiras da Índia,³⁴ novamente prantadas³⁵ e iguais no siso³⁶, e viçoso³⁷ – me levou até o patamal³⁸ da casa do dono, de nova construção,³⁹ e tão elegante no desenho e simetria das porporções que se avantajava a muitos chamados palácios, no mesmíssimo instante em que as primeiras pingas começavam a cair. Um preto de maduro e agradável⁴⁰ semblante, bem vestido e calçado, apareceu imediatamente e, chamando um lacaio, para que tomasse conta da cavalgadura, pediu polidamente que me sentasse na varanda até que fosse dar parte ao dono da casa da chegada de um hóspede. Não tardou que o dono me viesse receber. Era um jovem de menos de 26 anos, de grande ar, bela presença e fisionomia tão expressiva e aberta que, desde o primeiro momento, chamava a confiança e simpatia. Depois de me oferecer a casa e de

³⁰ No texto-fonte: “ao campinhas”. No parágrafo 38, aparece a palavra “campinas”.

³¹ No texto-fonte: “fazenda”.

³² No texto-fonte: “desmereceria-se”.

³³ No texto-fonte: “aruado”. Temos no poema épico *Uraguai* o emprego da palavra “rua” no mesmo sentido: *A terra sofredora de cultura / Mostra o rasgado seio; e as várias plantas / Dando as mãos entre si, tecem compridas / Ruas, por onde a vista saudosa / Se estende, e perde.* (Canto IV, versos 47 a 51).

³⁴ No texto-fonte: “Iudia”, com o “n” invertido.

³⁵ “prantadas”: forma antiga de plantadas, ainda hoje usada na língua vulgar. “novamente prantadas”: entenda-se “recentemente plantadas”.

³⁶ Entenda-se: iguais na idade ou no tamanho.

³⁷ “viçoso”: o adjetivo pode referir-se ao “arruado”. A avenida é que conduz o narrador ao patamar da casa, o que nos levou, para maior clareza do texto, a colocar entre travessões toda a comparação da avenida aos padrões europeus. Outro entendimento: “iguais no siso e no viço”; o adjetivo “viçoso” estaria no lugar do substantivo “viço”.

³⁸ “patamal”: o mesmo que patamar. Na pronúncia vulgar, ainda hoje é comum a troca do “r” pelo “l”.

³⁹ “construção” no texto-fonte vem grafado “constucção”; na versão francesa vem *maison de nouvelle construction*.

⁴⁰ No texto-fonte: “agravel”.

mandar vir refrescos, com a costumada hospitalidade patrícia⁴¹, travamos a conversação que virou naturalmente sobre os interesses políticos do país. Meu hóspede⁴² se expressava com grande facilidade e eloquente singeleza: a conformidade das nossas opiniões sobre política estreitou em bem pouco tempo o conhecimento de tão fresca data; quando nos vieram chamar para jantar, já éramos íntimos. Achamos na sala, digna da casa e da lauta e delicada mesa que nos esperava, uma jovem senhora que o dono me apresentou como sua mulher. Devo confessar que fiquei mudo com a admiração; jamais vi um par tão bem sortido. A lindeza e mimosidade das feições da jovem senhora eram realçadas por uma expressão de modéstia que nada tirava à suavidade e, como dizem os italianos, *morbidezza*⁴³ dos gestos, prenda privativa das brasileiras; um característico, assaz raro nos países quentes, aumentava o valor duma fisionomia que respirava a candura e benevolência. Seus olhos, do azul mais fechado, obumbravam-se por longas pálpebras pretas, sendo as sobrancelhas e cabelo da mesma cor, em abono da brancura transparente da pele, que a mais fina *lady* houvera⁴⁴ de invejar se as faces fossem algum tanto mais coradas. Eu achei que esta mesma palidez a tornava mais interessante: e não suponham que a riqueza dos ornatos ajudassem⁴⁵ para a ilusão, pois que o traje era demasiadamente simples e constava unicamente de um vestido cor-de-rosa esmorecida, com uma cinta azul claro; por única jóia ela trazia ao pescoço um cordelzinho de cabelos com um coraçãozinho de coralina. Eu noto estas circunstâncias, porque soube ao depois que não eram devidas ao acaso.

2. Durante o jantar as atenções e desvelos dos dois esposos se dirigiam ao hóspede; eles se tratavam um a outro com grande respeito e reserva; mas um observador menos experto do que eu não poderia deixar de notar o profundo sentimento que os unia. Qualquer movimento, olhada, palavra o patenteava. Particularmente a senhora, quando pensava que a não observavam, deixava de comer para contemplar o marido: a voz deste, quando se dirigia à

⁴¹ “hospitalidade patrícia”: esse modo de dizer sugere que o autor desta novela seja brasileiro de nascimento, a menos que se entenda a expressão com o significado de “hospitalidade de [sua] pátria”.

⁴² “hóspede”: forma hoje obsoleta de hospedeiro. Em *Iracema*, José de Alencar emprega a palavra “hóspede” com os dois sentidos (o que é recebido e o que recebe): *Araquém nada fez pelo seu hóspede; não pergunta donde vem e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu hóspede escuta.* (destaques meus). Cf. em Gladstone Chaves de Melo, *Alencar e a “língua brasileira”*. 1972, p.110.

⁴³ Entenda-se: delicadeza ou suavidade.

⁴⁴ No texto-fonte: “houveria”. O pretérito mais-que-perfeito do indicativo – houvera – tem valor, nesta passagem, de futuro do pretérito do indicativo – haveria. Talvez o autor tenha hesitado entre as formas “houvera” e “haveria” – o que explicaria a grafia mista “houveria”. Optou-se, nesta edição, pela forma “houvera”, devido à linguagem literária e um tanto arcaizante do texto.

⁴⁵ Observe-se que o verbo concorda com “ornatos”, e não com “riqueza”.

mulher, respirava uma inefável ternura. Enfim, o meu apetite de viajante nos sertões, desafiado por iguarias em que um cozinheiro francês tinha apurado o talento, cedia à admiração, e eu, de vez em quando, esquecia o meu prato para o espetáculo de uma união tão perfeita.

3. Com a sobremesa, uma ama de leite robusta, sadia e risonha apareceu levando ao colo uma criança de quase dois anos, tão mimosa e galante como o devia ser o fruto de um tal consórcio. A criança, com as gracinhas da tenra⁴⁶ idade, encantava o pai e a mãe e passava, a cada instante, dos braços de um para os do outro. Eu também lhe fiz os meus afagos, e esta circunstância não me mereceu pouco com ambos os esposos.

4. Quando deixamos a mesa, a trovoadinha tinha sido rendida por uma chuva desmedida. Sendo pois impossível sair fora a visitar o engenho, meus hóspedes me mostraram a casa, a cuja construção, ornato e comodidade o bom gosto, a opulência e o asseio, de mãos dadas, tinham cooperado.

5. Chegados ao salão das visitas, cuja mobília era de grande magnificência, observei no centro uma mesa riquíssima de mosaico⁴⁷, sobre a qual via-se debaixo de vidro um vaso cheio de grande quantidade de flores,⁴⁸ de penas da Bahia, no tope das quais uma periquita destas de cabeça vermelha, muito bem enchida, pousava com a cabecinha no ar, o biquinho meio aberto, e as asas algum tanto afastadas do corpo, como se ensaiasse o vôo – os olhinhos eram de brilhantes; mas outra singularidade chamou logo minha atenção. O vaso, longe⁴⁹ de ser de porcelana, como os mais que, com grande profusão, ornavam a sala, era de simples barro acinzentado⁵⁰ e não diferenciava⁵¹ no feitio e qualidade de qualquer outro pote de buscar água, sendo o tamanho próprio para as forças dum moleque de dez para 12 anos. “Aqui,” disse eu, dirigindo-me ao dono da casa, “a anomalia não vai sem mistério, e a humildade do vaso, em pedestal tão precioso, encerra sua enigma.”⁵² “Ah!”, exclamou o hóspede, “todos os diamantes do Tijuco não me pagariam este pote de barro. Nele nossas relíquias hão de dormir

⁴⁶ No texto-fonte: “tenra” vem grafado “terna”.

⁴⁷ No texto-fonte: “mosaica”.

⁴⁸ Devido à dificuldade de compreensão dessa passagem, a vírgula acrescentada nesta edição é de existência duvidosa.

⁴⁹ No texto-fonte: “louge”, com “n” invertido.

⁵⁰ No texto-fonte: “acizentado”.

⁵¹ No texto-fonte: “diferenciava”; talvez por analogia com as formas do presente de alguns verbos em “iar”.

⁵² No texto-fonte: “sua enigma” – mantido, pela sugestão de que o autor não dominava bem a língua portuguesa; atribuindo a enigma o gênero feminino pela terminação da palavra em “a”.

juntas...”, e, virando-se para a mulher, “Este anjo que vedes carregou água à cabeça neste mesmo pote...” Ela corou e deitou para o marido um olhar demorado, ao qual o pejo e a ternura davam um atrativo irresistível. O jovem ficou algum tempo absorto na contemplação da encantadora consorte, até que se dirigiu outra vez a mim: “Seria”, disse ele, “falta de generosidade e de criação o querer despertar a curiosidade de um hóspede sem dar-lhe satisfação; hoje mesmo estareis ao fato da nossa história; minha Olaia,” continuou ele, “não cores outra vez; a narração da boa ação à qual devemos nossa felicidade é digna de ser publicada e de servir de prova que algumas vezes a virtude recebe na terra o seu prêmio.”

6. Com efeito, às horas de se deitar, o meu hóspede me confiou um manuscrito assaz volumoso, que devorei durante a noite, e do qual, com licença do dono, eu tirei uma cópia. Não o posso dar por inteiro ao público, sendo comprido em demasia; mas julgo que o resumo que dele fiz será digno de atenção dos meus leitores.

OLAIA E JÚLIO

7. “Vamos laçar o sapo”, gritava um menino de 12 para 13 anos, montando num sendeirinho muito esperto. “Vamos laçar o sapo”, ecoavam outros dois meninos mais moços,⁵³ a pé, e meia dúzia de moleques de todos os tamanhos, enquanto sete ou oito rafeiros magros acompanhavam esta nova espécie de caça com horrenda ladraria.

8. A miserável criatura assim acometida não era bicho, mas sim uma criança; verdadeiramente ela dava alguns ares de sapo. A barriga muito inchada, a cabeça quase pegada aos ombros, e igualmente entumecida, as pernas e braços nimiamente descarnados, e terminados por delgadíssimos dedos, faziam lembrar a grosseira construção do tal bicho, ajudando a cor lívida e os olhos escanchados com o medo para a semelhança.

9. Isto se passava no largo duma grande e opulenta fazenda, nos sertões do Ceará. O menino caçado, hidrópico e obstruído, assim mesmo tinha, no seu terror, achado forças para fugir até se encostar à parede da casa; mas lá caíra no chão arquejando; o estado da fortuna

⁵³ Como se verá adiante, esses “dois meninos mais moços” são irmãos do menino maior – e recebem tratamento distinto dos outros, chamados de “moleques”. Mais adiante, será dito que são de “cor negra ou acafuzada” – um deles será chamado de “pardinho” e receberá ordens do “chefe”. Fica clara, na linguagem, a hierarquia social.

não se avantajava muito ao da saúde: uma camisa d'algodão de tecido sertanejo e ceroulas do mesmo pano completavam o seu traje, assaz sujo. Entretanto, todos os inimigos, rapazes e cães, o cercavam com grande alarido, e já o chefe do bando endiabrado dava ordens a um pardinho de lhe ir buscar o seu laço.

10. Este chefe, montado no sendeirinho, era menino bem parecido, mas sua fisionomia denotava soberba e atrevimento. Ele estava completamente vestido de preto, como em dia de função, com sua casaquinha, colete, calças, botins e pesadas esporas de prata; não lhe faltavam a tira de renda patrícia e a gravata de cambraia. Os outros dois meninos, irmãos daquele, ainda estavam de timão, e os moleques, nus em couro, de cor negra ou acafuzada, como a natureza lhos pintara, à exceção que os mais velhos traziam ceroulas ou langotins.⁵⁴

11. Neste comenos uma menina de onze para doze anos saiu pela porta da cozinha, pois que a cena tinha lugar nos fundos da casa, cuja entrada principal se achava no lado oposto. “Maninho,” gritou ela ao pequeno cavaleiro, “papai já está em sela e procura você para marchar, que já é tarde. E vós,” continuou ela, falando aos meninos mais moços, “ide vos vestir, a mãe⁵⁵ os chama há uma hora; o carro já está à porta para nos levar todos ao casamento da prima.” “Vai bugiar, tola...”, foi a primeira resposta que deu o irmão; assim mesmo ele parou e falando à sua tropa em tom de general absoluto: “Pois⁵⁶ bem. Não há tempo de acabar hoje. Amanhã o hei de⁵⁷ laçar. Maninhos, vão se vestir. Moleques, retirai os cães. E ninguém lhe toque se não quer ter negócio comigo: Vamos.” E ele a todo galope disparou para dar a volta à casa; os irmãozinhos⁵⁸ entraram pela porta da cozinha; e o⁵⁹ bando de moleques e cães correu após o sendeiro, numa nuvem de poeira, com bramidos e latidos.

12. “Quem é você?”, disse então em meiga voz à pobre vítima a tal menina. Mas o menino, quase desfalecido, com medo e cansaço, mal pôde responder com ais e gemidos. “Coitadinho,” prosseguiu ela, “em que estado está! Fique sem susto. Você há de ter sede. Quer beber algum leite.” O menino respondeu com a cabeça que sim; e a pequena, correndo para a cozinha, voltou bem depressa, segurando com ambas as mãos uma grande cuia, toda

⁵⁴ “langotins”: o mesmo que “tangas”. Cf. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, 1954.

⁵⁵ No texto-fonte: “Mai”.

⁵⁶ No texto-fonte: “pois”, com “p” minúsculo.

⁵⁷ No texto-fonte: “hei de de”, com repetição do “de”.

⁵⁸ No texto-fonte: “irmanzinhos”.

⁵⁹ No texto-fonte: “eo”.

cheia de leite, com farinha e rapadura. O pequeno pareceu ressuscitar à vista do leite e, atirando-se a ele, bebeu e comeu juntamente a benfazeja mistura. A menina o considerava com ar de satisfação e interesse. Tendo acabado o leite até a última pinga, o pequeno, já voltado em si, levantou os olhos para encarar a benfeitora que o salvara das mãos⁶⁰ dos cruéis perseguidores e o restaurava com a deliciosa beberagem. Mas uma superstição⁶¹ bem própria de quem tinha sido educado por uma mãe beata e um padre santarrão fez-lhe imaginar que um socorro vindo tanto a tempo e o ente amável que o levava tinham alguma coisa de sobrenatural; e, pondo-se de joelhos, exclamou: “Ó meu anjinho bom, tende piedade de mim!” Verdadeiramente os anjos não se pintam mais bonitos e de fisionomia mais afagável⁶² do que o era a tal menina, com a sua carinha redonda, sua boquinha risonha, seus⁶³ olhos azuis, com sobrancelhas pretas, e cabelos da mesma cor, que caíam nos ombros; o vestidinho era cor-de-rosa, com cinta azul; esta circunstância⁶⁴ não ajudou pouco para a ilusão do menino, pois que na casa da mãe havia um quadrinho que representava um anjo neste traje, e a criança de manhã⁶⁵ e de noute tinha sido ensinada a rezar de joelhos perante aquela⁶⁶ imagem.

13. A pequena, sorrindo-se e suspirando ao mesmo tempo, lhe disse: “Alas,⁶⁷ eu não sou anjinho, sim uma desgraçada menina, pois que minha mãe não gosta de mim!” “Ah!”, respondeu ele, “Vós ainda tendes pai, mãe, irmãos e uma bela fazenda com muito gado e muito leite. Eu já perdi⁶⁸ tudo: sou um pobre menino órfão, abandonado, que não conhece ninguém, que ninguém ama, que morre de fome e de doença.” Ele então principiou a lhe contar que se chamava Júlio da ... que seus pais habitavam a vila de ... arredada mais de trinta léguas nos sertões, aonde eram assaz abastados, com seus escravos e boa porção de gado. Mas as secas, a morte dos escravos e as demandas pouco a pouco os tinham feito definhar, até que o pai morrera de mágoa e a viúva ficou com o filhinho em um estado bem perto da miséria. O

⁶⁰ No texto-fonte: “dasmãos”.

⁶¹ No texto-fonte: “superestição”.

⁶² Criação neológica sugestiva de que o autor não conhecia o adjetivo “afável”.

⁶³ No texto-fonte: “seua”.

⁶⁴ No texto-fonte: “circustancia”.

⁶⁵ No texto-fonte: “manhã”.

⁶⁶ No texto-fonte: “aqnella”.

⁶⁷ “Alas”: embora os dicionários da língua portuguesa consignem os sentidos de “então, aliás” para este vocábulo, nesta passagem ele equivale ao “hélas”, no francês: interjeição que expressa lamento.

⁶⁸ No texto-fonte: “perid”.

vigário do lugar, homem ancião e de conduta evangélica, tinha-a socorrido até a época em que as saudades do marido a levaram à sepultura, passando então o menino para a casa do bom padre, que lhe consagrou todo o amor de pai. Mas as repetidas secas tendo feito desertar a vila, e o velho padre tendo ficado cego, ele no fim da vida não teve para viver junto com o pupilo senão as esmolas d'algumas famílias de cabôculos⁶⁹ e pretos libertos, que não tinham ainda desamparado o lugar; mas o padre não durou muito, e os ausentes passaram mão dos pobres trastes do defunto, fecharam⁷⁰ a casa a chave e puseram na rua o menino, atacado de sezões e já com princípios d'hidropisia. Este tinha ido, à graça de Deus, através os⁷¹ sertões queimados, sustentando-se com aquilo que lhe davam por caridade nas choupanas que topava e com coquinhos de licoriseiras,⁷² frutinhas de pomba, alguns cajus e outras cousinhas que encontrava; porém, cada vez mais as doenças pioravam,⁷³ de forma que chegou à fazenda aonde achou os pequenos caçadores em grau de inchação quase desesperado. “Ah! Coitadinho! Coitadinho!”, exclamou a menina torcendo as mãozinhas, “e o maninho ainda por cima o ia laçar! Ah se eu não chego você morria decerto. E o pior⁷⁴”, acrescentou ela com tom triste, “é que você aqui não está seguro; amanhã ou depois havemos de voltar e o mano o há de laçar, pois que ele faz tudo o que quer e é muito mau! Por força você há de se ir embora! Mas assim! Sem nada pra comer e tão doente! E eu que não tenho nada pra lhe dar. O mano tem muito dinheiro e muita cousa bonita... mas eu... entretanto, espere um pouco...” E ela foi correndo para a cozinha e voltando no fim de alguns minutos com uma periquita, dessas de cabeça vermelha, no ombro, uma pataca na mão e um saquinho de chita dependurado no braço. “Aqui tem,” disse ela, “neste saco, farinha e rapadura: depois de comê-lo, esta pataca servirá para comprar mais alimento durante muito tempo; e, por fim, poderá vender esta periquita tão bonita.” As emoções das crianças são mui fortes, mas instantâneas; elas sem transição passam dos choros às gargalhadas, do último desespero à maior satisfação. Isto é o

⁶⁹ “cabôculo”: forma antiga, documentada como “cabocolo”, de “caboclo”.

⁷⁰ No texto-fonte: “feicharam”.

⁷¹ Em português “através” vem sempre seguido por “de” – seu emprego sem a preposição “de” é provável galicismo, como explica Laudelino Freire: “Em escritores menos cuidadosos ou despreocupados do que lhe sai da pena, depara-nos o emprego do advérbio *através*, a que alguns dicionaristas chamam locução verbal, em lugar de locução prepositiva *através de: através o século, através o vidro, através a multidão*, em vez de *através do século, através do vidro, através da multidão*. Tal uso é inadmissível porque não é da nossa língua. Próprio é ele da francesa, onde a locução prepositiva *à travers* nunca pede a preposição *de*, exceto se o *de* for partitivo”. Cf. *Estante clássica da língua portuguesa*. Volume II (Machado de Assis). 1921, p. 159.

⁷² “licoriseiras”: palavra não dicionarizada.

⁷³ No texto-fonte: “peioravam”.

⁷⁴ No texto-fonte: “peior”.

que aconteceu ao menino ao ver tantos presentes dados por uma menina tão caritativa como bonita. Mas um sentimento de boa criação o fez recusar o dinheiro e a ave. A menina insistiu: “Esta pataca”, disse ela, “não me faz falta: papai me deu para comprar doce e fitas, e não de me dar tanto disso na boda! A respeito da periquita, a noiva me mandou há dois dias, e ainda não lhe criei muito amor: tome sem pejo, coitado, ela o fará lembrar de mim.” “Ah!”, gritou o pequeno entusiasmado, “não preciso disto para jamais vos esquecer. Eu me lembrarei de vós como meu bom anjo, que me salvou e me encheu de benefícios; eu juro que jamais largarei esta periquita enquanto for vivo; mas vós haveis de esquecer brevemente o miserável órfão que lhe deve este restinho de vida... e que vai expirar num cantinho, abençoando a sua protetora... ao menos se tivesse alguma prendinha que lhe deixar! Ah!”, disse ele desamarrando um cordelzinho de cabelo com um coraçãozinho de⁷⁵ coralina que levava ao pescoço, “eis tudo quanto⁷⁶ me fica de minha mãe: este cordel é do seu cabelo; digno-se aceitá-lo. Eu logo morrerei: este cordel vos fará lembrar que a existência dum desgraçado foi prolongada por vossa angélica bondade; vós haveis de viver muito tempo e muito feliz, pois que minha mãe me ensinou que quem fazia boas ações jamais havia de ser desgraçado!”

14. A doença tinha desfigurado o menino; mas, antes que as feições inchassem, ele tinha sido mui galante. Neste momento a força dos sentimentos de gratidão e admiração tornavam a dar aos olhos a antiga expressão de candura e vivacidade, à boca o sorriso engraçado, e à voz o som agradável e penetrante dos seus dias de saúde. A menina sentiu outra emoção do que simples compaixão que um menino pobre lhe pode[ria] inspirar! Uma⁷⁷ alma nobre e generosa dava-se a conhecer a outra digna de a encontrar, e um instinto inexplicável de simpatia e de ternura lhe mostrava na criança tão miserável e maltratada da doença um ente que merecia ser correspondido com toda a delicadeza de proceder e atenções. “Pois bem,” disse ela enternecida e com lágrimas nos olhos, “eu aceito esta prenda e jamais a largarei. Ela me lembrará que os bens da fortuna são incertos e que Deus, como o disse outro dia o padre que orou, nunca abandona os infelizes e lhes manda socorros imprevistos; não me posso demorar mais,” acrescentou ela, “já tudo está pronto, e se fazia esperar minha mãe, tínhamos função; vá, que o menino Jesus e sua Santíssima Mãe, Nossa Senhora das Sete Dores,⁷⁸ o

⁷⁵ No texto-fonte: “do”.

⁷⁶ No texto-fonte: “quando”.

⁷⁷ No texto-fonte: “uma” – com inicial minúscula.

⁷⁸ No texto-fonte: “nossa Senhora das sete dores”.

empararão:⁷⁹ aqui está seu caminho; nós vamos em rumo oposto; creio bem que ficaremos estes dois dias,⁸⁰ e você pode neste tempo ir tão longe que maninho o não saberá achar; adeus Júlio! Adeus!” E ela se foi correndo, e o menino ficou imóvel e sem fala no mesmo lugar, acompanhando-a com os olhos; e, quando a viu desaparecer, sentiu uma nuvem negra esconder-lhe a vista e uma opressão no coração, como se a vida o desemparava.⁸¹ Ele ficou neste estado até que o chiar do carro o fez tornar em si!!

15. Ele então entrou com passos vacilantes no caminho que a menina lhe mostrara. O terreno ia subindo por um declive⁸² pouco sensível e, tendo caminhado por um espaço de tempo, ele já por cima dos tetos pôde divisar o carro, que ascendia o outeiro oposto, pois que a fazenda era edificada num fundo regado por uma ribanceira⁸³ que, se bem que muito reduzida, ainda lutava contra os ardores da seca. Oito juntas puxavam a pesada máquina abrigada contra o sol por couros e toda ornada de ramos verdes e folhagens. Esta vista cativou a atenção do pequeno, que acompanhou o carro com os olhos, saudando-o com a mão até que o viu desaparecer no outro vertente⁸⁴ do outeiro. “Adeus”, exclamou ele todo choroso! “Adeus, anjo de paz e caridade!...” E virando a cabeça para a periquita, que tinha tomado posse do seu ombro: “Pobrezinha,⁸⁵ mudastes⁸⁶ uma ama tão bonita e tão rica por um companheiro tão miserável como eu!... Mas esteja quieta! Enquanto eu viver não te há de faltar caju, cuparosa⁸⁷, mangaba, ou outro qualquer manjar do teu gosto... Eu de noite e de dia

⁷⁹ “empararão”: No texto, “empararáo”. O mesmo que “ampararão”.

⁸⁰ Entenda-se: “ficaremos [fora] estes dois dias”.

⁸¹ “desemparava”: imperfeito do indicativo usado com o valor de imperfeito do subjuntivo (desemparasse). O mesmo que “desamparava”.

⁸² “declive”: a palavra está, aqui, por “encosta”; o correto seria “aclive”.

⁸³ Entenda-se: “curso de água com barranco nas margens”.

⁸⁴ “outro vertente”: observe-se o emprego do substantivo “vertente” no gênero masculino.

⁸⁵ No texto-fonte: “pobrezinha” – com inicial minúscula.

⁸⁶ “mudastes”: uso de “vós” por “tu”, por analogia. Cf. Antônio de Moraes Silva: “... usamos, falando de um só, das variações verbais correspondentes a vós”. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1922. Revista de língua portuguesa [Fac-símile da segunda edição, 1813]. *Epítome da Gramática Portuguesa* (páginas I a XLVIII), tomo I, p. XVII. Também informa José Joaquim Nunes (*Compêndio de gramática histórica portuguesa* (fonética e morfologia). 6ª. ed. Lisboa: Clássica, 1960. p.281.): “À desinência *-ste*, da segunda do singular a linguagem popular ajunta freqüentemente *-s* [...]”

⁸⁷ “cuparosa”: Registrado como “CAPARROSA” s. f. (Do lat. med.*cupri rosa*, pelo fr.*couperose*.) 1. *Oenothera mollissima*. Erva de grandes flores amarelas que se tornam róseas. Planta com propriedades adstringentes e cicatrizantes, comum nas praias do litoral de São Paulo ao Rio Grande do Sul. (Sin. MINUANA.) [Família das enoteráceas.] - 2. *Vismea acuminata*. Arbusto de pequenas flores. [Família das gutíferas.] - 3. Designação vulgar de vários sulfatos, etc. Fonte: *GRANDE enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Universo, 1988. 8v. O verbete encontra-se no v.2, p.625-626. O autor conservou o “u” no lugar do “a” ao aporuguesar a palavra. Trata-se, evidentemente, de um arbusto, do qual, muito provavelmente, a ave comia as sementes. No Houaiss: CAPARROSA. s.f. Rubrica: angiospermas. 1 arbusto *Ludwigia caparosa*) da fam. das onagráceas, nativo do

hei de te mimar e te afagar... E não sentirás saudades da tua senhora, porque hei de te falar sempre dela... E eu que não sei do seu nome!... Diga-me minha rica periquita, como se chama tua amazinha!...” “Olaia! Olaia!”, pronunciou a periquita⁸⁸, que talvez fora ensinada pela prima que queria dar mais valor ao seu presente. O prazer que transportou o coração de Júlio não se⁸⁹ pode expressar! “Isto é um milagre! Ah! perriquita, meu bem, minha jóia, repita sempre este nome engraçado; hás de tornar a vê-la tua, e minha Olaia!!!” E ele para não esquecer o caminho, que já dava suas voltas, lembrou-se de quebrar alguns raminhos dos arbustos, que a seca tinha despido das folhas, e de depositar algumas pedrinhas nas beiras; persuadido, como criança que era, que sinais tão passageiros haviam de durar eternamente. A fortuna que principiava a favorecer o órfão fez com que logo topasse com um preto que se dirigia à fazenda, levando um grande cesto, cheio de mandioca, à cabeça, e umas espigas de milho verde na mão. O tal preto trazia por único vestido um cobertor de riscas ao redor da cintura. A fisionomia cheia de alegria e de bondade do negro animou o menino a que lhe falasse e lhe perguntasse o nome da fazenda; o preto parou e antes de responder fez também a sua pergunta: “Esta periquita⁹⁰ não é da senhora⁹¹ moça Olaia?” “Sim, é!...”, respondeu logo o menino, que principiou a contar tudo quanto lhe acontecera: como os meninos⁹² lhe deram caça, como a menina o salvara e lhe dera tudo quanto trazia. O bom preto, ao ouvir a história, ficou todo enternecido e, depositando o cesto no chão, travou uma comprida conversação com o pequeno, contando-lhe as particularidades da fazenda e da família, os nomes de todos os sítios e de todos os indivíduos; como o sr. moço José Frederico de ... era soberbo, ousado, sem entranhas para bichos e gente; como, pelo contrário, a senhora moça mostrava-se meiga, afagável e caritativa. Ela dava quanto tinha aos pobres e se achava sempre pronta a orar a favor dos escravos e desculpá-los; que ela poupava à parceira dele, Domingos, mucamba⁹³ da senhora velha, uma tremenda sova, à custa de duas dúzias de palmatoadas que a mãe assentara

Brasil (MT, GO, MG, SP), de folhas lanceoladas, flores amarelas e frutos capsulares; a casca e os frutos fornecem matéria tintorial preta; **2** arbusto (*Oenothera mollissima*) da mesma fam., nativo do Brasil (MG, SP até RS), encontrado na areia das praias, de flores grandes, inicialmente amarelas, depois róseas, e cápsulas tomentosas; erva-minuana, minuana; **3** m.q. *joão-mole* (*Guapira tomentosa*).

⁸⁸ No texto-fonte: “perriquita”.

⁸⁹ No texto-fonte: “so”.

⁹⁰ No texto-fonte: “peliquita”.

⁹¹ No texto-fonte: “senola”. O preto troca o “r” pelo “l”. Segundo Marlyse Meyer, esta seria uma reprodução da pronúncia nas Antilhas francesas, arquipélago localizado na América Central. Cf. em *As mil faces de um herói canalha*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p.338.

⁹² No texto-fonte: “meuinos”.

⁹³ No texto-fonte: “mocamba” – o mesmo que “mucama”.

sem piedade nas mimosas mãozinhas, por causa de uma rica porcelana da China que a preta tinha quebrado, mas da qual Olaia tomou a culpa; que, desde então, ele, Domingos, estava pronto a dar o sangue e a morrer debaixo do chicote por Olaia; que ele levava todos os recados e presentinhos⁹⁴ dela às meninas pobres da vizinhança; entretanto, uma menina tão perfeita não estava ditosa, porque a mãe, que não tinha olhos senão para o filho mais velho, não gostava dela; e se bem que o pai não participasse da preocupação, ele não era muito ouvido na casa, porque todos os bens eram da senhora, que tinha casado com um filho do Reino que principiara por ser feitor na fazenda.

16. Cada palavra do pai Domingos gravava-se na memória de Júlio como sobre aço, nestes riscos indeléveis das primeiras noções da meninice que ainda persistem no cérebro do velho que caduca, quando todas as lembranças da mocidade e da idade madura já ficam apagadas.

17. Ao despedir-se, o preto, oferecendo-lhe a mão de milho, lhe disse: “Isto vem da minha roça; era para a senhora moça Olaia. Como foi ao casamento da prima, há de ser para meu sinhozinho.”⁹⁵ Domingos foi-se com mil recomendações para Olaia e notícias da periquita; e Júlio, com seu acréscimo de riquezas, prosseguiu sua marcha com as demoras e paradas que o estado da sua saúde causava, até que, tendo andado mais de uma légua, chegou, ao pôr-do-sol, nas beiras da ribanceira, da qual pouco se apartara, e, achando nela um rancho de boiadeiros havia pouco tempo desocupado, com algumas estacas e tições ainda acesos, ele o escolheu para o pouso da noite. Duas espigas torradas forneceram a ele e à cara periquita uma ceia frugal e sadia, e ambos adormeceram profundamente no seio da natureza e da inocência.

18. Ambos acordaram com o raiar do sol. Júlio entrou na estrada indicada pelos rastros da boiada. O aspecto do país era assaz uniforme, com pequenas ondulações iguais que se sucediam sem interrupção. Um vapor avermelhado ofuscava o azul do firmamento, sem nada tirar ao ardor do sol; alguns truncos⁹⁶ acanhados de cajueiros levantavam seus braços despidos de folha, acima das touças⁹⁷ de sapê meio torradas pelas anuais queimadas, destinadas a limpar o terreno, para favorecer a germinação do capim novo; porém, debalde naquele ano os peões não tinham esquecido este cuidado. As noites tinham negado o seu orvalho; a estação

⁹⁴ No texto-fonte: “presentinhas”.

⁹⁵ No texto-fonte: “Isto vem da minha loça; ela pala a senola moça Olaia. Como foi ao casamento da plima, há de sê para meu senozinho.”

⁹⁶ “truncos”: foi preservada essa grafia porque a palavra “tronco”, do português, vem do latim *truncus*; existindo a possibilidade de o autor da novela não conhecer bem a língua portuguesa e ser conhecedor do latim.

⁹⁷ No texto-fonte: “tocas”.

das chuvas tinha passado, e, apesar de que algumas trovoadas tivessem roncado, elas se tinham desfeito sem dar uma pinga de chuva; e não havia sinal algum de verdura na imensa planície que todo ente dotado de vida abandonara para se refugiar nos lugares aonde⁹⁸ se podia ainda achar alguma água; uma poeira sutil e absorvente afligia os olhos e ressecava a pele e a garganta; apenas o canto d’algumas cigarras interrompia o silêncio de morte desta solidão, que teria assombrado o nosso pequeno viajante, se ele, quando chegava no cume d’algumas das ondulações do terreno, não tivesse reencontrado⁹⁹ com a vista a ribanceira, cujas voltas, no imenso campo pulverulento, se assemelhavam às duma fita de prata com duas orlas verdes.

19. Brevemente a calma, que à proporção que o sol subia ganhava em intensidade, o obrigou a cortar para a ribanceira, dirigindo-se a um bosquezinho de algodoeiros do mato, jaquapirões¹⁰⁰ e imbaíbas,¹⁰¹ aos quais a proximidade d’água conservava sua viçosidade.¹⁰²

20. Ele, neste asilo, já encontrou primeiros ocupantes. A companhia era numerosa e se compunha de espécies de indivíduos, gentes e bichos, pertencentes a muitas nações. Na ocasião em que Júlio chegou, o grande negócio do almoço ocupava¹⁰³ a todos. As bestas descarregadas fartavam-se do viçoso capim, cuja frescura, defendida pela sombra e a humidade, contrastava com a nudez do campo; não havia precisão de aspear para as conservar no pequeno recinto da parada. Os donos comiam com grande vontade várias carnes assadas de pacas, caititus,¹⁰⁴ jacus, zabelês¹⁰⁵ e outras caças, com bolacha e boas garrafas de vinho, não faltando o café, preparado na sua competente máquina de folha.¹⁰⁶ A personagem principal era homem já de idade madura, de fisionomia risonha e agradável, com olhos azuis, vivos e expressivos, e rosto avermelhado; da cabeça, algum tanto calva na sumidade, descendiam sobre os ombros compridos cabelos brancos que chamavam o respeito; calça e

⁹⁸ Domingos Paschoal Cegalla comenta: “A distinção entre *onde* e *aonde*, que se firmou na língua culta atual, nem sempre foi respeitada pelos escritores clássicos.”

⁹⁹ No texto-fonte: “reencontrada”, concordando com “ribanceira”.

¹⁰⁰ Palavra não dicionarizada. Trata-se, evidentemente, de um nome de árvore.

¹⁰¹ No texto-fonte: “Imbaibás”.

¹⁰² No texto-fonte: “vicosidade”.

¹⁰³ No texto-fonte: “occpava”.

¹⁰⁴ No texto-fonte: “Catitús”.

¹⁰⁵ No texto-fonte: “Zebelês”.

¹⁰⁶ “máquina de folha”: folha de Flandres?

niza¹⁰⁷ brancas, botins de couro e chapéu-do-chile formavam seu traje; quatro jovens no mesmo uniforme estavam sentados à direita e esquerda do chefe. Dois peões no traje sertanejo – feito tudo à custa do couro –, um cabôculo em ceroulas e dois pretos que serviam completavam o número dos entes racionais. Os bichos, além de bestas de carga e cavalgadas, faziam ainda um maior número: dois cães perdigueiros, um caititu¹⁰⁸ manso, um tatu em uma gaiola, um grande mono, dois micos, cinco ou seis papagaios esperavam com grande impaciência, soltos ou amarrados nos cofres, que repartissem com eles da abundante comida, e, por saltos ou vozes da linguagem privativa de sua espécie, chamavam sobre si a atenção dos que conviviam.¹⁰⁹

21. No chão jaziam várias¹¹⁰ peças da caça – entre aves raras, quadrúpedes e reptis –, enquanto muitos couros de toda bicharia estavam ao sol estendidos¹¹¹ a secar, e entre eles o recente duma jibóia de monstruoso tamanho, que se matara e se esfolara no dia antecedente. Os instrumentos da caça descansavam aos lados dos indivíduos ou encostados às árvores vizinhas; enfim, várias redes de apanhar borboletas, termômetros, caixotes de guardar prantas¹¹² e papelões para as secar e outras mil miudezas indicavam que a busca dos objetos d’história natural¹¹³ fazia a principal ocupação daquele rancho.

22. Com efeito, essa expedição era feita à custa de um soberano d’Alemanha, amigo e protetor das ciências, que não poupava desvelos nem despesas para que desse os resultados mais satisfatórios. O dr.¹¹⁴ Willians S..., célebre naturalista, grande médico e autor de vários tratados estimados, tinha sido escolhido para a dirigir, e os quatros jovens colaboradores, que ele mesmo elegera para pintor, zoologista, botânico e astrônomo, tinham já dado, cada um na sua repartição, provas indubitáveis de um talento superior.

23. Se um espetáculo tão novo aos olhos de Júlio lhe causou muita admiração, a companhia perante a qual ele aparecia, com a sua periquita no ombro, não ficou menos

¹⁰⁷ “niza”: espécie de casaco curto; jaquetão ordinário.

¹⁰⁸ No texto-fonte: “catitú”.

¹⁰⁹ Observe-se que o verbo “conviver” é empregado, nessa passagem, com o sentido etimológico do substantivo “convívio” (banquete).

¹¹⁰ No texto-fonte: “vazias”.

¹¹¹ No texto-fonte: “extendidas”.

¹¹² “prantas” – pronúncia vulgar, que deve ter originado essa grafia. Ver nota 6.

¹¹³ No texto-fonte: “natrnal”.

¹¹⁴ No texto-fonte: “D.”. A abreviação e a grafia da palavra “doutor” varia ao longo do texto: “D.”, “Dr.”, “Dotor”, “Doctor”, “Doutor”; uniformizou-se para “Doutor” e “Dr.”.

atônita... Já pintamos o aspecto que a doença lhe tinha dado. O doutor, entre todos, esqueceu o bocado que levava à boca, para o considerar, e logo exclamou: “*Genus, Homo*; espécie, americana; *varietas... incognita...*”; e, com a imaginação toda cheia dos fenômenos e monstros que as novas regiões que explorava haviam de fornecer à sua sede de descobertas, cuidou que sua boa fortuna lhe trazia um ente maravilhoso; porém, um dos peões, homem sisudo e cuja prática do país muitas vezes desafiava a ciência teórica do doutor, o desenganou logo, quando interrogado, declarando com muito sangue frio que era um menino branco, muito obstruído e hidrópico. “Oh! *pauvre petit*”, disse o doutor¹¹⁵, “eu pode curar com a *Chiococca racemosa*.¹¹⁶ Primeiro convida a comer.” O peão deu ao menino um bom pedaço de lombo assado com uma bolacha, e não foi preciso instar para que este participasse da apetitosa refeição; porém, de cada bocado que comia, ele dava com muito carinho uma porçãozinha à periquita – o que chamou a atenção do bom doutor sobre o bichinho: “*Ordo, Picae; genus, Spittacus; varietas, pullarius*”, exclamou ele; e, como o pássaro, se bem que assaz conhecido, não existia ainda na sua coleção, ele sentiu grande desejo de o possuir, e perguntou ao menino: “Você quer vender?”¹¹⁷ “Não! Não!”, respondeu este, já muito ansioso. “Mi dá a você muito dinheiro”, replicou o doutor, cujo desejo se incendia com a repulsa: “Não posso! Não quero.” “Uma pataca” (sinal negativo do menino), “três patacas, quatro mil réis”, e, pensando que a vista determinaria a criança que se conservava sobre a negativa, fez luzir o metal amarelo aos olhos do menino. Mas este, escondendo a avezinha entre ambas as mãos e dando-lhe muitos beijos, com lágrimas nos olhos, respondia: “Nada! Não a venderei por ouro nem prata; meu bom anjo, minha Olaia ma deu; não, periquita da minha alma, jamais te largarei.”

24. O peão, sobre a visão do qual o rico metal não exercia pouca influência,¹¹⁸ e que ardia a cada momento de ver prodigalizar tantas riquezas para adquirir bagatelas das quais ele não daria dez réis, não se pôde conter e exclamou: “V.m., quero dizer, V. S. está muito bom em demasia, esta cousinha não merece dois vinténs; os sertões estão cheios disto. Eu vou assentar dois pontapés neste bragerete¹¹⁹ e tomar-lhe o pássaro, que não vale a quarta parte do que comeu!” “Oh no, no!”, disse o doutor, “Isto estar injusto.” O esforço da sua magnanimidade

¹¹⁵ No texto-fonte: “Dontor”.

¹¹⁶ Vulgarmente cainca ou raiz preta. (Nota do Autor – assinalada por asterisco no texto.)

¹¹⁷ No texto-fonte sem ponto de interrogação.

¹¹⁸ Entenda-se: “O peão sobre o qual a visão do metal não exercia pouca influência”.

¹¹⁹ Palavra não dicionarizada. Na versão francesa da novela, *petit drôle*.

talvez fosse nesse instante igual ao¹²⁰ de Frederico, o Grande, quando deixou existir o moinho de *Sans-souci* no recinto do seu palacete, ou de Napoleão, quando, na ocasião de se comprar as propriedades que deviam dar lugar ao paço do rei de Roma, sofreu que um proprietário teimoso, que nenhuma oferta pôde reduzir, guardasse sua casinha.

25. Aliás, a certeza de achar muitas periquitas da mesma espécie ajudou muito para que o bom doutor se mostrasse juiz tão imparcial entre si e o fraquinho dono da ave. Se o bicho – em vez de ser vulgar nas coleções da Europa, e já classificado por todos os nomencladores – pertencesse a um gênero novo, ou mesmo tão raro, que se não contassem senão um ou dois indivíduos nos museus, não posso afirmar que o doutor, por virtuoso que fosse, e acérrimo inimigo do despotismo, contra o qual tinha fulminado nas suas obras impressas, tivesse achado forças para resistir à tentação de se apoderar de um tesouro de maldito valor aos seus olhos e não tivesse consentido a um ato de arbitrariedade que, apesar de quantos equivalentes em dinheiro podia dar ao menino, obrigaria a vontade deste inocente e, talvez, lhe custaria a vida, a qual, no extremo de saúde em que se achava, podia findar com as saudades do bichinho, que amava unicamente como prenda daquela que chamava seu anjo. Mas o gosto dos coletores de curiosidades das artes ou da natureza não raras vezes degenera em paixão desordenada, que, como qualquer outra, quer satisfazer-se por fás ou por nefas.¹²² A história nos apresenta exemplos de sábios mui probos e filantrópicos que esta paixão levou ao ponto de cometer furtos e mesmo mortes.

26. Felizmente, a virtude do doutor não foi posta a uma prova tão extremosa; e de mais a mais um novo incidente veio fazer diversão. Uma magnífica borboleta tinha pousado na areia das margens do rio e chupava a humidade. “*Ordo Lepidoptera, genus Papilio, tribus equites...*” gritou o doutor e, esquecendo o menino, a periquita e o resto do universo, lançou mão da rede do ar e correu para a caça borboletal; dois dos seus colaboradores foram após ele com suas competentes redes de garça verde; como a refeição já estava no fim, um terceiro pegou a espingarda para visitar as matinhas da beira d’água, asilo de quantos bichos tinha o

¹²⁰ No texto-fonte: “á” – concordando com “magnanimidade”.

¹²¹ Aqui termina a primeira seção da novela, publicada entre as páginas 108 e 129 de *O Beija-Flor* (n.4, 1830). Entre parênteses e em itálico, sob o texto, vinha o seguinte anúncio: “(*O resto para o próximo número.*)”. A novela teve continuidade nas páginas 145-158 (n.5, 1830) e, ainda, nas páginas 170-184 (n.6, 1830).

¹²² No texto-fonte: “por *fas et por nefas*”. A expressão “por fás ou por nefas” propõe alternativas: por meios justos ou injustos.

distrito; os cães o acompanharam; e o quarto pôs-se sossegadamente a desenhar o prospecto do lugar da parada, enquanto os pretos se fartavam com os resquícios do almoço e os peões enxugaram as garrafas meio vazias e davam repetidos abraços a um odre de razoável dimensão cheio de estimável licor da cana patricia. O cabôculo se distinguia entre todos pelo fervor do culto que rendia à preciosa borracha¹²³.

27. Júlio, tendo-se apartado um pouco, observava tudo. Dali a pouco ele viu os camaradas, à ordem que um dos jovens naturalistas trouxe, recolher nas caixas todo o conteúdo, carregar as bestas, enselar as cavalgadas e, sem esperar pelo doutor, pôr-se em marcha, levando à mão a bestinha que ele costumava montar. Com efeito, a borboleta, o *Eques troius*, não tinha sido tão fácil de se apanhar. No primeiro assalto, o leve bicho quase que se deixou surpreender. A rede fatal já o cobria, quando, por um intervalo entre o chão e uma porção da circunferência do arame, ele pôde escapular e, então, deu que fazer aos três inimigos¹²⁴ – ora levantando-os após si nas beiras da ribanceira, ora divagando na campina queimada; umas vezes parando em cima duma folha, até eles já estarem tão perto, que se cuidassem senhores da presa e, logo, como por mangação, disparando num vôo seguido, que os obrigava a dar uma nova carreira debaixo dos raios de um sol ardentíssimo. Mas nada podia deter ou cansar os caçadores que, neste seguimento,¹²⁵ já se achavam a quase meia légua pelo rio abaixo – razão por que o chefe mandou ordem à bagagem que o viesse encontrar.

28. O menino, depois do estrondo desta cena, sentiu-se assaz triste e abandonado; mas a voz da sua periquita o fez tornar em si. Ela, como se o quisesse premiar de não a ter querido trocar por tamanha soma como a que fora oferecida, principiou a repetir umas poucas de vezes o nome de Olaia. O pequeno a recompensou com mil afagos e, sem mais se lembrar do futuro ou do passado, principiou a brincar com ela debaixo da sombra, até que, dando-lhe sono, se deitou na relva, justamente¹²⁶ no lugar onde o doutor estivera sentado. Quando acordou, meneando a cabeça como quem sacode o sono, ele bateu sobre uma cousa que supôs ser pedra e, querendo apartá-la, reconheceu a bolsa que o doutor puxara para lhe mostrar a moeda d'ouro e que largara incautamente no chão, para lançar mão da rede, quando a improvisa vista do *Eques troius* veio fazer diversão a quantas outras ideias o ocupavam naquele instante.

¹²³ “borracha”: odre em que se guarda bebida.

¹²⁴ No texto-fonte: “inimigo”.

¹²⁵ No texto-fonte: “seguimento”.

¹²⁶ No texto-fonte: “juntamente”.

29. Júlio divertiu-se um instante com o feitio da bolsa, e supputo¹²⁷ do dinheiro; mas os princípios de probidade que tinha mamado desde a infância não permitiam que o desejo de se apoderar dela nascesse na sua mente. “É a bolsa daquele senhor”, disse ele a sua periquita, “que nos deu um almoço tão bom: vamos restituí-la; talvez ainda nos dê outra vez de comer e algum dinheiro, para comprar ao depois daquilo que tu mais gostas.”

30. Ele imediatamente seguiu os rastros da tropa e, como já o sol declinava, não chegou antes da noute ao novo rancho, que a expedição tinha evacuado de tarde. Júlio e seu bichinho cearam com as espigas de milho que ficavam¹²⁸ do dia antecedente; dormiram no rancho e, ao outro dia, madrugaram tanto, que vieram encontrar com os naturalistas às mesmas horas da véspera¹²⁹ e na mesma ocupação do almoço. Júlio meteu a bolsa nas mãos do doutor, que só neste momento deu fé da perda do seu dinheiro, pois que seu desapego à riqueza era talvez igual a sua paixão para a história natural.

31. Supor-se-á facilmente que todo o interesse que o bom doutor sentira à primeira vista a favor da infeliz criança, e que só o recusar da venda da periquita pudera apagar, ressuscitou ao tresdobro. A prova de probidade que Júlio agora dava realçava a de desinteresse que dera¹³⁰ na véspera. Depois de ouvir a triste história do pequeno, o doutor o considerou como um órfão que o céu lhe mandava propositadamente, para que o curasse e o amparasse, e decidiu, com aplauso geral, que Júlio e a sua periquita seriam, daqui para diante, considerados como agregados à expedição. A cura do menino principiou neste mesmo dia; depois de lavado a fundo na bela água corrente, fizeram-lhe um pequeno guarda-roupa¹³¹ à custa de todos, e o doutor entrou a empregar a *Callicoca ipecacuanha*¹³², a *Cinchona officinalis* e a *Chiococa racemosa*, que os tropeiros, por seu maior escândalo, continuavam a chamar poalha¹³³, quina e raiz preta. A virtude destes três específicos, e sobretudo o bom alimento e satisfação de se ver tratado com carinho e benevolência, em breve restauraram a saúde do recrutado naturalista: em breve o ventre desentumeceu, os membros recuperaram a força, os beiços e

¹²⁷ “supputo”: palavra não dicionarizada. No contexto, parece significar “avaliou o seu conteúdo” [da bolsa]; é possível que se trate de aproveitamento do latim: *supputo, as, are* – que significa “calcular”.

¹²⁸ “ficavam”: observe-se o uso do imperfeito do indicativo com valor de mais-que-perfeito composto, “tinham ficado”.

¹²⁹ “véspera”: forma registrada em textos antigos, o mesmo que “véspera”.

¹³⁰ No texto-fonte: “dára”. Mais um indício de que o autor da novela não dominava bem o português.

¹³¹ No texto-fonte: “uma pequena guarda-roupa”. Em francês, a palavra é do gênero feminino: *la garde-robe*.

¹³² No texto-fonte: “*epicacuanha*”.

¹³³ “poalha”: o mesmo que “poaia” – Silveira Bueno registra a forma correta, “poaia”, e afirma: “Ouve-se poalha, mas é ultracorreção.”

faces apresentaram o colorido da infância, e os olhos a expressiva viveza, indício da agudeza do seu espírito e simpática disposição do seu coração. A mesma crise da doença foi a prol do desenvolvimento físico; Júlio em poucos meses cresceu prodigiosamente, sem que disto resultasse prejuízo qualquer à robustez. Ele, àquela época, já não era membro inútil da pequena colônia errante – servindo-se da rede borboletal com maior destreza do que os mesmos mestres; subindo no cume das árvores mais altas, para ir procurar os espécimens da floração¹³⁴ ou da frutificação; desencantando vegetais e insetos, aonde o bom doutor muitas vezes não supusera que os houvera;¹³⁵ e valendo-se de toda a agilidade e experiência do campo que seus hábitos d’infância, quando vagava com os pequenos companheiros nos caminhos patrícios,¹³⁶ lhe tinham adquirido, para servir os seus benfeitores e pagar o tributo da gratidão.

32. Entretanto, a expedição ia progredindo nos sertões e avançando lentamente, por causa dos pousos e digressões à esquerda e direita, para a província do Grão-Pará, termo de seus trabalhos. Júlio¹³⁷ não se sabia explicar os motivos daquela vida selvática, aliás deliciosa para uma criança, e mesmo com muitos atrativos para os homens de gênio ativo e empreendedor: mas bem pouco se lhe dava das razões ou do fim da expedição; ele deixava correr o tempo e as cousas, contente do momento presente, e nisto as crianças se avantajavam muito aos homens, que não podem chegar a semelhante disposição d’espírito, nesta sua jornada terrestre, sem os maiores esforços de filosofia; um único pesar inquietava o menino – ele tinha perdido todo sinal do caminho para a fazenda aonde morava Olaia e, apesar d’ignorar o rumo em que vagavam, não podia deixar de observar que cada vez mais se afastavam dela. De vez em quando ele perguntava ao doutor se já não estavam perto do cabo do mundo e se então não haviam de voltar pelas mesmas pisadas?¹³⁸ O doutor sorria-se; e uma flor a colher, um bicho a caçar, um mimo a fazer a sua periquita mudavam a direção das suas ideias.

33. A periquita o não largava de dia e de noute. A sua efetiva morada era o ombro de Júlio¹³⁹, ao qual, conforme o instinto da sua espécie, ela criou um amor tão singular e despótico, que não permitia que qualquer outro bicho, ave ou quadrúpede, se chegasse a ele e

¹³⁴ No texto-fonte: “floreação”.

¹³⁵ Ver nota 41.

¹³⁶ No texto-fonte: “nas caminhas patricias” – observe-se a troca de gênero da palavra “caminho”, provável indício do pouco domínio que tinha o autor da língua portuguesa.

¹³⁷ No texto-fonte: “Julia”.

¹³⁸ No discurso indireto, o ponto de interrogação introduz elemento de discurso indireto livre.

¹³⁹ No texto-fonte: “Julho”.

quanto menos¹⁴⁰ lhe fizesse festas; as mesmas borboletas que apanhava eram o alvo do furor dela, e não era possível pregá-las com os alfinetes para fora da copa do chapéu de palha, como os mais companheiros faziam, sob pena de as ver dilaceradas. Ela o castigava a ele mesmo quando não dava bastante atenção às suas carícias e beijinhos.

34. Era assaz¹⁴¹ incômodo penetrar os fechados, correr as catingas e subir às árvores com a delicadinha ave no ombro; e Júlio procurou eximir-se da tal obrigação,¹⁴² deixando-a com a bagagem na companhia dos outros bichos. Mas esta fez tamanha algazarra e deu tantas provas de desesperada, que ele não teve ânimo de persistir na sua resolução e de afligir a sua Olaia, nome que todos tinham dado à periquita, porque era a única palavra que jamais aprendio¹⁴³ a repetir – motivo pelo qual ainda era mais cara a Júlio.

35. O doutor não se podia cansar de observar as particularidades do instinto deste bichinho e do que chamava amores andropsitacinos¹⁴⁴ da avezinha e do *Parvuli achatis*, alcunha com que designava Júlio, que, por agradecimento a quem o curara e lhe mostrava tanto interesse, acompanhava com especialidade o doutor nas suas divagações científicas; e, por contínuas atenções e serviços, ficou-lhe tão bem aceito, que aquele bom homem já não podia dar um passo sem que a criança fosse a seu lado.

36. Um acidente, que por pouco ia sendo fatal a ambos, estreitou ainda a sua intimidade e a exaltou a ponto de chegar a se assemelhar àquela que existe de pai a filho. Um dia que¹⁴⁵ o doutor e seu fiel escudeiro pesquisavam às beiras pantanosas de um rio de volume d'água assaz avultado, porém que, por manar em planices¹⁴⁶ quase sem declive, dava ares de dormente, havendo toda uma vegetação aquática de ambos¹⁴⁷ os lados, eles deram fé duma

¹⁴⁰ “quanto menos”: entenda-se “muito menos”.

¹⁴¹ No texto-fonte: “asssz”.

¹⁴² Entenda-se: “eximir-se da tal obrigação” [de levar consigo a periquita].

¹⁴³ No texto-fonte: “aprendio”. Provavelmente, o narrador empregou o verbo espanhol “aprender” (nesse caso, a forma atualizada seria “aprendió”). Outra possibilidade é a de o narrador, por analogia, haver conjugado o verbo português “aprender”, tomando o verbo “ver”, irregular, por modelo. Diante dessas duas possibilidades, manteve-se no texto a palavra “aprendio” na forma em que se encontra no texto-fonte, suprimida apenas a duplicação do “p”.

¹⁴⁴ Neologismo criado pelo autor, que demonstra conhecimento etimológico ao grafar “andropsittacinos” – com “tt”.

¹⁴⁵ Observe-se a tendência (ainda atual, na língua popular) à omissão da preposição “em” antes do “que”.

¹⁴⁶ “Planice”: palavra não registrada na maioria dos dicionários da Língua Portuguesa nem no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*; registrada, entretanto, no dicionário de Cândido de Figueiredo e no de Laudelino Freire.

¹⁴⁷ No texto-fonte: “ambas”.

flor magnífica que se podia alcançar bem com a mão, baixando-se algum tanto além da beira, por cima d'água. “*Polyandria monogynia*”, exclamou o doutor extasiado, “família *Hydrocharidum, genus Novum*”, e com precipitação baixou-se para se apossar dela, conseguindo com efeito agarrar a hástea; mas esta, que cedeu no princípio, logo, por sua elasticidade, encolheu-se, e esta leve reação bastou para romper o equilíbrio em que o doutor estava, de forma que caiu de cabeça dentro do rio, e o peso d'água logo o carregou pelo rio abaixo.

37. Apenas Júlio viu cair o seu benfeitor, que, sem se lembrar que não sabia nadar, ele se atirou para o socorrer; e, apesar de se agarrar às plantas aquáticas, foi levado pela força da corrente; e ambos iam ser vítimas da vegetal sereia – que não lhes patenteara tantos encantos, senão para os perder –, se o cabôculo, que bem perto, com setas rombudas, caçava beija-flores, não ouvisse a bulha e gritos e não corresse em seu socorro. Este, que nadava como um peixe, os tirou da água já meio afogados. Assim mesmo o doutor não tinha largado mão da *hydrocharides*,¹⁴⁸ que a impulsão da queda fizera romper; e, mal voltado em si, principiou a analisar os seus caracteres botânicos; e Júlio, ainda mais exânime, não se lembrou senão da periquita, que, tendo escapado com o socorro das asas, dava gritos atordoantes em procura do amo.

38. A prova de dedicação que Júlio dera ao seu protetor não foi perdida para o tão benfazejo como entusiasmado coração deste, que consagrou ao órfão o amor de pai e decidiu na sua mente que jamais o abandonaria. O seu primeiro cuidado foi de lhe determinar um ordenado, aliás já merecido pela utilidade de que era à expedição; e o segundo,¹⁴⁹ de tratar da sua educação, dando-lhe ele mesmo lições com toda a assiduidade que¹⁵⁰ a vida que fazia permitia, e, convidando os colaboradores a que o ajudassem a cultivar a planta generosa¹⁵¹ achada no deserto, que não pedia senão cultura para dar os melhores frutos; e, com efeito, Júlio, dotado de engenho vivo e gênio dócil, fez grandes progressos, tanto por natural curiosidade, como para agradar as pessoas que tomavam nele tanto interesse.

39. Entretanto o tempo passava, e a expedição, através dos sertões, serras, campinas, vilas e ermos, fazendas e matarias, ora subindo rios, ora descendo outros, ora passando fomes, e

¹⁴⁸ Não foi atualizada a ortografia da palavra “hydrocharides”, por ser referência ao nome científico da planta.

¹⁴⁹ No texto-fonte: “a segunda”; outro exemplo de troca de gênero.

¹⁵⁰ No texto-fonte: “qua”.

¹⁵¹ “planta generosa” – entenda-se: Júlio.

inclemências do tempo, ora na maior fartura do mundo, sempre favorecida pelas autoridades e habitantes, que – tanto para cumprir as ordens positivas do governo do Brasil, cuja liberalidade neste respeito merece os maiores louvores, como por natural hospitaleira disposição – prestaram todos os socorros de que podiam dispor, tinha por fim chegado triunfante, e, apesar de bastantes perigos e doenças, sem perda de nenhum dos membros, à metrópole do Grão-Pará, meta dos seus trabalhos e lugar marcado ao embarque para Europa.

40. O doutor empregou toda a diligência em arranjar e encaixotar¹⁵² os imensos tesouros de história natural que reunira durante sua prolongada viagem; tesouros mais preciosos na sua opinião do que quantos o Tijuco, o Potosi, ou a Serra do Grão-Mogor¹⁵³ encerravam! conquistas admiráveis que enriquecem o país sobre o qual elas se ganham!

41. Enfim, o doutor, depois de premiar além das suas esperanças os tropeiros e camaradas, meteu-se a bordo na companhia dos colaboradores e de Júlio,¹⁵⁴ seu filho d'adoção.

42. Este já não era aquele menino simples e criado à lei da natureza que se achou abandonado nos sertões. O corpo e o espírito se tinham juntamente desenvolvido. Ao físico, era um jovem elegante, de boas maneiras e de trato agradável, e seguro. Ao moral, a educação tinha sazonado as prendas naturais e inatas qualidades de uma alma elevada. Ele sentiu uma quase irresistível repugnância a abandonar a pátria. Uma saudade indizível o ligava ao solo que Olaia habitava, não porque este sentimento fosse amor; a idade em que a vira e a rapidez de uma única entrevista não davam lugar a isso, mas era um composto de todas as lembranças e emoções da meninice e de mil cenas de interesse sem igual àquela idade, entre as quais a da fazenda dominava, com todas as circunstâncias pertencentes à aparição angélica da engraçada benfeitora. Assim mesmo, a voz da gratidão, as instâncias e os afagos do bom velho, ao qual tanto devia, e as solenes promessas de o tornar a mandar para o Brasil à primeira requisição prevaleceram para que embarcasse.

43. A periquita o acompanhava. Única entre todos os irracionais que assistiram ao almoço do primeiro encontro, ela tinha escapado às vicissitudes¹⁵⁵ da viagem, mas não sem ter tido seu quinhão dos sofrimentos e perigos da peregrinação. Quantas pancadas e arranhaduras apanhara nas capoeiras e fechados que Júlio rompia! quantos tombos dera! Um dia, ela caiu

¹⁵² No texto-fonte: “encaxoitar”.

¹⁵³ Ver nota 35, sobre “patamal”

¹⁵⁴ No texto-fonte: “Jnlío”.

¹⁵⁵ No texto-fonte: “vissitudes”.

no fogo e quase que assou os pezinhos. Outro dia, um mono, contra o qual num acesso de ciúme¹⁵⁶ se lançara, lhe deu um apertão de que ficou estropiada de uma asa. Ultimamente, os excessos e ciúmes da sua paixão por Júlio tinham devorado a sua existência: a velhice antecipada e frequentes acidentes pronosticavam a morte próxima; e, com efeito, quando a embarcação chegou à região dos frios, ela principiou a definhar, e, se bem que toda morosa, e gostava, jamais saía do peito ou da cama de Júlio; assim mesmo as forças a abandonavam, e uma madrugada, este, ao acordar, achou-a sem vida encostada a uma das suas faces – apesar de prever esta perda, a dor que transpassou o coração de Júlio foi tão aguda, que lhe deu um vago; quando voltou em si, ele rompeu em choros e ais, e foi preciso toda a influência do pai adotivo, e as carícias e consolações que lhe prodigalizou, para o sossegar e o determinar a tomar alimentos. Aliás, não faltaram à pobrezinha defunta as honras fúnebres que sua dedicação exemplar merecia. O pintor tirou dela uma perfeita cópia, e o doutor, com as próprias mãos, a embalsamou e preparou com toda a perfeição que uma longa prática o habilitara a dar às obras desta natureza. Finalmente, uma rica boceta de ouro a recebeu, e, na tampa, o doutor, que¹⁵⁷ tinha presunções de poeta, insculpiu, em ar d’epitáfio, o seguinte verso latino:¹⁵⁸

*Ex ave tantillâ constanciam edisce, puella.*¹⁵⁹

44. Júlio colocou o pequeno túmulo em cima do coração, e jamais o largou antes do casamento.

45. Entretanto, a viagem de mar findou sem novidades. Não entra no meu plano narrar o distinto recebimento, honras e prêmios com que o soberano manifestou sua satisfação ao doutor Williams S. e aos seus companheiros. Júlio foi apresentado à corte: os seus ordenados foram transformados em uma pensão vitalícia bem suficiente para viver com decência. O doutor o mandou para a célebre Universidade d’Iena¹⁶⁰ a ultimar seus estudos. Júlio distinguiu-se por seus talentos, caráter e conduta, mas o clima não lhe provou bem, e os

¹⁵⁶ No texto-fonte: “deciume”.

¹⁵⁷ No texto-fonte: “qne”.

¹⁵⁸ No texto-fonte: “latim”.

¹⁵⁹ Nota do autor, no rodapé, assinalada por asterisco: “Meninas aprendei de tão diminuta ave a serem constantes.” [No texto: “aprendi”. Nota do editor.]

¹⁶⁰ No texto-fonte: “universidade d’Jena”.

rigores dos invernos abalavam sua robusta saúde e o enchiam de uma melancolia que virava sobre o passado e as lembranças da pátria. Ele gastava horas a chorar sobre¹⁶¹ a caixinha que resselava sua periquita. O mal do país,¹⁶² a mais cruel de todas as doenças morais e que devora a substância dos ossos, o agarrou à época da puberdade: ele à vista definhava; e o bom doutor, depois de apurar quantos meios a sua ciência médica e a dos seus doutos amigos proporcionavam, já andava desesperado, quando ele um dia surpreendeu Júlio na sua ocupação favorita – que até então escondia a todos os olhos –, banhado em lágrimas, a contemplar a periquita. Júlio atirou-se a seus pés e, entre soluços, exclamou: “Meu benfeitor, meu pai, perdoai!... Eu morro, se não torno para meu país...” O doutor pegou-o no colo, o regou com seu pranto e lhe disse... “Filho, vai: não te demoro; tu eras a consolação da minha velhice, a alegria dos meus olhos, o orgulho destas minhas cãs;¹⁶³ mas, quando a Providência te confiou de um modo tão singular no sertão ao meu amparo, foi para tua felicidade, e não para a minha satisfação. Vai para tua bela pátria, cujos ares amenos e brilhante sol valem mais que todos os refinamentos da nossa civilização. Tu levas contigo a bênção deste velho para o qual quisestes¹⁶⁴ uma vez sacrificar a vida!” E, como a paixão dominante jamais perde seus direitos, depois de alguns momentos de reflexão, o doutor acrescentou: “Tu serás para lá meu correspondente. Eu te ensinei a preparar toda casta de bichos e vegetais; espero que me hás de fazer grandes remessas.”

165

46. Não era a tenção do bom velho mandar seu filho de adoção sem que fosse bem provido, e, portanto, além de lhe remeter o importe de todos os ordenados que se tinham acumulado até uma soma já assaz avultada¹⁶⁶ e de lhe fazer adiantar dez anos de pensão, ele o

¹⁶¹ No texto-fonte: “chora rsobre”.

¹⁶² “o mal do país”: a saudade.

¹⁶³ No texto-fonte: “cães”.

¹⁶⁴ Ver nota 83.

¹⁶⁵ Aqui termina a segunda seção da novela, publicada entre as páginas 145 e 158 de *O Beija-Flor* (n.5, 1830). A novela teve continuidade nas páginas 170-184 (n.6, 1830), sem qualquer indicação, neste ponto, de que haveria continuidade.

¹⁶⁶ No texto-fonte: “avnltada”.

dirigiu com as mais poderosas recomendações a uma das principais casas d’Hamburgo,¹⁶⁷ que se propunha comanditar¹⁶⁸ uma casa em Pernambuco. As proteções¹⁶⁹ de Júlio, suas boas maneiras, grandes talentos, qualidade de cidadão brasileiro e os consideráveis fundos com que entrava fizeram que obtivesse as maiores vantagens na nova associação; o prazer de tornar para sua pátria, a ocupação para se habilitar na sua profissão e a viagem do mar restauraram¹⁷⁰ completamente a sua saúde.

47. A fortuna acompanhou a nova casa, que trabalhava com potentes meios, e, tão bem sustida pela de Hamburgo, cujas especulações com o Brasil foram feitas nestes inícios sobre escala mui grande, que¹⁷¹ apenas tinham passado trez anos e já Júlio não teria dado o que lhe tocava por cem contos de réis; e, como a ambição e o amor das riquezas não o dominavam, ele já se lembrava de liquidar, pois que Pernambuco não era senão o primeiro pouso para sua volta a seu país, e não lhe oferecia aquela felicidade para a qual seu coração anelava, e que supunha somente encontraria nos seus caros sertões. Ele já chegara à idade das paixões e, com uma alma tão terna, como ardente, ainda não tinha achado o ente que devia fazer o destino de sua vida: alguns namoros passageiros tinham terminado em frieza ou desgosto; a antiga melancolia o assaltava, e os tête-à-têtes com a periquita embalsamada já eram frequentes. Ele não amava a pequenina Olaia que vira, mas não podia amar outra: muitas vezes a sua imaginação lhe representava os sítios natalícios e, no seio deles, uma figura encantadora, dotada de quantas perfeições podem existir; e sempre esta figura vinha vestida de cor-de-rosa com cinta azul – em uma palavra, tal qual a engraçadinha menina da fazenda prometia que havia de vir a ser; e quando Júlio acordava destas ilusões, “Ah!”, dizia ele à periquita, “e ela existiria ainda? e com tantas prendas? e com o coração livre?¹⁷² e os pais a não obrigariam a casar?” Tantas dúvidas e sonhações findavam por uma abundância de lágrimas.

48. Entretanto ele não ousava se abrir a ninguém e, menos, indagar daquilo que tanto o interessava. Era um cuidado que não queria fiar senão de si mesmo: mas a liquidação de uma casa de comércio, de grandes e longínquas especulações, é obra assaz complicada. Júlio

¹⁶⁷ No texto-fonte: “d’hamburgo”.

¹⁶⁸ No texto-fonte: “commenditar”.

¹⁶⁹ No texto-fonte: “proteções” – com vocalização do “c” etimológico: *protectio, onis*.

¹⁷⁰ No texto-fonte: “restanrarão”.

¹⁷¹ Entenda-se: “e [foi] tão bem sustida pela de Hamburgo, cujas especulações com o Brasil foram feitas nestes inícios sobre escala mui grande, que etc.”

¹⁷² No texto-fonte: “libre” – “livre”, como em francês.

esperava, para as¹⁷³ realizar, o resultado de várias expedições; e o tempo corria, quando, uma manhã, estando ainda na cama, ele viu entrar o seu sócio, homem já maduro e consumido na ciência comercial, com certo ar de preocupação inusual em um homem que se conservava quase sempre impassível: “Júlio”, disse este, “a seca que aflige nossa província castiga com inaudito furor as do Norte. O Ceará, entre todas, está perdido: os sertões ficaram desertos, todo¹⁷⁴ fugiu para o beira-mar¹⁷⁵ e amontoou-se na cidade; uma horrenda fome decima¹⁷⁶ a infeliz população: o governo se lembrou de recrutar entre¹⁷⁷ a mocidade esfaimada, e eu julgo que não pode haver melhor ocasião para uma especulação que estou já calculando há um mês, de mandar para lá uma embarcação com mantimentos da terra: venho tomar seu parecer.” Todos os sentimentos concentrados no coração de Júlio rebentaram com inaudita força ao ouvir esta proposição. “Sim”, gritou ele, pulando da cama, “sim, não pode haver melhor especulação! É uma mina de ouro! Eu mesmo a quero dirigir e acompanhar.” O sócio ficou passado com tamanha impetuosidade; ele não estava acostumado a ver Júlio tão áspero para o ganho, mas o interesse que, a seu ver, este tomava, no bem da casa, não lhe podia desagradar, e, portanto, eles em breve decidiram e aprontaram a expedição, que se fez em ponto maior, como dirigida por um dos chefes da casa.

49. Os ventos favoreceram¹⁷⁸ a impaciência de Júlio, cuja preocupação chegava a ponto de delirar; o instante decisivo da sua existência tinha chegado; o seu coração arquejava; o ar lhe faltava; imagens fantásticas escureciam-lhe a vista; as noites passavam em longos pesadelos, aonde as cenas dos sertões se confundiam com mil quiméricas visões de perigos, de fogos, d’abismos, de combates; e uma tal excitação mental poderia lhe ser funesta, se a embarcação não desse fundo no terceiro dia de noite.

50. Ao outro dia, Júlio embarcou com o capitão do seu navio no escaler da saúde,¹⁷⁹ como fora de si, pelo gosto de ver o solo natalício e o receio do que ia aprender ou achar sobre o vital interesse do seu coração.

¹⁷³ Concordância ideológica: “as” está por “a liquidação da casa de comércio e a volta ao Ceará”.

¹⁷⁴ “todo”: entenda-se “todo o sertão” ou “todo o Ceará”.

¹⁷⁵ Observe-se o gênero masculino atribuído a “beira-mar”.

¹⁷⁶ “decima”: o mesmo que dizima.

¹⁷⁷ No texto-fonte: “eutre”.

¹⁷⁸ No texto-fonte: “favorecerão”.

¹⁷⁹ “escaler da saúde”: escaler é embarcação de pequeno porte, que podem ser içados para dentro do navio. Os escaleres tomam um número ou o nome da pessoa ou coisa a que são destinados – donde poder-se pensar que a expressão “escaler da saúde” possa estar relacionada ao fato de o barco destinar-se a levar socorro e alimentos à

51. Ao saltar em terra, eles toparam com uma companhia de recrutas que alguns soldados conduziam a bordo; era na ocasião de se fazer a chamada: não podia haver aspecto mais deplorável; todos estavam em farrapos, tão desfeitos pela fome, sezões e bexigas, que mais¹⁸⁰ se pareciam com um comboio¹⁸¹ de doentes que vão para algum hospital do que com qualquer outra cousa. Júlio comoveu-se profundamente à vista dos seus infelizes comprovincianos e avançava para lhes distribuir alguma gratificação, quando o nome de José Frederico de..., pronunciado pelo sargento que fazia a chamada, feriu seus ouvidos. “Presente”, respondeu com tom assaz enérgico um vulto alto e que fora robusto antes que as privações e doença lhe tivessem dado as aparências de um esqueleto. “Sois José Frederico de..., filho de fulano..., dono da fazenda de...”, perguntou-lhe rapidamente Júlio, que correu para ele. “Sim”, respondeu com alguma hesitação o recruta. “Céus! em que estado vos venho achar.” “Não tenho conta que dar a ninguém do meu estado”, tornou aquele, com um resto de soberba, “vou servir minha pátria e meu Imperador!”, e esta frase foi pronunciada em tom que a ironia e o desespero se disputavam. “Deus me livre de vos ofender”, contestou Júlio, “antes quero vos ser útil: que é feito de vosso pai?” “Está feliz: morreu.” “E vossa mãe...” “Ela vive... coitada.” “Onde está? que é feito dela?” O recruta, ainda que com assaz relutância, respondeu: “Está aqui... que lhe importa?...” “Muito! tudo! devo-lhe tudo, vamos aonde está...” “Não posso... vou embarcar.” “Não seja isto obstáculo...” E Júlio, dirigindo-se imediatamente ao alferes que comandava o destacamento, obteve facilmente que ele e o comandante da sua embarcação, já conhecido daquele oficial, ficassem ambos fiadores do jovem cearense.

52. “Agora vamos”, disse Júlio... “não podeis ir tão longe...” “Não posso... dê-me alguma cousa pra comer... o almoço que o Imperador me dá está a bordo, e falecem-me as forças...” “Não seja por isso”, interrompeu Júlio e, puxando por uma mão cheia de patações, ele lha entregou. José Frederico mostrou-se assombrado com a dádiva, e, como sua alma, se bem que prostrada pela má educação e os vícios, era ainda susceptível d’alguma generosidade: “Não quero, não mereço tanto”, disse ele com a cabeça baixa; “basta um patação; guardai o resto

população cearense. Uma curiosa referência a “escaler” é encontrada em *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. O termo é utilizado para indicar a condição menor de João Grilo ao se dirigir a Compadecida: *Valhame Nossa Senhora, / Mãe de Deus de Nazaré! / A vaca mansa dá leite, / A braba dá quando quer. / A mansa dá sossegada, / A braba levanta o pé. / Já fui barco, fui navio, / Mas hoje sou escaler. / Já fui menino, fui homem, / Só me falta ser mulher.* Cf. *Auto da Compadecida*. 31ª ed. Teatro Moderno – Rio de Janeiro: Editora Agir, 1997, p. 170.

¹⁸⁰ No texto-fonte: “mas” (espanholismo?); a forma “mas” (= mais) existiu na língua portuguesa escrita (século XV).

¹⁸¹ No texto-fonte: “comboi”. Ou se trata de registro oral ou escrita de um mau conhecedor do português. Em francês: “convoi”.

para minha mãe e minhas manas!... coitadas!...", e uma lágrima rompeu nos torvos, cavados olhos. "Não tenha cuidado", disse Júlio, "haverá muito mais para vossa mãe... corra almoçar." Enquanto este devorava na venda próxima alguma cousa, Júlio incumbiu ao capitão do seu navio que repartisse uma boa quantia entre seus infelizes compatriotas, e, como José Frederico já estava de volta, gritou: "Vamos! vamos!" "Senhor", disse este, já todo respeitoso e subjugado pela vontade irresistível de Júlio, "olhai que é demasiadamente longe em caminho areento¹⁸² e sem sombra; não seria melhor evitar a areia e a calma?..." "Que areia! que calma!", replicou Júlio, "Vamos! vamos! Isto é negócio de vida e morte." O outro não replicou palavra, e foi adiante a mostrar o caminho. Eles atravessaram a cidade e entraram em uma comprida estrada de areia movediça¹⁸³ e abrasada por um sol devorador... mas Júlio nada sentia; nada via... "Vamos! vamos!", dizia ele de quando em quando ao guia, que a fraqueza retardava; estas eram as únicas palavras que pronunciava e, ainda que fosse natural indagar do irmão alguma cousa da família, não quis nem pôde articular uma só expressão sobre este particular; ele queria ver por seus olhos! Ultimamente, depois de deixar atrás muitas casas isoladas e paredões de chácaras, eles chegaram a um descampado e avistaram cinco ou seis choupanas,¹⁸⁴ ou sanzalas, grupadas de um e outro lado da estrada. Chegados que foram a ela, "Eis", disse José Frederico, apontando pela mais humilde, "a residência de minha família!... ide vós... não tenho ânimo de as ver... coitadinhas! e em parte por minha culpa!..." Ao dizer isto, ele se abafou em uma das choupanas,¹⁸⁵ e Júlio foi ter à casinha que se lhe indicara. A porta, que constava de uma simples esteira, neste instante estava aberta. Sobre um banco, algum tanto saído para fora, uma garrafa e um copinho indicavam que ali se vendia cachaça... Júlio bateu as mãos, e uma cafuza¹⁸⁶ já idosa, algum tanto¹⁸⁷ nutrida, de cara risonha, apareceu. "Faça-me o favor de um bocadinho d'aguardente", disse Júlio, atirando com um patacão em cima do banco. A mulher apresentou-lhe o copinho: "Não tenho troco para tão grosso dinheiro", observou ela. "Que importa! guardai todo."

53. A mulher, admirada, encarou a pessoa que pagava com tanta grandeza um cálix de cachaça; mas, vendo-o tão exausto e com a palidez da morte no rosto: "Maria! Jesus!",

¹⁸² No texto-fonte: "ariento".

¹⁸³ No texto-fonte: "movadiça".

¹⁸⁴ No texto-fonte: "chupanas".

¹⁸⁵ No texto-fonte: "chupanas".

¹⁸⁶ No texto-fonte: "cafuça".

¹⁸⁷ No texto-fonte: "tauto".

exclamou ela, “meu bom senhor está incomodado! sirva-se descansar um bocado nesta pobre choupana.”¹⁸⁸ Ele entrou com as pernas trêmulas, e se deixou cair em cima de uma cadeira de pau, única que havia. A casa era de pau-a-pique com reboque de barro, mas varrida e asseada.¹⁸⁹ Não se viam outros móveis, senão a tal cadeira, dois bancos, uma banquinha com um pequeno oratório, e, no fundo da salinha, um jirau¹⁹⁰ de varas, à moda de marquesa, sobre a qual uma mulher branca, de mediana idade, já entrevada, estava deitada em cima de uma esteira. No chão, ao pé do jirau,¹⁹¹ e sobre outra esteira, jazia uma menina de 10 ou 12 anos, envolta num cobertor e que parecia moribunda. No centro da casa havia uma almofada de fazer renda. A mulher do jirau,¹⁹² cuja fisionomia estava alterada pelo sofrimento e o cuidado, dava, de quando em quando, alguns ais e gemidos, e, dirigindo-se à cafuza, disse em tom d’agonia: “Tão tarde, e ainda não voltou!” “Já vem... já”, respondeu a boa da cafuza, que ficara na porta a vigiar. Com efeito, uma moça branca, com um pote d’água à cabeça e um embrulho de roupa molhada debaixo do braço, apareceu no solar da porta. Júlio, em um indizível estado d’ânsia, fitou os olhos nela e, apesar da¹⁹³ mudança que os anos,¹⁹⁴ a infelicidade e a doença tinham feito, reconheceu Olaia... Eram ainda os mesmos olhos azuis, com sobrancelhas e cabelos pretos, embora a fome e as sezões tinham,¹⁹⁵ à porfia, apagado as rosas da boca e das faces e emagrecido as feições! Talvez a expressão da fisionomia se tivesse tornado ainda mais tocante. Ela era esbelta demais, mas tão direita e engraçada como a cana do brejo, e seu andar e movimentos eram suaves como os balanços da angélica, ao assopro das virações.¹⁹⁶ Uma simples camisa de algodão e uma saia de chita cor-de-rosa compunham todo o traje, mas a maior limpeza e asseio o realçavam. O cordelzinho de cabelos e o coraçãozinho de coralina era o seu único enfeite. Ela entrou na cozinha, para depositar o pote que certamente fazia um¹⁹⁷ peso grande para as diminutas forças, e voltou a tomar bênção à

¹⁸⁸ No texto-fonte: “chopana”.

¹⁸⁹ No texto-fonte: “aceiada”.

¹⁹⁰ No texto-fonte: “huma girol”

¹⁹¹ No texto-fonte: “do girol”.

¹⁹² No texto-fonte: “do girol”.

¹⁹³ No texto-fonte: “a peza rda”.

¹⁹⁴ No texto-fonte: “nanos” (em vez de “annos”).

¹⁹⁵ Observe-se o emprego do imperfeito do indicativo com valor de imperfeito do subjuntivo – “tivessem”.

¹⁹⁶ No texto-fonte: “virações”.

¹⁹⁷ No texto-fonte: “bum” (em vez de “hum”).

mãe, que, com tom assaz áspero, lhe disse: “Quanto tardastes!...”¹⁹⁸ “Ah! mãe,” respondeu ela, “a fonte está tão longe, e tão escassa!”¹⁹⁹ E, apresentando-lhe uma cuiazinha com siris e camarões: “Eu procurei isto para fazer um quitutezinho, a ver se tira o fastio de minha mãe.” Esta não respondeu, mas demorou sobre a filha piedosa um olhar no qual a ternura, a ansiedade maternal, a antiga severidade e o remorso se podiam divisar a um tempo. Olaia dirigiu-se logo à criança doente: “Chiquinha, minha vida, como te sentes?”²⁰⁰ Toma este cajuzinho, para refrescar a boca”, e, sem mais demora, ela, saudando o estrangeiro sem levantar os olhos, pegou da almofada e assentou a fazer renda. “Olaia, meu bem,” disse a boa cafuza,²⁰¹ “tu te queres matar?”²⁰² Chegas tão cansada; não comestes²⁰³ nada hoje, e pegas na renda. Vá tomar um caldinho de minha pobre panela.” “Jesus!”, respondeu Olaia, “é bem preciso trabalhar: já lhe devo mais de quatro meses de casa, e a renda vende-se tão mal e tão barata! alas!”²⁰⁴ há por aqui tanta pobreza a viver disto!...” “Nunca falas no que deves, criança,” respondeu a mulher, “estamos nesta vida para nos socorrer uns aos outros; enquanto eu tiver um bocado, havemos de parti-lo. Vá tomar um caldo e dar outro à tua mãe.” Júlio, imóvel e silencioso, olhava e escutava, qual o réu que escruta²⁰⁵ as disposições dos juízes; cada prova da miséria em que uma família, outrora tão opulenta, estava abismada traspassava-lhe a alma; mas de cada prova destas surgia um testemunho da bondade, da piedade filial, da resignação d’Olaia. Aliás, uma dúvida, e a mais terrível, ficava a resolver, e o jovem fez-se violência para esperar alguns instantes mais.

54. Olaia tinha por fim cedido às instâncias da boa mulher, e esta, virando-se para Júlio: “Meu bom senhor, isto é um anjo!”²⁰⁶ Coitadinha! Ela nasceu para grandezas; e hoje não tem uma escrava para a servir; e, de mais a mais, tem a seu cargo a mãe e a mana doentes! Ela faz todo o serviço de casa e, de dia e de noite, trabalha na almofada; e assim mesmo está achacada de sezões! Entretanto, jamais se lhe ouve uma queixa! É dócil como um cordeirinho; até acha meio de fazer benefícios às nossas vizinhas ainda mais pobres do que nós! E tão

¹⁹⁸ Ver nota 83.

¹⁹⁹ No texto-fonte: ponto de interrogação no lugar do ponto de exclamação.

²⁰⁰ No texto-fonte: ponto final no lugar do ponto de interrogação.

²⁰¹ No texto-fonte: “Cafazuça”. Aumentativo?

²⁰² Ponto de interrogação acrescentado nesta edição no lugar de ponto final.

²⁰³ Ver nota 83.

²⁰⁴ Possivelmente trata-se da interjeição “hélas!”, em francês, que quer dizer “ai de mim!”, “pobre de mim!”

²⁰⁵ “escruta”: o verbo “escutar” tem o sentido (antigo) de “procurar entender o que é oculto ou está encoberto”.

²⁰⁶ No texto-fonte: “ango”.

galante²⁰⁷ que é: ah se ela quisesse, não estaria nesta pobreza, ela teria achado um bom arranjo; mas é donzela; e tão esquivada e honradinha!”

55. Cada expressão da boa mulher ia retumbar no coração de Júlio; parecia-lhe que uma mão de ferro lhe apertava a garganta; ele já queria falar e não podia; por fim, ao ouvir a última revelação, o choque de satisfação que findava tantas²⁰⁸ emoções e ânsias foi acima das suas forças; ele perdeu a vista dos olhos em um vago, e, a não ser o costado da cadeira, cairia no chão. “Maria! Jesus! que tendes, meu rico senhor da minha alma! Santo nome de Jesus!... as mãos estão frias! quer alguma coisa?” Júlio, voltado em si,²⁰⁹ com voz esmorecida, respondeu: “Um copo daquela água que aquela moça trouxe.” Olaia, que chegava às exclamações da velha, ouviu a resposta de Júlio. Ela trouxe um coco cheio dessa água e, oferecendo-a com pressa, mas não sem pejo, disse: “O senhor deve perdoar, não temos copo.” Júlio bebeu algumas bochechas d’água e, fitando os olhos sobre a linda cara toda animada por um sentimento de compaixão e da simpatia que qualquer²¹⁰ ente que sofria excitava nela, já se não pôde conter. A paixão transbordou: “Olaia!”, gritou ele, “minha Olaia!... sou eu... sou teu Júlio... teu esposo... não me conheces...”, e, puxando do seio a periquita... “eis a nossa periquita... Olaia...” A pobre donzela, fora de si²¹¹ com o assombro, não se pôde ter em pé e, toda trêmula e convulsa, foi cair em cima da cama da mãe... Mas quem poderia expressar os sentimentos de semelhante situação?²¹² O coração²¹³ humano não tem forças para os aturar, e haveria de quebrar, se a suspensão momentânea das faculdades o não subtraísse aos seus mais agudos golpes.

56. Fica quase²¹⁴ excusado dizer que a melhor casa da cidade recebeu a família já ditosa e que os quatro meses do aluguel da pobre senzala foram pagos a maior preço do que aquele que dez anos da dita casa importariam.

57. Entretanto, Júlio tinha ainda que passar por um terrível lance, antes de se achar ao auge da felicidade, casando com sua Olaia. A antiga cena do sertão tinha feito sobre Olaia

²⁰⁷ No texto-fonte: “galente”.

²⁰⁸ No texto-fonte: “tautas”.

²⁰⁹ No texto-fonte: “voltado em sim”.

²¹⁰ No texto-fonte: “qualque”.

²¹¹ No texto-fonte: “fora de sim”.

²¹² No texto-fonte: ponto final.

²¹³ No texto-fonte: “caração”.

²¹⁴ No texto: “qnasi”.

uma impressão inexplicável; certamente, ela tinha menos razões para criar amor ao menino de aspecto hediondo que socorrera do que este tivera de se lembrar dela com apaixonada gratidão; e, entretanto, a entrevista tinha decidido da sorte de ambos eles; um choque de simpatia os tinha ferido há um tempo, e, neste instante incomensurável, suas almas se tinham consagrado uma a outra para a eternidade. Olaia, como benfeitora, conservava lembranças menos vivas, e decerto não dava fé do fermento depositado no escondrijo²¹⁵ de sua alma; assim mesmo, o apego que tinha à prenda que a pobre criança lhe deixara e que ela jamais largou mostrava o quanto aquela cena influíra nela, e, quando a idade do himeneu²¹⁶ chegou, seu coração ficou mudo; os jovens que lhe rendiam homenagens tornavam-se-lhe²¹⁷ odiosos, e ela enjeitou quantos partidos se ofereceram. Aliás, àquela época, a desventura principiou a castigar sua família: o pai e os irmãos mais moços morreram. O mais velho, com paixões indomáveis e sem o freio da educação e do respeito, tiranizou a mãe e irmãs, e dilapidou os bens; a fazenda foi penhorada; os escravos foram vendidos: a seca deu o último golpe. Os gados morreram: os habitantes do sertão foram obrigados a fugir para a cidade. A venda das jóias e trastes susteve alguns meses a mãe e ambas as filhas, até que, tendo apurado todo o recurso, elas teriam morrido à fome e ao desamparo, se a boa dona da senzala, que os recolheu, não as tivesse ajudado:²¹⁸ os sofrimentos físicos e morais tinham debilitado a complexão²¹⁹ delicada d'Olaia; e a explosão da faísca escondida no seu peito – à vista do seu Júlio, que, semelhante na figura e nos benefícios a um mensageiro celeste, lhe trazia todas as bênçãos²²⁰ do amor, da honra e da salvação da família – não achou o corpo com forças para resistir a um tal abalo: uma febre ardente a assaltou; ela esteve muitos dias entre a vida e a morte.

58. Enfim, um milagre da arte, da natureza ou do amor a salvou; e o consórcio dos dois amantes do sertão foi celebrado com toda a pompa e satisfação que a triste situação do país admitia. Ambos os esposos, comboiando uma imensa coleção²²¹ de toda a bicharia, foram pagar uma visita ao bom doutor, que²²² os regou com as suas lágrimas e os abençoou. Mas o

²¹⁵ Provável espanholismo ou pronúncia lusitana; a forma “escondrijo” existiu na língua escrita (séc. XVI).

²¹⁶ No texto-fonte: “himyneo”.

²¹⁷ No texto-fonte: “tormavão-se-lhe”.

²¹⁸ Entenda-se: “que os recolheu [a todos], não as tivesse ajudado [a elas]” (concordância ideológica).

²¹⁹ No texto-fonte: “compleixão” – o mesmo que “compleição”.

²²⁰ No texto-fonte: “benções”.

²²¹ No texto: “colleição” – com vocalização do “c” de “collecção”.

²²² No texto-fonte: “qne”.

clima não convinha a nenhum deles. De volta à sua pátria, Júlio realizou seus fundos²²³ e se dedicou à agricultura.

59. Antes de deixar o Ceará, ele segurara a sorte da sogra e da cunhada, que sarou, determinando-lhes uma pensão anual muito suficiente.²²⁴

60. José Frederico de..., tendo melhorado à escola dos revezes, e animado com os conselhos e socorros do cunhado, que lhe avançou trinta mil cruzados, aplicou à restauração da sua fortuna a energia do seu caráter e viveza do seu espírito. Ele hoje é um dos homens mais abastados e mais estimados da sua comarca.

61. O pai Domingos, esse bom preto que dera a mão de milho a Júlio, tinha sido vendido com os mais escravos e sofria um duro cativo longe da sua parceira. Ambos foram comprados e premiados com a liberdade, sem por isso, depois de casados, largar os serviços dos dois esposos: foi Domingos que me recebeu na varanda quando o acaso me trouxe ao engenho de Júlio, como contei no prólogo.

62. A cara periquita não ficou esquecida. Os dois consortes lhe pagavam uma espécie de culto. Eu os vi com intimidade, e sua ventura pareceu-me ter subido àquele cume que não é dado à fraca humanidade ultrapassar.

63. Teria-me²²⁵ sido demasiadamente sensível que a amizade de um par tão perfeito não continuasse além do tempo da visita, que entendi ser de algumas horas e durou oito dias. Eu escrevi a Júlio; e ligamos uma correspondência assaz ativa – se o público acolher benignamente o *Beija-Flor*, eu tenciono inserir algumas suas cartas, que julgo merecedoras desta publicidade.²²⁶

²²³ “realizou seus fundos”: expressão ambígua – realizou suas aspirações, que vêm do íntimo do ser? ou empregou seus fundos (seu dinheiro)?.

²²⁴ “muito suficiente”: construção curiosa, aparentemente contraditória.

²²⁵ “Teria-me”: talvez se possa tomar essa construção como indício da tendência, hoje dominante, de evitar a mesóclise.

²²⁶ Infelizmente não nos foi possível investigar, na coleção completa do *Beija-Flor*, se há alguma dessas cartas nesse periódico que tem ligação com a novela.

Conclusão

A análise dos elementos que compõem o romance *Olaia e Júlio* sinaliza duas questões: por um lado, problemas na organização do texto, que dificultam a aceitação do realismo de certas partes, e, por outro, o esforço de produzir uma obra literária que representasse em algum grau a particularidade da realidade nacional. Ao equacionar fatores positivos e negativos na economia geral do romance, percebe-se que a obra inaugura, no ambiente brasileiro, um novo gênero literário – o romance de folhetim –, e que ela antecipa o trabalho posterior dos romancistas românticos de transpor para o plano literário a realidade local.

A atribuição do qualificativo *nacional* ao romance é a primeira e mais clara evidência da intenção do artista, que o coloca, desde o início, na linha da constituição da identidade de nossas letras. Ademais, é também na caracterização de personagens, como Júlio, Olaia, o preto Domingos, e de outras figuras que compõem o romance, que se estabelece uma relação mais *estreita* e, por que não dizer *direta*, com os indivíduos da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX. Através dos dramas, das desventuras e conquistas desses personagens, o romance confere-lhes o estatuto *humano*, aquele a que Antonio Candido se referiu ao defender a função humanizadora da literatura, em artigo citado no início desta dissertação. (Cf. Antonio Candido, 2002: 77).

Da mesma forma, as imagens, em *Olaia e Júlio*, contribuem para a caracterização do espaço físico e revelam a sensibilidade do narrador para perceber que a condição severa do clima sertanejo, assim como outras “demandas” humanas, incide sobre a sorte de seus personagens, acometidos pelo sofrimento, pobreza e miséria, possivelmente, até com um certo caráter de resignação – aspecto comum aos romances regionalistas que viriam posteriormente, que se explica pelo condicionamento climático naturalmente “imutável” da região em que se passa o romance. A consciência de que a estrutura social perversa é fator tão ou mais importante – do que a aspereza do clima – para os dramas humanos da região ainda ficaria para cerca de cem anos depois.

Todos os elementos que compõem a estrutura romanesca devem colaborar, na convergência do verossímil, para a organização interna da obra. Viu-se, no estudo realizado, que *Olaia e Júlio* dispõe dessa organização, inovadora para os padrões literários de uma época em que o romance brasileiro ensaiava seus primeiros passos. A novela antecipa até mesmo o modelo do folhetim europeu que, na literatura francesa, por exemplo, se efetivaria nos anos 30 do século XIX. Tanto sob o ponto de vista da historiografia quanto da crítica literária, ou ainda da teoria, esse romance de folhetim se apresenta como obra de grande importância: o passo inicial numa direção que seria fundamental nos anos que sucederam a sua publicação – confere à literatura brasileira um caráter que a orienta no rumo da construção de nossa identidade. Já no título da novela estava anunciado: *novela nacional*.

Referências bibliográficas

- AUTOS DA DEVASSA: prisão dos letrados do Rio de Janeiro, 1794/ [Fábio Lucas... et al.] . – 2. ed. – Rio de Janeiro: EduERJ, 2002.
- AMARAL, Sérgio Alcides Pereira do. In: *Iluminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- BOECHAT, Maria Cecília. *Paraísos artificiais: o romantismo de José de Alencar e sua recepção crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Pós-Lit. – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários – FALE/UFMG, 2003.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 42ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1966. 8v.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo; Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000a.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000b.
- CASTRO, Márcio França. *Ficções de segunda mão: notas sobre o manuscrito*. In: Revista do Centro de Estudos Portugueses. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.28 – n.39, 2008.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- COSTA, Carlos Roberto da. *A revista no Brasil, o século XIX*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação; Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação; Linha de pesquisa: Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. DELAUNAY, Else. *Histoire de la presse française: les grandes étapes*. Bibliothèque Nationale Française. BPI, 13 janvier 2009 (www.archives-sonores.bpi.fr).
- DYNNIKOV, Circe Mary Silva da Silva. *A variação dos triângulos periféricos de Manoel Araújo Guimarães: primeiro impresso de Matemática, no Brasil, após a liberação da imprensa em 1810*. In Revista da SBHC n° 15, p. 53-66, 1996.
- FIELDING, Henry. *Tom Jones*. Tradução: Jorge Pádua Conceição. São Paulo: Nova cultural, 2003.

- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 8 ed. Lisboa: Bertrand, s.d. 2v.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego*. São Paulo: Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- GAMA, Basílio da. O Uruguai. In: *Basílio da Gama*. Por Mário Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- GAUTIER, Théophile. Article paru dans *La Presse* du 16 juin 1845 et réédité dans *Portraits contemporains*.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Tradução: Álvaro Calerol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- GRANDE enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Universo, 1988. 8v.
- HOBBSAWM, Eric J. *A revolução francesa*. Tradução Maria Teresa Lopes Teixeira e Marcos Ponchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 7-9. Coleção Leitura [excerto de *A era das revoluções*].
- HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1967.
- HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Paris: Hachette, 2002. Livre premier – Chapitre I: *La grande salle*, p. 19.
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. Tradução do prefácio de *Cromwell*. Tradução e notas de Célia Berrettini. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 33.
- JOÃO PACHECO in: PAULO PAES, José & MASSAUD MOISÉS (Org.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- KURY, Lorelay. (Org.) *Iluminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- LABÉDOLLIÈRE, Émile. *Le nouveau Paris*. Paris: Sacelp, 1986.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Antologia do Correio Braziliense*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1977.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 1ª ed. 2000; 3ª reimpressão 2007, p. 25.
- MACHADO DE ASSIS. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Garnier, 1922. Capítulo I, p. 2 e 10.
- MACHADO DE ASSIS. *Helena*. São Paulo: L&PM Editores, 1999. Capítulo III, p. 35.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a “língua brasileira”*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

- MÉLONIO, Françoise, MARCHAL, Bertrand, NOIRAY, Jacques. Une ère nouvelle: La littérature entre l'État et le marché. In: TADIÉ, Jean-Yves. (Dir.) *La littérature française: dynamique & histoire*. Paris: Gallimard, 2007. v.II, p. 301-371.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MEYER, Marlyse. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- MIRANDA, José Américo. *Parnaso brasileiro, ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas: prefácios e índices*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999.
- NETTEMENT, Alfred de. *Histoire de la littérature française: sous le gouvernement de juillet*. Tome second. Paris: Jacques Lecoffre et Cie. Libraires-éditeurs, 1854.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 6 ed. Lisboa: Clássica, 1960.
- PEDREIRA, Jorge & COSTA, Fernando Dores. *D. João VI: um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve: notas sobre crítica e literatura*. Tradução Haroldo Ramanzini-Merilene Felinto. São Paulo: Iluminuras, 1988.
- ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ROUGEMENT, Denis de. *Préface de Tristan et Iseut*. Notes et gloses d'André Mary. Paris: Gallimard, 1973, p. 14-15.
- SALLES, Fritz Teixeira de. *Literatura e consciência nacional*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1973.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1922. 2v. [Edição fac-similar da segunda edição, de 1813.]
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. 31 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- TASSIS, Nicoli Glória de. Imprensa Brasileira: a intertextualidade entre o jornalismo e a literatura. In *Revista Estud. Comum.*, Curitiba, v.8, n°16, p. 143-154, maio/agosto 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. Os homens-narrativa. In: *Poética da prosa*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Anexo

Fac símile da edição príncipe da novela
Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional

d'este genero emporta em 10 lib. st. O Barco gas-
tará 11 tonneladas por dia.

LITTERATURA.

OLAYA, E JULIO,

ou

A PERIQUITA.

NOVELLA NACIONAL.

Prologo.

Quando eu visitava as Provincias do norte do Brasil, aconteceu que huma meçonha trovoadá já armada, me obrigou á correr com os olhos ao campinhas vizinhas á estrada, para buscar azilo. O Districto era dos mais pingues do Brasil, e varios engenhos ou fazenda estavão a vista: escolhi, como era de razão, o edificio de melhor aspecto, e huma carreira em huma avenida tirada á cordel, que não desmereceria-se a comparassem com as melhores da Europa; seja pela perfeição do nivelamento, seja pelo arnado das nogueiras da India; novamente prantadas, e igoaes no sizo, e viçozo me

levou até o patamal da casa do dono, de nova construção, e tão elegante no desenho, e symetria das porporções, que se avantajava á muitos chamados palacios, no mesmissimo instante em que as primeiras pingas começavão a cahir. Hum preto de maduro, e agravel semblante, bem vestido, e calçado, appareceo immediatamente, e chamando hum lacayo para que tomasse conta da cavalgada, pediu polidamente que me sentasse na varanda, até que fosse dar parte ao dono da casa da chegada de hum hospede. Não tardou que o dono me viesse receber. Era hum Jovem de menos de 26 annos, de grande ar, bella presença, e physionomia tão expressiva, e aberta, que desde o primeiro momento chamava a confiança, e sympathy. Depois de me offerecer a casa, e de mandar vir refrescos, com a costumada hospitalidade patri-
cia, travámos a conversação que virou naturalmente sobre os interesses politicos do paiz. Meu hospede se expressava com grande facilidade, e eloquente singeleza: a conformidade das nossas opiniões sobre a politica, estreitou em bem pouco tempo o conhecimento de tão fresca data; quando nos vierão chamar para jantar, já eramos intimos. Achámos na salla, digna da casa, e da lauta, e delicada meza que nos esperava, huma jovem senhora que o dono me appresentou como sua mulher. Devo confessar que fiquei mudo com a admiração; jámais vi hum par tão bem sortido. A lindeza, e mimosidade das feições da Jovem senhora

erão, realzadas por huma expressão de modestia que nada tirava á suavidade, e como dizem os Italianos, *morbidezza* dos gestos, prenda privativa das Brasileiras; hum caracteristico, assáz raro nos países quentes, augmentava o valor d'huma physionomia que respirava a candura, e benevolencia. Seus olhos do azul mais fechado, obombravão-se por longas palpebras pretas, sendo as sobancelhas, e cabello da mesma cor em abono da brancura transparente da pelle, que a mais fina lady houveria de invejar, se as faces fossem algum tanto mais coradas. Eu achei que esta mesma palidez a tornava mais interessante: e não supponhão que a riqueza dos ornatos ajudassem para a illusão, pois que o traje era demasadamente simples, e constava unicamente de hum vestido cor de rosa esmorecida, com huma cinta azul claro: por unica joya ella trazia ao pescoço hum cordelzinho de cabellos, com hum coraçãozinho de corallina. Eu noto estas circumstancias porque soube ao depois que não erão devidas ao accaso.

Durante o jantar as atenções e desvelos dos dois esposos se dirigião ao hospede; elles se tratavão hum á outro com grande respeito, e reserva; mas hum observador menos experto do que eu, não poderia deixar de notar o profundo sentimento que os unia. Qualquer movimento, olhada, palavra o patenteava. Particularmente a senhora, quando pensava que a não observavão, deixava de comer para contemplar o marido: a voz deste quando se dirigia á mulher, respirava huma ineffavel ternura. Em fim

o meu appetite de viajante nos sertões, desafiado por iguarias em que hum cozinheiro francez tinha apurado o talento, cedia á admiração, e eu de vez em quando esquecia o meu prato para o espectáculo de huma união tão perfeita.

Com a sobremeza, huma ama de leite, robusta, sadia, e risonha appareceo levando ao collo huma criança de quazi dois annos, tão mimosa, e galante como o devia ser o fruto de hum tal consorcio. A criança com as gracinhas da terna idade encantava o pai, e a mai, e passava á cada instante dos braços de hum, para os d'outro. Eu tambem lhe fiz os meus affagos, e esta circumstancia não me mereceo pouco com ambos os esposos.

Quando deixámos a meza a trovoadá tinha sido rendida por huma chuva desmedida. Sendo pois impossivel sair fóra á visitar o Engenho, meus hospedes me mostrarão a Casa, á cuja construcção, ornato, e commodidade, o bom gosto, a opulencia, e o asseio, de mãos dadas, tinham cooperado.

Chegados ao sallão das visitas, cuja mobilia era de grande magnificencia, observei no centro huma meza requissima de mosaica, sobre a qual via-se debaixo de vidro hum vaso cheio de grande quantidade de flores de pennas da Bahia, no tope das quaes huma periquita destas de cabeça vermelha, muito bem enchida, pousava com a cabecinha no ar, o biquinho meio aberto, e as azas algum tanto alastadas do corpo, como se ensayasse o voo; os olhinhos erão de brilhantes; mas outra singularidade

chamou logo a minha attenção. O vaso longe de ser de porcelana, como os mais que, com grande profusão, ornava a sala, era de simples barro acimentado, e não se diferenciava no feitio, e qualidade de qualquer outro pote de buscar agoa, sendo o tamanho proprio para as forças d'hum moleque de dez para 12 annos. — Aqui, disse eu, dirigindo-me ao dono da casa, a anomalia não vai sem mysterio, e a humildade do vaso, em pedestal tão precioso, encerra sua enigma. — « Ah! exclamou o hospede, todos os diamantes do Tejuco não me pagariam este pote de barro. Nelle nossas reliquias hão de dormir juntas..... e virando-se para a mulher: Este anjo que vedes carregou agoa á cabeça neste mesmo pote.... » Ella corou, e deitou para o marido hum olhar demorado ao qual o pejo, e a ternura davão hum attractivo irresistivel. O Jovem ficou algum tempo absorto na contemplação da encantadora consorte, até que se dirigio outra vez á mim — Seria, disse elle, falta de generosidade, e de criação, o querer dispendiar a curiosidade d'hum hospede, sem dar-lhe satisfação — hoje mesmo estareis ao facto da nossa historia; minha Olaya, continuou elle, não cores outra vez; a narração da boa acção á qual devemos nossa felicidade, he digna de ser publicada, e de servir de prova que algumas vezes a virtude recebe na terra o seu premio.

Com effeito, ás horas de se deitar, o meu hospede me confiou hum manuscrito assáz volumoso, que devorei durante a noite, e do qual, com lir

ença do dono, eu tirei huma copia. Não o posso dar por inteiro ao publico, sendo comprido em demasia; mas julgo que o resumo que delle fiz será digno da attenção dos meus leitores.

OLAYA, E JULIO.

Vamos laçar o Sapo, gritava hum menino de 12 para 13 annos, montado n'hum cendeirinho muito esperto. — Vamos laçar o Sapo, ecoavão outros dois meninos mais moços, á pé, e meia duzia de mulheques de todos os tamanhos, em quanto sete, ou oito rafeiros magros accômpanhavão esta nova especie de caça, com horrenda ladraria.

A miseravel criatura, assim acommetida, não era bicho, mas sim huma criança; verdadeiramente ella dava alguns ares de Sapo. A barriga muito inchada, a cabeça quasi pegada aos hombros, e igualmente entumecida, as pernas, e braços nimamente descarnados, e terminados por delgadissimos dedos, fazião lembrar a grosseira construcção do tal bicho, ajudando a cor livida, e os olhos escanchados com o medo, para a semelhança.

Isto se passava no largo d'huma grande, e opulenta Fazenda, nos sertões do Ceará. O menino caçado, hydropico, e obsiruido, assim mesmo tinha, no seu terror, achado forças para fugir até se encostar á parede da casa; mas lá cabira no chão arquejando; o estado da fortuna não se avantajava

muito ao da saúde: huma camiza d'algodão de tecido sertanejo, e ciroulas do mesmo panno completavão o seu traje, assaz sujo. Entretanto todos os inimigos, rapazes, e cães, o cercavão com grande alarido, e já o chefe do bando endiabrado dava ordens á hum pardinho de lhe ir buscar o seu laço.

Este chefe, montado no cendeirinho, era menino bem parecido, mas sua physionomia, denotava soberba, e atrevimento. Elle estava completamente vestido de preto, como em dia de função, com sua casaquinha, collete, calças, botins, e pesadas esporas de prata; não lhe faltavão a tira de renda patricia, e a gravata de cambraia. Os outros dois meninos, irmãos daquelle, ainda estavão de timão, e os muleques, nus em couro, de cor negra, ou acafuzada, como a natureza lhos pintára, a excepção que os mais velhos trazião ciroulas ou langotins.

Neste comenos huma menina de onze para doze annos sahio pela porta da cozinha, pois que a scena tinha lugar nos fundos da casa, cuja entrada principal se achava no lado opposto. — « Maninho, gritou ella ao pequeno cavalleiro, Papai já está em sella, e procura vosse para marchar, que já he tarde. E vós, continuou ella, fallando aos meninos mais moços, ide vos vestir, a Mai os chama ha huma hora; o carro já está a Porta para nos levar todos ao casamento da prima. — Vai bugiar, tola... foi a primeira resposta que deu o Irmão: assim mesmo elle parou, e fallando á sua tropa em tom de

general absoluto: — « pois bem. Não ha tempo de acabar hoje. A manhã o hei de de laçar. Maninhos vão se vestir. Muleques retirai os cães, e ninguem lhe toque senão quer ter negocio commigo: Vamos. — E elle á todo galope disparou para dar a volta á casa; os irmanzinhos entrarão pela porta da cozinha; e o bando de muleques, e cães correo apoz o cendeiro, n'hum nuvem de poeira, com bramidos, e latidos.

— Quem he vosse, disse então em meiga voz á pobre victima, a tal menina. Mas o menino, quasi desfalecido com medo, e cansaço, mal pôde responder com ais, e gemidos. — « Coitadinho, proseguio ella, em que estado está! fique sem susto. Vosse ha de ter sede. Quer beber algum leite. — O menino respondeo com a cabeça que sim; e a pequena, correndo para a cozinha, voltou bem depressa, segurando, com ambas as mãos hum grande cuia, toda cheia de leite, com farinha, e rapadura. O pequeno pareceo resuscitar á vista do leite, e atirando-se á elle, bebeo, e comeo juntamente a bemfazeja mistura. A menina o considerava com ar de satisfação, e interesse. Tendo acabado o leite até a ultima pinga, o pequeno já voltado em si, levantou os olhos para encarar a bemfeitora que o salvára das mãos dos crueis perseguidores, e o restaurava com a deliciosa beberagem. Mas hum superestição bem propria de quem tinha sido educado por hum maí beata, e hum Padre santarão, fez-lhe intaginar que hum soccorro, vindo tanto á

tempo, e o ente amavel que o levára, tinham alguma cousa de sobre-natural, e pondo-se de joelhos, exclamou: — « O meu anjinho bom, tende piedade de mim! » Verdadeiramente os anjos não se pintão mais bonitos, e de physionomia mais affagavel do que o era a tal menina, com a sua carinha redonda, sua boquinha risonha, seus olhos azues com sobranceiras pretas, e cabellos da mesma cor que cahião nos hombros; o vestidinho era cor de rosa, com cinta azul; esta circumstancia não ajudou pouco para a illuzão do menino, pois que na casa da mai havia hum quadrinho que representava hum anjo neste traje, e a criança de manhaã, e de noute tinha sido ensinada a rezar de joelhos perante aquella imagem.

A pequena sorrindo-se, e suspirando ao mesmo tempo, lhe disse: — « Alas, eu não sou anjinho, sim huma desgraçada menina, pois que minha mai não gosta de mim! — Ah respondeo elle, vós ainda tendes pai, mai, irmãos, e huma bella Fazenda com muito gado, e muito leite. Eu já perdi tudo: sou hum pobre menino orphão abandonado, que não conhece ninguem; que ninguem ama; que morre de fome, e de doença. Elle então principiou a lhe contar que se chamava Julio da que seus pais habitávão a Villa de arredada mais de trinta legoas nos sertões, aonde erão assás abastados, com seus escravos, e boa porção de gado. Mas as seccas, a morte dos escravos, e as demandas pouco a pouco os tinham feito desinhar, até que o pai morrera

de magoa, e a viuva ficou com o filhinho em hum estado bem perto da miseria. O Vigario do lugar, homem anciao, e de conducta evangelica, tinha a socorrido até a época em que as sandales do marido a levárão á sepultura, passando então o menino para a casa do bom Padre, que lhe consagrou todo o amor de Pai. Mas as repetidas seccas tendo feito desertar a villa, e o velho Padre tendo ficado cego, elle no fim da vida não teve para viver junto com o pupillo senão as esmolos d'algumas familias de cabanos, e pretos libertos, que não tinham ainda desamparado o lugar; mas o Padre não durou muito, e os ausentes passárão mão dos pobres trastes do defunto, feicharão a casa á chave, e puzerão na rua o menino, atacado de sezões, e já com principios d'hydropisia. Este tinha ido á busca de Deos, através os sertões queimados, sustentando-se com aquillo que lhe davão por caridade nas choupanas que topava, e com cóquinhos de lycoriseiras, frutinhas de pomba, alguns cajús, e outras cousinhas que encontrava; porem cada vez mais as doenças peioravão, de forma que chegou á fazenda onde achou os pequenos cazadores, em gráo d'inchacão quasi desesperado. — Ah! coitadinho! coitadinho! exclamou a menina torcendo as mãozinhas: e o maninho a olhar por cima o ia laçar! ah se eu não chego Você morria de certo. — O suor accrescentou ella, com tom triste, he que aqui não está seguro; a manhã ou depois, havemos de voltar, e o mano o ha de

facar, porque elle faz tudo o que quer, e he muito mau! Por força Você ha de se ir embora! mas assim! sem nada para comer, e tão doente! E eu que não tenho nada para lhe dar. O mano tem muito dinheiro, e muita cousa bonita.... mas eu.... entretanto espere hum pouco.... E ella foi correndo para a cozinha, e voltando no fim d'alguns minutos com hum periquita, d'essas de cabeça vermelha, no hombro, hum pataca na mão, e hum saquinho de chita dependurado no brasso. — «Aqui tem, disse ella, neste sacco, farinha, e rapadura: depois de come-lo esta pataca servirá para comprar mais alimento durante muito tempo; e por fim poderá vender esta periquita tão bonita.» As emoções das crianças são mui fortes, mas instantaneas; ellas sem transição passam dos choros ás gargalhadas, do ultimo desespero, á maior satisfação. Isto he o que aconteceu ao menino ao ver tantos presentes dados por hum menina tão caritativa, como bonita. Mas hum sentimento de boa criação, o fez recuzar o dinheiro, e a ave. A menina insistio: «Esta pataca, disse ella, não me faz falta: papai ma deu para comprar doce, e fitas, e não de me dar tanto de... na boda! a respeito da Periquita a noiva ma mandou ha dois dias, e ainda não me criou muito amor: tome sem pejo, coitado, ella o fará lembrar de mim.» — Ah! gritou o pequeno entusiasmado, não preciso isto para jamais vos esquecer. Eu me lembrarei de vós como do meu bom anjo, que me salvou,

o me enleio de beneficios; eu juro que jamais largarei esta periquita em quanto for vivo: mas vos haveis de esquecer brevemente o miseravel orphão que lhe deve este restinho de vida..... e que vai expirar n'hum cantinho, abençoando a sua protectora..... ao menos se tivesse alguma preudinha que lhe deixar! ah! disse elle, desamarrando hum cordelzinho de cabello com hum coraçozinho da corallina que levava ao pescoco, eis tudo quando me fica de minha mai; este cordel he do seu cabello; digne-se aceitar-o. Eu logo morrerei; este cordel vos fará lembrar que a existencia d'hum desgraçado foi prolongada por vossa angelica bondade; vós haveis de viver muito tempo, e muito feliz; poisque minha mai me ensinou que quem fazia boas accões jamais havia de ser desgraçado!»

A doença tinha desfigurado o menino, mas antes que as feições inchassem, elle tinha sido muito galante. Neste momento a força dos sentimentos de gratidão, e admiração tornayão á dar aos olhos a antiga expressão de candura, e vivacidade; á bocca o sorriso engraçado, e á voz o som agradável, e penetrante dos seus dias de saude. A menina sentio outra emoção do que a simples compaixão que hum menino pobre lhe poderia inspirar! hama alma nobre, e generosa dava-se á conhecer á outra dignidade a encontrar, e hum instincto inexplicavel de sympathia, e de ternura lhe mostrava na criança tão miseravel, e maltratada da doença, hum ente que

merecia ser correspondido com toda a delicadeza de procederes, e attentões. — Pois bem, disse ella enternecida, e com lagrimas nos olhos, eu aceito esta prenda, e jamais a largarei. Ella me lembrará que os bens da fortuna são incertos, e que Deos, como o disse outro dia o Padre que orou, nunca abandona os infelizes, e lhes manda soccorros imprevistos; não me posso demorar mais, acrescentou ella, já tudo está pronto, e se fazia esperar minha mãe, tinhamos função; vá, que o menino Jesus, e sua Santissima Mãe nossa Senhora das sete dores o empararão: aqui está seu caminho; nós vamos em rumo opposto; creio bem que ficaremos estes dois dias, e você pode neste tempo ir tão longe, que menino o não saberá achar; adeos Julio!... adeos! E ella se foi correndo, e o menino ficou immovel, e sem falla no mesmo lugar, acompanhando-a com os olhos, e quando a vio desaparecer, sentio huma nuvem negra esconder-lhe a vista, e huma oppressão no coração, como se a vida o desemparrava. Elle ficou n'este estado até que o chiar do carro o fez tornar em si!!

Elle então entrou com passos vacillantes no caminho que a menina lhe mostrara. O terreno ia subindo por hum declive pouco sensivel, e tendo caminhado por hum espaço de tempo, elle já por cima dos tectos pôde divisar o carro, que ascendia o outeiro opposto, pois que a igreja era edificada num fundo regado por huma riban-

ceira que, se bem que muito reduzida, ainda lutava contra os ardores da secca. Oito juntas puxavão a pesada maquina abrigada contra o sol por coturos, e toda ornada de ramos verdes, e folhagens. Esta vista calivou a attenção do pequeno que acompanhou o carro com os olhos, saudando-o com a mão até que o vio desaparecer no outro vertente do outeiro. Adeos, exclamou elle todo choroso! adeos anjo de paz e caridade!... e virando a cabeça para a periquita, que tinha tomado posse do seu hombro: — pobrezinha, mudastes huma amação bonita, e tão rica, por hum companheiro tão miseravel como eu!... mas esteja quieta: em quanto eu viver não te ha de faltar caju, cuparosa, mangaba, ou outro qualquer manjar do teu gosto... Eu de noite e de dia hei de te mimar, e te afagar... e não sentirás saudades da tua senhora, porque hei de te fallar sempre della... e eu que não sei do seu nome!... diga-me minha rica periquita, como se chama tua amazinha!... Olaya! Olaya! pronunciou a periquita, que talvez fôra ensinada pela prima que queria dar mais valor ao seu presente. O prazer que transportou o coração de Julio não so pôde expressar! — Isto he hum milagre! ah, periquita, meu bem, minha jóya, repita sempre o nome engracado; has de tornar a vel-a tua, e minha Olaya!! E elle para não esquecer o caminho, que já dava as voltas lembrou-se de quebrar alguns raminhos dos arbustos, que a secca tinha despido das folhas, e de depo-

sitar algumas pedrinhas nas beiras; persuadido como criança que era, que sinais tão passageiros haviam de durar eternamente. A fortuna que principiava a favorecer o orphão fez com que logo tomasse com hum preto que se dirigia á fazenda, levando hum grande cesto, cheio de mandioca á cabeça, e humas espigas de milho verde na mão. O tal preto trazia por unico vestido hum cobertor de riscas ao redor da cintura. A physionomia cheia de alegria, e de bondade do negro animou o menino á que lhe fallasse, e lhe perguntasse o nome da fazenda; o Preto parou, e antes de responder fez tambem a sua pergunta: — Esta peliquita não he da senhora moça Olaya? Sim he!... respondeu logo o menino, que principiou á contar tudo quanto lhe acontecera: — como os meuninos lhe derão caca, como a menina o salvará, e lhe dára tudo quanto trazia. O bom preto ao ouvir a historia, ficou todo enternecido, e depositando o cesto no chão travou huma comprida conversação com o pequeno, contando-lhe as particularidades da fazenda, e da familia, os nomes de todos os sitios, e de todos os individuos; como o Sr. moço, Joze Frederico, de era soberbo, ouzado, sem entradas para bichos, e gente; como pelo contrario a senhora moça mostrava-se meiga, afagavel, e caritativa. Ella dava quanto tinha aos pobres, e se achava sempre pronta á orar a favor dos escravos, e disculpa-los, que ella poupara a pareceira de Domingo, mocamba da senhora velha, huma tremenda

sova, a custa de duas duzias de palmatoadas que a mai assentara sem piedade nas mimosas maozinhas, por cauza d'uma rica porcelana da china que a preta tinha quebrado; mas da qual Olaya tomou a culpa; que desde então elle Domingos estava pronto a dar o sangue, e á morrer debaixo do chicote por Olaya; que elle levava todos os recados, e presentinhas de huns meninos pobres da vizinhança; entretanto huma menina tão perfeita não estava ditosa, porque a mai, que não tinha olhos senão para o filho mais velho, não gostava della; e se bem que o pai não participasse da preocupação, elle não era muito ouvido na casa, porque todos os bens erão da Senhora que tinha casado com hum filho do Reino, que principiara por ser feitor na Fazenda.

Cada palavra do pai Domingos gravava-se na memoria de Julio como sobre aço, neles riscos indeleveis das primeiras noções da meninice que ainda persistem no cerebro do velho que caduca, quando todas as lembranças da mocidade, e da idade madura já ficão apagadas.

Ao despedir-se o preto offerecendo-lhe a mão de milho lhe disse: — isto vem da minha lossa; era pala a senola meca Olaya. Como foi ao casamento da plima, ha de se para meu senhorinho. — Domingos foi-se com mil recommendações para Olaya, e noticias da Periquita; e Julio com seu accessimo de riquezas proseguio sua marcha, com as demoras, e paradas que o estado da sua saude causava, até que

tendo andado mais de huma legoa, chegou ao pôr do sol nas beiras da ribanceira, da qual pouco se apartára, e achando nella hum rancho de boyadros, havia pouco tempo desocupado, com algumas estacas e tições ainda accesos, elle o escolheu para o pouso da noute. Duas espigas torradas fornecerão á elle e á cara periquita, huma melancia, e sadia, e ambos aformecirão profundamente, no seio da natureza, e da innocencia.

Ambos acordarão com o raiar do sol. Julio entrou na estrada indicada pelos rastos da boyada. O aspecto do pais era assaz uniforme, com pequenas ondulações iguaes que se succedião sem interrupção. Hum vapor avermelhado, offuscava o azul do firmamento, sem nada tirar ao ardor do sol; alguns truncos acanhados de cajueiros, levantavão seus braços despídos de folha, acima das tocas de sapê meió torradas pelas annaes queimadas destinadas a limpar o terreno, para favorecer a germinação do capim novo; porém debalde naquelle anno os Piões não tinham esquecido este cuidado. As noutes tinham negado o seu orvalho; a estação das chuvas tinha passado, e apesar de que algumas trovoadas tivessem roncado, ellas se tinham desfeito sem dar huma pinga de chuva; e não havia sinal algum de verdura na immensa planice que todo ente dotado de vida abandonára para se refugiar nos lugares aonde se podia ainda achar alguma agoa; huma poeira sutil, e absorvente, affligia os olhos, e reseca a pelle, e a garganta; apenas o canto d'algumas cigar-

ras interrompia o silencio de morte desta solidão, que teria assombrado o nosso pequeno viajante se elle, quando chegava no cume d'algumas das ondulações do terreno, não tivesse reencontrada com a vista a ribanceira, cujas voltas no immenso campo pulverulento, se assemelhavão ás d'hum fita de prata com duas orlas verdes.

Brevemente a calma que a proporção que o sol subia, ganhava em intensidade, o obrigou á cortar para a ribanceira, dirigindo-se á hum bosqueziinho de algodociros do matto, Jaquapirões, e Imbaibás aos quaes a proximidade d'agoa conservava sua vicosidade.

• Elle, neste azilo, já encontron primeiros occupantes. A companhia era numerosa, e se compunha d'especies d'individuos, gentes, e bichos, pertencentes á muitas nações. Na occasião em que Julio chegou, o grande negocio do almoço occupava á todos. As bestas descarregadas fartavão-se do viçoso capim, cuja frescura, defendida pela sombra, e a humidade contrastava com a nudez do campo; não havia precisão de as piar para as conservar no pequeno recinto da parada. Os donos comião, com grande vontade, varias carnes assadas de Pácas, Catitús, Jacús, Zobelês, e outras caças, com bolaxa, e boas garrafas de vinho, não faltando o café preparado na sua competente maquina de folha. A Personagem principal era homem já de idade madura, de physionomia risonha, e agradavel, com olhos azues, vivos, e expressivos,

e rosto avermelhado: da cabeça, algum tanto calva na somnidade, descendião sobre os hombros, compridos cabellos brancos que chamavão o respeito: calça, e miça brancas, botims de couro, e chapeo do Chili formavão seu traje: quatro joyens, no mesmo uniforme, estavam sentados á direita, e esquerda do chefe. Dois piões no traje sertanejo, feito tudo á custa do couro, hum Caboculo em ciroulas, e dois pretos que servião, completavão o numero dos entes racionais. Os bichos, além das bestas de carga e cavalgadas, fazião ainda hum maior numero; dois caens perdigueiros, hum catitú manso, hum tatú em huma gaiola: hum grande mono, dois micos, cinco ou seis papagayos esperavão com grande impaciencia, soltos, ou amarrados nos cofres, que repartissem com elles da abundante comida, e por saltos, ou vozes da linguagem privativa da sua especie, chamávão sobre si a attenção dos que convivião.

No chão jazião vazias peças da caça, entre aves raras, quadrupedes, e reptis, em quanto muitos couros de toda bixaria estavam ao sol extendidos a secar, e entre elles o recente d'huma giboya de monstruoso tamanho, que se matára, e se esfolára no dia antecedente. Os instrumentos da caça, descanzavão aos lados dos individuos, ou encostados ás arvores vizinhas; em fim varias redes de apanhar borboletas, thermometros, caixotes de guardar girantas, e papelões para as secar, e outras mil miudezas indicavão que a busca dos objectos d'his-

toria natural fazia a principal occupação daquelle rancho.

Com effeito essa expedição era feita á custa de hum Soberano d'Allemanha, amigo, e protector das Sciencias, que não poupára desvelos, nem despesas para que desse os resultados mais satisfatorios.

O D. Willians S.... celebre naturalista, grande medico, e autor de varios tratados estimados, tinha sido escolhido para a dirigir, e os quattros jovens collaboradores, que elle mesmo elegera para pintor, zoologista, botanico, e astronomico, tinham já dado, cada hum na sua repartição, provas indubitaveis de hum talento superior.

Se hum espectáculo tão novo aos olhos de Julio lhe causou muita admiração, a companhia perante a qual elle apparecia, com a sua piriquita no hombro, não ficou menos attonita. Já pintamos o aspecto que a doença lhe tinha dado. O Doutor, entre todos esqueceo o bocado que levava á boca para o considerar, e logo exclamou: — *Genus homo; especie, americana; varietas... incognita...* e com a imaginação toda cheia dos phenomenos, e monstros que as novas regiões que explorava havião de fornecer á sua sede de descobertas, cuidou que sua boa fortuna lhe trazia hum ente maravilhoso; porém hum dos piões, homem sizudo, e cuja pratica do paiz muitas vezes desafiava a sciencia theorica do Doutor, o desenganou logo, quando interrogado, declarando com muito sangue frio que era hum menino branco, muito obstruido, e hydropico. — *Oh!*

pauvre petit, disse o Doutor, eu pode curar com a *chiococa racemosa* (*). Primeiro convida a comer: — » O pião deu ao menino hum bom pedaço de lombo assado, com huma bolaxa, e não foi preciso instar para que este participasse da appetitosa refeição; porem de cada bocado que comia, elle dava com muito carinho huma porçãozinha á peregrina, o que chamou a attenção do bom Doutor sobre o bichinho: — Ordo, *picae*; genus, *Spittacus*; varietas, *pullarius*; exclamou elle; e como o passaro, se bem que assaz conhecido, não existia ainda na sua colleção, elle sentio grande desejo de o possuir, e perguntou ao menino: — Você quer vender — Não! não! respondeo este, já muito ansioso. — Mi da á Você muito dinheiro, replicou o Doutor, cujo desejo se incendia com a repulsa: não posso! não quero. — Huma pataca (Sinal negativo do menino) tres patacas, quatro mil reis, e pensando que á vista determinaria a criança que se conserváva sobre a negativa, fez luzir o metal amarello aos olhos do menino. Mas este escondendo a avezinha entre ambas as mãos, e dando-lhe muitos beijos, com lagrimas nos olhos, respondia: — Nada! não a venderei por ouro, nem prata; meu bom anjo, minha Olaya ma deu; não, periquita da minha alma, jamais te largarei. —

O Pião sobre a vizão do qual o rico metal não exercia pouca influencia, e que ardia a cada mo-

* Vulgarmente cainca ou rais preta.

mento de ver prodigalizar tantas riquezas para adquirir bagatellas das quaes elle não daria dez reis, não se pôde conter, e exclamou — « V. m., quero dizer, V. S. está muito bom em demasia, esta cousinha não merece dois vintens; os sertões estão cheios disto. Eu vou assentar dois pontapés n'este bragerete, e tomar-lhe o passaro que não vale a quarta parte do que comeo! — » Oh no, no! disse o Doutor, isto estar injusto: — o esforço da sua magnanimidade talvez fosse neste instante igoal á de Frederico o Grande, quando deixou existir o moinho de *Sans-souci* no recinto do seu palacete, ou de Napoleão quando na occasião de se comprar as propriedades que devião dar lugar ao Paço do Rey de Roma, soffreo que hum proprietario teimoso, que nenhũa offerta pôde reduzir, guardasse sua casinha.

(O resto para o proximo numero.)

replica superflua, foi-se, e o Nabab jamais soube d'elle.

LITTERATURA.

OLAYA, E JULIO,

A PERIQUITA.

NOVELLA NACIONAL.

Aliás a certeza de achar muitas periquitas da mesma especie ajudou muito para que o bom Doutor se mostrasse juiz tão imparcial entre si, e o fraquinho dono da ave. Se o bicho em vez de ser vulgar nas colleções da Europa, e já classificado por todos os nomencladores, pertencesse a hum genero novo, ou mesmo tão raro que se não contassem se não hum ou dois individuos nos Muzeos, não posso affirmar que o Doutor, por virtuozo que fosse, e acerrimo inimigo do despotismo, contra o qual tinha fulminado nas suas obras impressas, tivesse achado forças para resistir á tentação de se apoderar de hum thesouro de inaudito valor aos seus olhos, e não tivesse consentido a hum acto de

arbitrariade, que apesar de quantos equivalentes em dinheiro podia dar ao menino, obrigaria a vontade deste innocente, e talvez lhe custaria a vida, a qual, no extremo de saude em que se achava, podia findar com as saudades do bichinho, que amava unicamente como prenda daquella que chamava seu anjo. Mas o gosto dos collectores de curiosidades das artes, ou da natureza, não raras vezes degenera em paixão desordenada, que como qualquer outra, quer satisfazer-se por *fas et por nefas*. A historia nos apresenta exemplos de sabios mui probos, e philantropicos que esta paixão levou ao ponto de commetter furtos, e mesmo mortes.

Felismente a virtude do Doutor não foi posta á humna prova tão extremosa; e de mais a mais hum novo incidente veio fazer diversão. Huma magnifica borboleta tinha pousado na areia das margens do Rio, e chupava a humidade. — «Ordo Lepidoptera, genus papilio, tribus equites.....» gritou o Doutor, e esquecendo o menino, a Periquita, e o resto do Universo, lançou mão da rede do ar, e correu para a caça borboletal; dois dos seus collaboradores foram á poz elle com suas competentes redes de garça verde; como a refeição já estava no fim, hum terceiro pegou a espingarda para visitar as matilhas da beira d'agoa, azilo de quantos bichos tinha o districto; os cães o acompanharão; e o quarto poz-se soceadamente a desenhar o prospecto do lugar da parada, em quanto os Psectos se tartavam com os resquícios do almoço,

e os Piões enxugavão as garafas meio vazias, e davão repetidos abraços a hum odre de razoavel dimensão cheio do estimavel licor da cana patricia. O Caboculo, se distinguia entre todos pelo fervor do culto que rendia á preciosa borracha.

Julio tendo-se apartado hum pouco, observava tudo. Dalli a pouco elle vio os camaradas, á ordem que hum dos jovens naturalistas trouxe, recolher nas caixas todo o contheudo, carregar as bestas, en-sellar as cavalgadas, e sem esperar pelo Doutor, pôr-se em marcha, levando a mão a bestinha que elle costumava montar. Com effeito a Borboleta, o eques troius, não tinha sido tão facil de se apanhar. No primeiro assalto o leve bicho quasi que se deixou sorprendender. A rede fatal já o cobria, quando por hum intervallo entre o chão e huma porção da circumferencia do arame, elle pôde escapulir, e então deu que fazer aos trez inimigo; ora levantando-os apoz si nas beiras da ribanceira, ora divagando na campina queimada; humas vezes parando emcima d'huma folha, até elles já estarem tão perto que se cuidassem senhores da preza, e logo como por mangação, disparando n'hum vôo seguido, que os obrigava á dar huma nova carreira debaixo dos rayos de hum sol ardentissimo. Mas nada podia deter, ou cançar os caçadores que neste seguimento já se achavão a quasi meia legoa pelo Rio abaixo; razão porque o chefe mandou ordem a bagagem que o viesse encontrar.

O Menino depois do estrondo desta scena sen-

tiou-se acz triste, e abandonado; mas a voz da sua Periquita o fez tornar em si. Ella como se o quizesse premiar de não a ter querido trocar por tanta outra somma, como a que fôra offerecida, principiou a repetir humas poucas de vezes o nome d'Olaya. O Pequeno a recompensou com mil affagos, e sem mais se lembrar do futuro, ou do passado, principiou a brincar com ella debaixo da sombra, até que dando-lhe somno se deitou na relva, juntamente no lugar aonde o Doutor estivera sentado. Quando acordou meneando a cabeça como quem sacode o somno, elle bateu sobre humra cousa que suppoz ser pedra, e querendo apartal-a, reconheceo a bolsa que o Doutor puxara para lhe mostrar a moeda d'ouro, e que largára incautamente no chão, para lançar mão da rede, quando a improvisa vista do eques troius veio fazer diversão á quantas outras idéas o occupavão naquelle instante.

Julio divertio-se hum instante com o feitio da bolsa, e supputo do dinheiro; mas os principios de probidade que tinha mamado desde a infancia não permittião que o desejo de se apoderar della nascesse na sua mente. — « He a bolsa daquelle senhor, disse elle a sua Periquita, que nos deu hum almoço tão bom: vamos restituil-a; talvez ainda nos dê outra vez de comer, e algum dinheiro para comprar ao depois daquillo que eu mais gostas. »

Elle immediatamente seguiu os rastos da tropa,

• e como já o sol declinava, não chegou antes da noite ao novo rancho, que a expedição tinha evacuado de tarde. Julio e seu bixinho ceiarão com as espigas de milho que ficavão do dia antecedente; dormirão no rancho, e ao outro dia madrugarão tanto, que vierão encontrar com os naturalistas às mesmas horas da vespora, e na mesma occupação do almoço. Julio metteo a bolsa nas mãos do Doutor, que só neste momento deu fé da perda do seu dinheiro, pois que seu desapêgo á riqueza era talvez igoaal á sua paixão para a historia natural.

• Suppôr-se-ha facilmente que todo o interesse que o bom Doutor sentira á primeira vista á favor da infeliz criança, e que só o recusar da venda da periquita podêra apagar, ressussitou ao tresdobro. A prova de probidade que Julio agora dava, realcava a de desinteresse que dára na vespora. Depois de ouvir a triste historia do pequeno, o Doutor o considerou como hum orphão que o Ceo lhe mandava propositadamente para que o curasse, e o amparasse, e decidio com applauso geral que Julio, e a sua periquita serião, daqui para diante, considerados como aggregados á expedição. A cura do menino principiou neste mesmo dia; depois de lavado á fundo na bella agoa corrente, fizerão-lhe huma pequena guarda roupa á custa de todos, e o Doutor entrou á empregar a callicoca epicacuanba, a cinchona officinalis, e a chiococa racemosa que os tropeiros, por seu maior escândalo, continuavão a chamar poalha, quina, e raiz preta. A virtude

destes trez especificos, e sobretudo o bom alimento, e satisfação de se ver tratado com carinho, e benevolencia, em breve restaurarão a saude do recrutado naturalista: em breve o ventre desentumecido, os membros recuperarão a força, os beiços, e faces apresentarão o colorido da infancia, e os olhos a expressiva viveza, indicio da agudeza do seu espirito, e sympathica disposição do seu coração. A mesma crise da doença foi a pròl do desenvolvimento physico; Julio em poucos mezes creceu prodigiosamente, sem que disto resultasse prejuizo qualquer á robustez. Elle áquella epoca já não era membro inutil da pequena colonia errante, servindo-se da rede borboletal com maior destreza do que os mesmos mestres, subindo no cume das arvores mais altas para ir procurar os specimens da floreação, ou da fructificação, desencantando vegetaes, e insectos, aonde o bom Doutor muitas vezes não suppuzera que os houveria, e valendo-se de toda a agilidade, e experiencia do campo que seus habitos d'infancia, quando vagava com os pequenos companheiros nas caminhas patricias, lh' tinham adquirido, para servir os seus bemfeitores, e pagar o trihuto da gratidão.

Entretanto a expedição ia progredindo nos sertões, e avançando lentamente, por causa dos pouços, e digressões á esquerda, e direita, para a Provincia do grão Parà, termo dos seus trabalhos. Julia não se sabia explicar os motivos daquella vida selytica, aliás deliciosa para huma criança, e mesmo

com muitos attractivos para os homens de genio activo, e emprehendedor: mas bem pouco se lhe dava das razões, ou do fim da expedição: elle deixava correr o tempo, e as cousas, contente do momento presente, e nisto as crianças se avantajão muito aos homens, que não podem chegar á semelhante disposição d'espírito, nesta sua jornada terrestre, sem os maiores esforços de philosophia: hum unico pesar inquietava o menino: elle tinha perdido todo o sinal do caminho para a Fazenda aonde morava Olaya, e apesar d'ignorar o rumo em que vagavão, não podia deixar de observar que cada vez mais se afastavão della. De vez em quando elle perguntava ao

- Doutor se já não estavão perto do cabo do mundo, e se então não havião de voltar pelas mesmas pisadas? O Doctor sorria-se, e huma Flor a colher, hum bicho á caçar, hum mimo á fazer a sua Periquita mudavão a direcção das suas idéias.

A Periquita o não largava de dia, e de noute. A sua effectiva morada era o hombro de Julho, ao qual, conforme o instincto da sua especie, ella criou hum amor tão singular, e despotico, que não permittia que qualquer outro bicho, ave, ou quadrupede, se chegasse a elle, e quanto menos lhe fizesse festas; as mesmas borboletas, que apanhava, erão o alvo do furor della, e não era possivel pregal-as com os alfinetes para fóra da copa do chapeo de palha, como os mais companheiros fazião, sob pena de as ver dilaceradas. Ella o castigava a elle mesmo

quando não dava bastante attenção as suas caricias, e beijinhos.

Era assz incommodo penetrar os fechados, correr as catingas, e subir as arvores com a delicadissima ave no hombro, e Julio procurou eximir-se da tal obrigação, deixando-a com a bagagem na companhia dos outros bichos. Mas esta fez tamanha algazarra, e deu tantas proyas de desesperada, que elle não teve animo de persistir na sua resolução, e de affligir a sua Olaya, nome que todos tinham dado a periquita porque era a unica palavra que jamais apprendio á repetir, motivo pelo qual ainda era mais cara á Julio.

O Doutor não se podia cançar de observar as particularidades do instincto deste bixinho, e do que chamava amores andropsittacinos da avezinha, e do parvuli Achatis alcunha com que designava Julio, que por agradecimento a quem o curára e lhe mostrava tanto interesse, acompanhava com especialidade o Doutor nas suas divagações scientificas, e por continuas attensões, e serviços, ficou-lhe tão bem accito, que aquelle bom homem já não podia dar hum passo sem que a criança fosse a seu lado.

Hum acidente que por pouco ia sendo fatal á ambos estreitou ainda a sua intimidade, e a exaltou á ponto de chegar a se assemelhar áquella que existe de Pai á Filho. Hum dia que o Doutor, e seu fiel escudeiro pesquisavão as beiras pantanosas de hum Rio de volume d'agoa assaz avultado, porém que

por manar em planices quasi sem declive dava arez de dormente, havendo toda huma vegetação aquatica de ambas os lados, elles derão fé d'huma flor magnifica, que se podia alcançar bem com a mão, baixando-se algum tanto além da beira, por cima d'agoa. Polyandria monogynia, exclamou o Doutor extasiado, familia hydrocharidum, genus novum — e com precipitação baixou-se para se apossar della, conseguindo com effeito agarrar a astea; mas esta que cedo no principio, logo por sua elasticidade encolheo-se, e esta leve reacção bastou para romper o equilibrio em que o Doutor estava, de forma que cahio de cabeça dentro do rio, e o peso d'agoa logo o carregou pelo rio abaixo.

Apenas Julio vio cahir o seu bemfeitor, que sem se lembrar que não sabia nadar, elle se atirou para o socorrer, e apesar de se agarrar as plantas aquaticas, foi levado pela força da corrente, e ambos ião ser victimas da vegetal serea, que não lhes patenteára tantos encantos senão para os perder, se o Caboculo, que bem perto, com setas rombudas, caçava beija-flores, não ouvisse a bulha, e gritos, e não corresse em seu socorro. Este que nadava como hum peixe os tirou d'agoa já meio afogados. Assim mesmo o Doutor não tinha largado mão da hydrocharides, que a impulsão da queda fizera romper, e mal voltado em si, principiou á analysar os seus caracteres botanicos, e Julio ainda mais exanime, não se lembrou senão da Periquita, que tendo escapado com o socorro das

zas, dava gritos atordoantes em procura do amor.

A prova de dedicação que Julio dera ao seu protector não foi perdida para o tão bemfazejo, como entusiasmado coração deste, que consagrou ao orphão o amor de pai, e decidio na sua mente que jamais o abandonaria. O seu primeiro cuidado foi de lhe determinar hum ordenado, aliás já merecido pela utilidade de que era a expedição, e a segunda de tratar da sua educação, dando-lhe elle mesmo lições com toda a assiduidade qua a vida que fazia permitia, e convidando os collaboradores á que o ajudassem a cultivar a planta generosa, achada no deserto, que não pedia senão cultura, para dar os melhores frutos; e com effeito Julio dotado de engenho vivo, e genio docil, fez grandes progressos, tanto por natural curiosidade, como para agradar as pessoas que tomavão nelle tanto interesse.

Entretanto o tempo passava, e a expedição a travez dos sertões, serras, campinhas, villas, e ermos, fazendas, e matarias, ora subindo rios, ora descendo outros, ora passando fomes, e inclemencias do tempo, ora na maior fartura do mundo, sempre favorecida pelas autoridades, e habitantes, que tanto para cumprir as ordens positivas do governo do Brasil, cuja liberalidade neste respeito mercede os maiores louvores, como por natural hospitaleira disposição, prestarão todos os socorros de que podião dispôr, tinha por fim chegado triumphante, e apezar de bastantes perigos e doenças, sem perda de nenhum dos membros, á metropoli do grão Para

meta dos seus trabalhos, e lugar marcado ao embarque para Europa.

O Doutor empregou toda a diligencia em arranjar, e encaxoitar os immensos thesouros d' historia natural, que reunira durante sua prolongada viagem; thesouros mais preciosos na sua opinão do que quantos o Tijuko, o Potosi, ou a Serra do grão Mogor encerravão! conquistas admiraveis que enriquecem o pais sobre o qual ellas se ganhão!

Em fim o Doutor depois de premiar além das suas esperanças, os tropeiros, e camaradas, metteo-se a bordo na companhia dos collaboradores, e de Julio seu filho d' adopção.

- Este já não era aquelle menino simples, e criado á ley da natureza, que se achou abandonado nos sertões. O corpo, e o espirito se tinham juntamente desenvolvido. Ao physico era hum jovem elegante, de boas maneiras, e de tracto agradável, e seguro. Ao moral a educação tinha sazonado as prendas naturaes, e innatas qualidades d' huma alma elevada. Elle sentio huma quasi irresistivel repugnancia á abandonar a patria. Huma saudade indicivel o ligava ao sólo que Olaya habitava, não porque este sentimento fosse amor, a idade em que a vira, e a rapidez d' huma unica entrevista não davão lugar a isso, mas era hum composto de todas as lembranças, e emoções da meninice, e de mil scenas de interesse sem igoal áquella idade, entre as quaes a da Fazenda dominava, com todas as circumstancias pertencentes a apparição angelica da engraçada

bemfeitora. Assim mesmo a voz da gratidão, as instancias, e os affagos do bom velho ao qual tanto devia, e as solemnes promessas de o tornar á mandar para o Brasil á primeira requisição, prevalecerão para que embarcasse.

A Periquita o acompanhava. Unica entre todos os irracionaes que assistirão ao almoço do primeiro encontro, ella tinha escapado ás vixitndes da viagem; mas não sem ser lido seu quinhão dos sofrimentos, e perigos da peregrinação. Quantas pancadas e arranhaduras apanhara nas capoeiras, e fechados, que Julio rompia! quantos tombo dera! hum dia ella cahio no fogo, e quasi que assou os pezinhos. Outro dia hum mono contra o qual n'hum accesso deciu-me se lançara, lhe deu hum apertão de que ficou estropiada d'hum aza. Ultimamente os excessos, e ciumes da sua paixão por Julio, tinham devorado a sua existencia: a velhice anticipada, e frequentes accidentes pronosticavão a morte proxima; e com effeito quando a embarcação chegou á região dos frios, ella principiou a definhar, e se bem que toda morosa, e gostava, jamais sahia do peito, ou da cama de Julio, assim mesmo as forças a abandonavão, e huma madrugada, este, ao acordar, achou a sem vida encostada à hum das suas faces: apesar de prever esta perda, a dor que transpassou o coração de Julio foi tão aguda que lhe deo hum vago; quando voltou em si elle rompeo em choros, e ais, e foi preciso toda a influencia do Pai adoptivo e as caricias, e consolações que lhe prodiga-

lisou para o socegar, e o determinar a tomar alimentos. Aliás não faltarão á pobrezinha defunta as horas funebres que sua dedicação exemplar merecia. O Pintor tirou della huma perfeita copia, e o Doutor, com as proprias mãos, a embalsamou, e preparou com toda a perfeição, que huma longa pratica o habilitára á dar ás obras desta natureza. Finalmente huma rica boceta d'ouro a recebeo, e na tampa o Doutor, que tinha presunções de poeta, insculpio, em ar d'epitaphio, o seguinte verso latino.

*Ex ave tantillâ constanciam edisce, puella. **

Julio collocou o pequeno tumulo encima do coração, e jamais o largou antes do casamento.

Entretanto a viagem de mar findou sem novidades. Não entra no meu plano narrar o distincto recebimento, honras, e premios com que o Soberano manifestou sua satisfação ao Doctor Williams S. e aos seus companheiros. Julio foi apresentado á Corte: os seus ordenados forão transformados em huma pensão vitalicia bem sufficiente para viver com decencia. O Doutor o mandou para a celebre universidade d'Jena a ultimar seus estudos. Julio distinguio-se por seus talentos, character, e conducta, mas o clima não lhe provou bem, e os rigores dos invernos abalavão sua robusta saude, e o enchião de huma melancolia que virava sobre o passado, e as lembranças da patria. Elle gastava horas

* Meninas apprendi de tão diminuta ave á serem constantes.

á chora sobre a caixinha que recelava sua periquita. O mal do pais, a mais cruel de todas as doenças moraes, e que devora a substancia dos ossos, o agarrou á epoca da puberdade: elle á vista definhava; e o bom Doctor, depois de apurar quantos meios a sua sciencia medica, e a dos seus doutos amigos proporcionavão, já andava desesperado, quando elle hum dia sorprehendeo Julio na sua occupação favorita, que até então escondia a todos os olhos, banhado em lagrymas, á contemplar a periquita. Julio atirou-se aos seus pés, e entre soluções exclamou. — « Meu bemfeitor, meu pai, perdoai!... Eu morro senão tornou para meu pais.... O Doutor pegou-o no collo, o regou com seu pranto, e lhe disse... — filho vai: não te demoro; tu erás a consolação da minha velhice, a allegria dos meus olhos, o orgulho destas minhas cãs; mas quando a Providencia te confiou de hum modo tão singular no sertão ao meu amparo, foi para tua felicidade, e não para minha satisfação. Vai para tua bella patria cujos ares amenos, e brilhante sol valem mais que todos os refinamentos da nossa civilisação. Tu levas contigo a benção deste velho para o qual quizestes huma vez sacrificar a vida! — e como a paixão dominante jamais perde seus direitos, depois de alguns momentos de reflexão, o Doutor accrescentou: — tu serás para lá meu correspondente. Eu te ensinei a preparar toda casta de bichos, e vegetaes; espero que me has de fazer grandes remessas.

tos, e muitos louvores pois recebão as guarnições Inglesa, e Francesa, que tiverão huma occasião tão conspicua de desenvolverem a energia que os caracteriza, e de mostrarem a promptidão com que correm á servir a causa da humanidade até quando lhes he estranha.

Pelas 4 horas da tarde ainda se trabalhava por extinguir os ultimos restos desta hydra tão perigosa.

(*Correio Mercantil.*)

LITTERATURA.

OLAYA, E JULIO,

ou

A PERIQUITA.

NOVELLA NACIONAL.

Não era a tenção do bom velho mandar seu filho d'adopção sem que fosse bem provido, e portanto além de lhe remetter o emporte de todos os ordenados que se tinhão accumulado até huma soma já assaz avultada, e de lhe fazer adiantar dez annos da pensão, elle o dirigio com as mais poderosas recommendações á huma das principaes casas d'hamburgo que se propunha commenditar huma

casa em Pernambuco. As proteções de Julio, suas boas maneiras, grandes talentos, qualidade de Cidadão Brasileiro, e os consideraveis fundos com que entrava, fizeram que obtivesse as maiores vantagens na nova associação: o prazer de tornar para sua patria, a occupação para se abilitar na sua profissão, e a viagem do mar, restanrarão completamente a sua saude.

A fortuna accômpañou a nova casa que trabalhava com potentes meios, e tão bem sustida pela de Hamburgo, cujas especulações com o Brasil forão feitas nestes inicios sobre escala mui grande, que apenas tinham passado trez annos, e já Julio não teria dado o que lhe tocava por cem contos de reis, e como a ambição, e o amor das riquezas não o dominavão, elle já se lembrava de liquidar pois que Pernambuco não era senão o primeiro pouso para sua volta a seu paiz, e não lhe offerecia aquella felicidade para a qual seu coração anhelava, e que suppunha sómente encontraria nos seus caros sertões. Elle já chegára á idade das paixões, e com huma alma tão terna, como ardente ainda não tinha achado o ente que devia fazer o destino de sua vida: alguns namoros passageiros tinham terminado em frieza, ou desgosto; a antiga melancolia o assaltava; e os tête-à-têtes com a perequita embalsamada já erão frequentes. Elle não amava a pequenina Olaya que vira; mas não podia amar outra: muitas vezes a sua imaginação lhe representava os sitios natalicios, e no seio d'elles huma figura encantadora, dotada de

quantas perfeições podem existir, e sempre esta figura vinha vestida de cor de rosa com cinta azul, em huma palavra, tal qual a engraçadinha menina da Fazenda promettia que havia de vir a ser, e quando Julio acordava d'estas illusões. — Ah! dizia elle á Periquita, e ella existiria ainda? e com tantas prendas? e com seu coração libre? e os pais á não obrigarião a casar? — Tantas duvidas, e sonhações findavão por huma abundancia de lagrimas.

Entretanto elle não ousava se abrir a ninguem, e menos indagar d'aquillo que tanto o interessava. Era hum cuidado que não queria fiar senão de si mesmo: mas a liquidação de huma casa de commercio de grandes, e longinquas especulações he obra assaz complicada. Julio esperava para as realizar o resultado de varias expedições, e o tempo corria quando huma manhã, estando ainda na cama, elle vio entrar o seu socio, homem já maduro, e consumido na sciencia commercial, com certo ar de preocupação, inusual em hum homem que se conservava quasi sempre impassivel. — «Julio, disse este, A secca que afflige nossa provincia castiga com inaudito furor as do norte. O Ceará entre todas está perdido: os sertões ficarão desertos, todo fugio para o Beira-mar e amontoou-se na Cidade; huma horrenda fome decima a infeliz população: o Governo se lembrou de recrutar entre a mocidade esfaimada, e eu julgo que não pode haver melhor occasião para huma especulação que estou já calculando ha hum mez, de mandar para lá huma embarcação com

mantimentos da terra: venho tomar o seu parecer — Todos os sentimentos concentrados no coração de Julio rebenarão com inaudita força ao ouvir esta proposição. — Sim, gritou elle pulando da cama, sim não pode haver melhor especulação! He humia mina d'ouro! Eu mesmo a quero dirigir e acompanhar. — O socio ficou passado com tamanha impetuosidade; elle não estava accostumado a ver Julio tão aspero para o ganho, mas o interesse que, á seu ver, este tomava, no bem da casa, não lhe podia desagradar, e portanto elles em breve decidirão, e aprontarão a expedição que se fez em ponto maior, como dirigida por hum dos Chefes da casa.

Os ventos favorececerão a impaciencia de Julio cuja preocupação chegava a ponto de delirar; o instante decisivo da sua existencia tinha chegado; o seu coração arquejava; o ar lhe faltava; imagens fantasticas escurecião-lhe a vista; as noites passavão em longos pesadelos aonde as scenas dos sertões se confundião com mil quimericas visões de perigos, de fogos, d'abismos, de combates, e humia tal excitação mental poderia lhe ser funesta, se a embarcação não desse fundo no terceiro dia de noite.

Ao outro dia Julio embarcou com o capitão do seu navio, no escalar da saúde, como fora de si pelo gosto de ver o solo natalicio, e o receio de que ia apprender, ou achar sobre o vital interesse do seu coração.

Ao saltar em terra elles toparão com humia companhia de recrutas que alguns soldados condizião

á bordo; era na occasião de se fazer a chamada: não podia haver aspecto mais deploravel: todos estavam em farrapos, tão desfeitos pela fome, sezões, e be-xigas, que mas se parecião com hum comboi de doentes que vão para algum hospital, do que com qualquer outra cousa. Julio commovco-se profundamente á vista dos seus infelizes comprovincia-nos, e avançava para lhes distribuir alguma gra-tificação, quando o nome de José Frederico de pronunciado pelo sargento que fazia a chamada, fe-xio seus ouvidos. — Presente — respondeo com tom assaz energico hum vulto alto, e que fóra robus-to antes que as privações, e doença lhe tivessem dado as apparencias de hum esqueleto — Sois José Frederico de filho de fulano.... dono da Fazenda de perguntou-lhe rapidamente Julio que correo para elle — Sim, respondeo com alguma hesitação o recruta — Ceos em que estado vos venho achar. — Não tenho conta que dar a ninguem do meu estado, tornou aquelle, com hum resto de soberba; vou servir minha Patria, e meu Im-perador! e esta phraze foi pronunciada em tom que a ironia, e o desespero se disputavão — Deos me li-vre de vos offender contestou Julio; antes quero vos ser util que he feito de vosso pai? — Está fe-liz; morreu. — E vossa mai — Ella vive... contada. — Onde está? que he feito d'ella? — O re-cruta, ainda que com assaz reluctancia, respon-deu. — Está aqui... que lhe importa? ... — mui-to! tudo! devo-lhe tudo, vamos aonde está —

Não posso . . . Vou embarcar — Não seja isto obstáculo . . . — E Julio dirigindo-se immediatamente ao alferes que commandava o destacamento obteve facilmente que elle, e o commandante da sua embarcação, já conhecido daquelle official, ficassem ambos fiadores do jovem cearense.

— Agora vamos disse Julio . . . — não podeis ir tão longe . . . não posso . . . dê-me alguma coisa para comer . . . o almoço que o Imperador me dá, está a bordo, e fallecem-me as forças — « não seja por isso » — interrompeo Julio, e puxando por huma mão cheia de patacões elle lha entregou. José Frederico mostrou-se assombrado com a ddiva, e como sua alma, se bem que prostrada pela má educação, e os vicios, éra ainda susceptivel d'alguma generosidade. — Não quero, não mereço tanto, disse elle com a cabeça baixa; basta hum patacão; guardai o resto para minha mãe e minhas manas! coitadas! e huma lagrima rompeo nos torvos, cavados olhos. — Não tenha cuidado disse Julio haverá muito mais para vossa mãe . . . corra almoçar. — « Em quanto este devorava na venda proxima alguma coisa Julio, incumbio ao Capitão do seu navio que repartisse huma boa quantia entre seus infelizes compatriotas, e como José Frederico, já estava de volta, gritou: — vamos! vamos! — senhor disse este, já todo respeitoso, e subjugado pela vontade irresistivel de Julio, olhai que he demasiadamente longe em caminho ariente, e sem sombra; não seria

melhor para evitar a areia, e a calma? —
Que areia! que calma! replicou Julio: vamos!
vamos! isto he negocio de vida e morte. — O ou-
tro não replicou palavra, e foi adiante á mostrar
o caminho. Elles atravessarão, a Cidade, e entra-
rão em huma comprida estrada de areia movadiça,
e abraçada por hum Sol devorador . . . mas Julio
nada sentia; nada via . . . vamos! vamos! dizia
elle de quando em quando ao guia, que a fraqueza
retardava; estas erão as unicas palavras que pro-
nunciava, e ainda que fosse natural indagar do Ir-
mão alguma cousa da familia, não quiz, nem pô-
de articular huma só expressão sobre este particu-
lar; elle queria ver por seus olhos! ultimamente,
depois de deivar a traz muitas casas isoladas, e pa-
redões de chacaras, elles chegarão a hum descam-
pado, e avistarão cinco ou seis chupanas, ou san-
zalas, grupadas de hum, e outro lado da estrada,
chegados que forão á ellas. — Eis, disse José Frede-
rico, apontando pela mais humilde, a residencia
de minha familia! ide vós não tenho
animo de as ver Coitadinhas! e em parte por
minha culpa! — ao dizer isto elle se abafou
em huma das chupanas, e Julio foi ter á casinha
que se lhe indicará. A porta, que constava de
huma simples esteira, neste instante estava aberta.
Sobre hum banco, algum tanto sahido para fóra,
huma garrafa e hum copinho indicavão que ali se
vendia cachaça . . . Julio bateo as mãos, e huma
esfuça já idosa, algum tanto nutrida, de cara riso-

nha appareço. — « Faça-me favor de hum bocadinho d'agoardente, » — disse Julio, atirando com hum patação encima do banco. A mulher apresentou-lhe o copinho — « não tenho troço para tão grosso dinheiro, observou ella. — Que importa! guardai todo.

A mulher admirada encarou a pessoa que paga va com tanta grandeza hum caliz de cachaça; mas vendo-o tão exaustó, e com a pallidez da morte no rosto: — « Maria! Jesus! exclamou ella, meu bom senhor está incommodado! sirva-se descansar hum bocado nesta pobre chopana. — » Elle entrou com as pernas tremulas, e se deixou cahir encima de huma cadeira de páo, unica que havia. A casa era de páo a pique com reboque de barro, mas varrida e aceiada. Não se vião outros moveis senão a tal cadeira, dois bancos, huma banquinha com hum pequeno oratorio, e no fundo da salinha huma girol de varas, á moda de marqueza, sobre a qual huma mulher branca de mediana idade, já entrevada, estava deitada encima de huma esteira. No chão ao pé do girol, e sobre outra esteira, jazia huma menina de 10 ou 12 annos, envolta n'hum cobertôr, e que parecia moribunda. no centro da casa havia humã almofada de fazer renda. A mulher do girol, cuja phisionomia estava alterada pelo soffrimento, e o cuidado, dava de quando em quando alguns ais, e gemidos, e dirigindo-se a cafuza disse em tom d'agonia. Tão tarde, e ainda não voltou! — Já vem. . . — Já,

e respondeo a boa da cafuza, que ficára na porta
 á vigiar; com effeito huma, moça branca, com hum
 pote d'agoa á cabeça, e hum embrulho de roupa mo-
 phada debaixo do braço, appareceo no solar da porta.
 Julio em hum indicivel estado d'ansia, fitou os olhos
 nella, e a peza rda mudança que os nanos, a in-
 felicidade, e a doença tinham feito, reconhecco
 Olaya... Erão ainda os mesmos olhos azues, com
 sobrancelhas, e cabellos pretos; embora a fome,
 e as sezões tinham á porfia apagado as rosas da
 boca, e das faces, e emmagrecido as feições! tal-
 vez a expressão da phisionomia se tivesse tornado
 ainda mais tocante. Ella era esbelta de mais, mas
 tão direita, e engraçada como a cana do brejo, e
 seu andar, e movimentos erão suaves como os
 balanços da Angelica, ao assopro das virações. Hu-
 ma simples camisa de algodão, e huma saia de
 chita côr de rosa, compunhão todo o traje, mas
 a maior limpeza, e accio o realçavão. O cordel-
 zinho de cabellos, e o coraçãozinho de corallina
 era o seu unico enfeite. Ella entrou na cosinha pa-
 ra depositar o pote que certamente fazia hum peso
 grande para as diminutas forças, e voltou á tomar
 benção á mai, que com tom assaz aspero lhe disse —
 Quanto tardastes!... Ah! mai, respondeo ella, a fonte
 está tão longe, e tão escassa? e appresentando-lhe
 huma cuiazinha com ciris, e camarões; — Eu pro-
 curei isto para fazer hum quitutezinho, a vêr se
 tira o fastio de minha mai — Esta não respondeo,
 mas demorou sobre a filha piedosa hum olhar no

qual a ternura, a anxiedade maternal, a antiga severidade, e o remorso se podião divisar á hum tempo. Olaya dirigio-se logo á criança doente — Chiquinha, minha vida, como te sentes. Toma este cajúzinho para refrescar a boca — e sem mais demora, ella, saudando o estrangeiro sem levantar os olhos, pegou da Almofada, e assentou á fazer renda. — « Olaya, meu bem, disse a boa Cafazuça, tu te queres matar. Chegas tão cansada; não comestes nada hoje, e pegas na renda. Vá tomar hum caldinho da minha pobre panella: — Jesus! respondeu Olaya, he bem preciso trabalhar: já lhe devo mais de quatro mezes da casa, e a renda vende-se tão mal e tão barata! alas! ha por aqui tanta pobreza a viver disto!.. Nunca fallas no que deves, criança, respondeo a mulher, estamos nesta vida para nos socorrer hums aos outros; em quanto eu tiver hum bocado havemos de parti-lo. Vá tomar hum caldo, e dar outro á tua mai. Julio immovel, e silencioso olhava, e escutava qual o réo que escruta as disposições dos Juizes; cada prova da miseria em que huma familia, outrora tão opulenta, estava abysmada, traspassava-lhe a alma. Mas de cada prova destas, surgia hum testemunho da bondade, da piedade filial, da resignação d'Olaya. Aliás huma duvida, e a mais terrivel, ficava a resolver, e o Jovem fez-se violencia para esperar alguns instantes mais.

Olaya tinha por fim cedido ás instancias da boa

mulher, e esta, virando-se para Julio — meu bom Senhor, isto he hum ango! Coitadinha! Ella nasceo para grandezas, e hoje não tem huma escrava para a servir, e de mais a mais tem a seu cargo a mai, e a mana doentes! Ella faz todo o serviço de casa, e de dia, e de noute trabalha na almofada; e assim mesmo está achacada de sezões! entretanto jamais se lhe ouve huma queixa! he docil como hum cordeirinho; até acha meio de fazer beneficios ás nossas vezinhas ainda mais pobres do que nós! e tão galente que he: ah se ella quizesse, não estaria nesta pobreza; ella teria achado hum bom arranjo; mas he donzella; e tão esquiva, e honradinha! —

Cada expressão da boa mulher ia retumbar no coração de Julio; parecia-lhe que huma mão de ferro lhe apertava a garganta; elle já queria fallar e não podia; por fim ao ouvir a ultima revelação, o choque de satisfação que findava tantas emoções, e ansias foi acima das suas forças; elle perdeu a vista dos olhos, em hum vago, e a não ser o costado da cadeira cahiria no chão « — Maria! Jesus! que tendes, meu rico senhor da minha alma! Santo nome de Jesus! . . . as mãos estão frias! quer alguma cousa? Julio voltado em sim, com voz esmorecida, respondeo, « — hum copo daquella agoa que aquella moça trouxe » — Olaya que chegava ás exclamações da velha, ouviu a resposta de Julio. Ella trouxe hum côco cheio dessa agoa; e offerecendo-a com pressa, mas não sem pejo, disse « — O Senhor deve perdoar, não temos copa —

Julio bebeo algumas bochechas d'agoa, e fitando os olhos sobre a linda cara toda animada por hum sentimento de compaixão, e da sympathia que qualque ente que soffria excitava nella, já se não pôde conter. A paixão trasbordou — Olaya! gritou elle, minha Olaya!.... sou eu.... sou teu Julio.... teu esposo.... não me conheces.... e puxando do seio a Periquita.... eis a nossa Periquita.... Olaya.... A pobre donzella, fóra de sim com o assombro, não se pôde ter em pé, e toda tremula, e convulsa foi cabir encima da cama da mai.... mas quem poderia expressar os sentimentos de semelhante situação. O coração humano não tem forças para os aturar, e haveria de quebrar se a suspensão momentanea das faculdades, o não subtrahisse aos seus mais agudos golpes.

Fica quasi excusado dizer que a melhor casa da Cidade recebeo a Família já ditosa, e que os quatro mezes do aluguel da pobre senzala forão pagos a maior preço do que aquelle que dez annos da dita casa emportarião.

Entretanto Julio tinha ainda que passar por hum terrivel lance, antes de se achar ad auge da felicidade, casando com sua Olaya. A antiga scena do sertão tinha feito sobre Olaya huma impressão inexplicavel; certamente, ella tinha menos razões para criar amor ao menino de aspecto hediondo que socorréra, do que este tivéra de se lembrar della com apaixonada gratidão, e entretanto a entre-vista tinha decidido da sorte de ambos elles; hum cho-

que de sympathia os tinha ferido á hum tempo, e neste instante incommensuravel, suas almas se tinham consagrado huma á outra, para a eternidade. Olaya, como bemfeitora, conservava lembranças menos vivas, e de certo não dava fé do fermento depositado no escondrijo de sua alma; assim mesmo o apego que tinha á prenda que a pobre criança lhe deixára, e que ella jámais largou, mostrava o quanto aquella scena influira nella, e quando a idade do himyneo chegou, seu coração ficou mudado; os jovens que lhe rendião homenagens tornavão-se-lhe odiosos, e ella engeitou quantos partidos se offerecerão. Aliás áquella epoca a desventura principiou á castigar sua familia: o pai, e os irmãos mais moços morrerão. O mais velho, com paixões indomaveis, e sem o freio da educação, e do respeito tyrannizou a mai, e irmãas, e dilapidou os bens; a fazenda foi penhorada; os escravos forão vendidos: a secca deo o ultimo golpe. Os gados morrerão: os habitantes do sertão forão obrigados á fugir para a Cidade. A venda das joias e trastes, susteve alguns mezes a mai e ambas as filhas, até que tendo apurado todo o recurso, ellas terião morrido á fome, e ao desamparo, se a boa dona da senzala, que os recolheo, não as tivesse ajudado: os soffrimentos, phisicos e moraes tinham debilitado a compleição delicada d'Olaya, e a explosão da faisca escondida no seu peito, á vista do seu Julio que semelhante na figura, e nos beneficios a hum mensageiro celeste, lhe trazia

todas as benções do amor, da honra, e da salvação da familia, não achou o corpo com forças para resistir á hum tal abalo: huma febre ardente a assaltou; ella esteve muitos dias entre a vida, e a morte.

Em fim hum milagre da arte, da natureza, ou do amor a salvou, e o consorcio dos dois amantes do sertão foi celebrado com toda a pompa e satisfação que a triste situação do paiz admittia. Ambos os esposos comheyando huma immensa colleição de toda bixaria, forão pagar huma visita ao bom Doutor que os regou com as suas lagrimas e os abençoou. Mas o clima não convinha a nenhum delles. De volta á sua Patria Julio realisou seus fundos, e se dedicou a Agricultura.

Antes de deixar Ceará, elle segurára a sorte da sogra, e da cunhada que sarou, determinando-lhes huma pensão annual muito sufficiente.

José Frederico de tendo melhorado à escola dos revezes, e animado com os conselhos, e socorros do cunhado que lhe avançou trinta mil crusados, applicou á restauração da sua fortuna a energia do seu character, e viveza do seu espirito. Elle hoje he hum dos homens mais abastados, e mais estimados da sua comarca.

O pai Domingos, esse bom preto que déra a mão de milho a Julio, tinha sido vendido com os mais escravos, e soffria hum duro cativoiro longe da sua parceira. Ambos forão comprados, e premiados com a liberdade, sem por isso depois de casados,

largar o serviço dos dois esposos: foi Domingos que me recebo na varanda quando o acaso me trouxe ao Engenho de Julio como o contei no prologo.

A cara Periquita não ficou esquecida. Os dois consortes lhe pagavão huma especie de culto. Eu os vi com intimidade, e sua ventura pareceo-me ter subido áquelle cume que não he dado á fraca humanidade ultrapassar.

Teria-me sido demasiadamente sensivel que a amizade de hum par tão perfeito, não continuasse além do tempo da visita, que entendi ser de algumas horas, e durou oito dias. Eu escrevi a Julio; e ligamos huma correspondencia assaz activa: se o publico acolher benignamente o Beija Flor eu tenciono inserir algumas suas cartas, que julgou merecedoras desta publicidade.

FIM.

TYPOG. DE GUEFFIER E C., RUA DA QUITANDA, 79.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)